

The background of the cover is a photograph of a canal in Amsterdam. In the foreground, a blue bicycle is parked on a sidewalk, leaning against a green metal railing. The canal water is calm, reflecting the surrounding green trees and buildings. A white boat with orange accents is docked on the left side of the canal. In the top right corner, there is a portrait of a man with short brown hair, wearing a dark jacket, looking directly at the camera.

O MONTADOR DE BICICLETAS

DR. NELSON HELLER

MÉDICO - ESCRITOR - CIRURGIAO PLÁSTICO

AWT

O Montador de Bicicletas

Por Dr. Nelson Heller

Ano 2023

Edição 01

Publicado por Pixel Aletec

“Dedico essa obra a todos
os meus pacientes da minha Clínica e
do Evento Internacional de Rinoplastia – www.rhino-brasil.com
realizado no Brasil, Áustria, Alemanha, México, Austrália e USA”

Nelson Heller

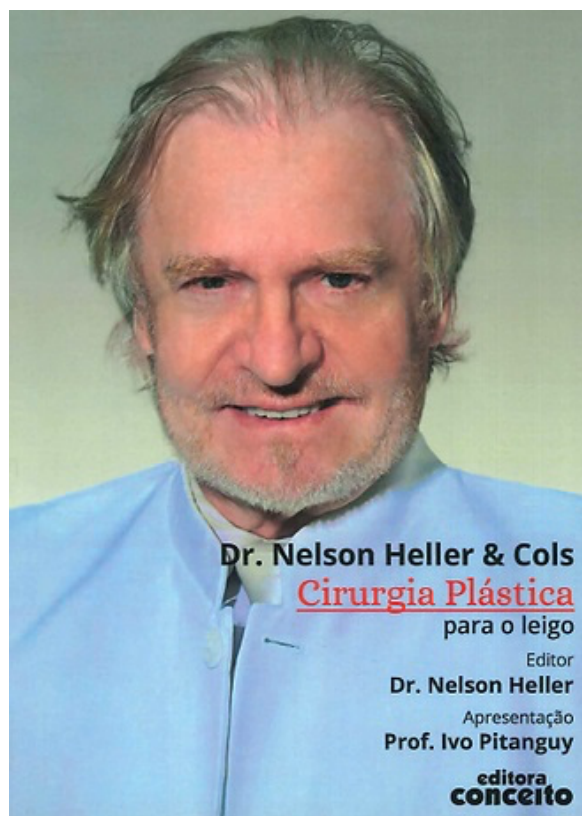
"Agradecimentos a todos os meus colegas que tornaram possível a criação deste livro. Sua amizade, apoio e colaboração foram inestimáveis e sem eles este livro não teria sido possível. Agradeço a vocês por compartilhar suas idéias, conhecimentos e experiências comigo e por tornarem este projeto uma realidade. Obrigado por serem parte desta jornada."

SUMÁRIO

Página 3	Dedicatória
Página 4	Agradecimentos
Página 5	Prologo
Página 28	Jamais perca a esperança
Página 40	Infancia
Página 43	Família
Página 47	Meus Pais
Página 51	Meus Filhos Gunther, Max Luciana e Mariane
Página 57	Meus Irmãos Henélio, Hélio e Gerson
Página 67	A Comunidade Linha Júlio de Castilhos Roca Sales RS
Página 72	Intrigas na Comunidade da Linha Júlio de Castilhos em Roca Sales
Página 86	Loucos na Comunidade
Página 91	Morte e Casamento na Roça
Página 98	Conversa com o Pastor Brakemeier
Página 106	O seminário Protestante Luterano Instituto Pré-teológico em São Leopoldo - RS
Página 115	O ingresso no seminário Instituto Pré-teológico - IPT
Página 124	Um Juiz no seminário Instituto Pré-teológico São Leopoldo - RS
Página 132	Avida no seminário Morro do Espelho São Leopoldo - RS
Página 150	Colegas do Seminário Instituto Pré-teológico São Leopoldo - RS
Página 154	Professores do Seminário Instituto Pré-teológico São Leopoldo - RS
Página 166	Aprendizado de Poesia no Seminário “Erlkönig”
Página 169	I6RO105 Primeiro Regimento de Obuses Calibre 105 Revolução da Legalidade
Página 174	Um soldado Telefonista no Movimento Revolução da Legalidade
Página 189	Descobrimo Porto Alegre - RS
Página 195	Montador de Bicicletas da Mesbla Moradias em Porto Alegre
Página 210	Curso de Medicina UFRGS – Porto Alegre - RS
Página 215	Formatura de Medicina na UFRGS e Residência Médica

PRÓLOGO
INTRODUÇÃO

Este artigo é dirigido, principalmente aos jovens, que estão em vias de concluir o Ensino Primário, filhos de agricultores e outras profissões, pois muito da vida se decide nesta etapa, que é um divisor de águas e é nela que o jovem continua na sua formação escolar, ou inicia à procura por um emprego, ou um trabalho na lavoura. No caso de um filho de



um agricultor, o chefe da família já fica feliz, pois terá em turno integral seu filho, agora já formado no Ensino Básico Primário. Na localidade em que nasci, era assim que se lidava com o jovem formando e este também irradiava felicidade, pois lhe eram dadas uma junta de bois, com o correspondente arado, com o qual preparava a terra para o plantio. Até aos doze anos participou de toda esta etapa e pode afirmar que lhe dava uma incrível satisfação dominar uma junta de bois e com o arado, preparar a terra. Mas seus pais lhe haviam matriculado, nos três últimos anos do primário, na Escola Evangélica da cidade de Roca Sales, hoje chamada Pastor Dohms e nela teve o convívio com colegas, filhos de moradores da cidade, de diferentes profissões e a vida dos mesmos era bem mais amena, como a sua, pois ao retornar ao meio dia das aulas, logo à tarde se iniciava com as atividades na lavoura, que são muitas, dependendo da época do ano, pois há o plantio, aragem, o capinar das ervas daninhas e ao

final a colheita. São todas tarefas árduas e exigem muito empenho e esforço, ainda sem as máquinas de hoje, pois na época tudo era manual. Ela manhã, logo ao acordar e antes de partir para a Escola, havia a ordenha das vacas, na qual a primeira ação, era prender o rabo da vaca em uma das pernas, para que não nos atingisse durante o manuseio dos ubres. Eu morava em Linha Júlio de Castilhos, no município de Roca Sales, junto aos meus pais e cultivávamos cana, para a produção de melado, éramos também plantadores de fumo, cujas folhas, bem cultivadas e selecionadas, a Fábrica Souza Cruz, de Santa Cruz do Sul, adquiria para a produção de cigarros, mas também produzíamos fumo em corda artesanalmente, que os moradores locais compravam, para o consumo próprio. Na propriedade havia dois fornos altos, construídos com tijolos à vista, para a secagem das folhas de fumo. Também tínhamos uma criação de suínos, que após a engorda, eram comercializados ao Frigorífico Orlandini, da cidade de Roca Sales. Um dos filhos do proprietário do Frigorífico, estudava na mesma Escola e nos intervalos e após o término da mesma, íamos observar, como os animais no matadouro eram abatidos: Passavam por um corredor estreito e ao cruzarem por um alçapão de couro, eram abatidos por uma enorme bola de ferro, que atingia a cabeça do animal. Diziam, que por este método, a morte do animal seria instantânea e não haveria sofrimento e o gosto da carne seria mais gostosa, livre dos elementos tóxicos e da adrenalina, que as glândulas do animal liberam, pelo sofrimento do mesmo, ao ser barbaramente abatido. Eu presenciei em várias oportunidades, tanto meu tio Erwino Schneider, quanto meu pai Herrmann, dar um fim ao

porco, com uma facada certa, direta no coração e os gritos do animal, os consigo sentir até nos dias de hoje, pois eram de pavor e sofrimento intenso. Na propriedade havia um engenho, constituído de três pedras de areia, redondas gigantes, que movimentadas em círculo, por uma junta de bois e entre elas colocávamos a cana de açúcar e um tacho recebia a garapa, que após seria fervida por 5 a 7 horas, até o melado estar produzido. Era no alto do inverno que mais nos divertíamos, pois ficávamos agachados, em círculo, ao redor do tacho, recebendo o calor emitido pelo fogo. O melado fica mais denso, de acordo com o número de horas em que estará sendo fervido. Se quisermos um melado mais denso, deveremos deixá-lo mais tempo na fervura. Trabalhávamos também na roça e na capina, na propriedade que meus pais, Herrmann e Leontina, herdaram da família. Os primeiros dois anos do Ensino Primário cursou a Escola Primária da Comunidade local, onde era professora, sua madrinha Dileta Maioli, que fazia as refeições e morava num quarto da nossa residência. Aos 10 anos seus pais o matricularam na Escola da Comunidade Evangélica de Roca Sales, hoje denominada Pastor Dohms, em homenagem a Herrmann Gottlieb Dohms, fundador da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, a IECLB e do Sínodo Rio-Grandense. Dohms fundou também a Faculdade Escola Superior de Teologia, EST e o Instituto Pré-Teológico, localizado igualmente no Morro do Espelho, em São Leopoldo, no qual estudou por 5 anos. A distância da nossa casa à Cidade é de aproximadamente de 7 Km e o fazíamos, no inverno rigoroso, no início, montados numa sela, com pelego, fixada sobre o lombo de dois cavalos mansos, mas logo o pai adquiriu duas bicicletas, da

marca Monarck e com as mesmas fazíamos o trajeto em uma hora. Meu pai era um exemplo de empreendedor, pois logo convidou uma empresa de ônibus, a fazer o trajeto duas vezes ao dia à cidade e para isto convidou o cobrador e motorista a pernoitar em nossa residência. Eu sou muito orgulhoso de meus pais, pois a mãe era solicitada a aplicar injeções, tanto intramusculares como intravenosas, nos membros da comunidade, recomendadas pelos médicos do Hospital da Cidade e palpitava sobre doenças normais da infância e assistia parturientes, quando os partos ocorriam no domicílio, dando assistência ao recém-nascido e os primeiros cuidados no cordão umbilical. O pai Herrmann era um verdadeiro empreendedor. Na comunidade não havia água encanada e no alto da propriedade havia uma queda d'água, fez um reservatório e trouxe a água morro abaixo, para que tivéssemos água encanada em todos ambientes da propriedade, até no chiqueiro dos porcos, paiol e na casa em todos os ambientes. A energia elétrica era produzida por uma queda d'água e dois cataventos, já naquela época, o que hoje parece que foi reinventado pelas autoridades. No Escola Primária, juntamente com o irmão Henelio, o professor da Escola Léo Winkel, os convidava para representar peças teatrais, na Sociedade Recreativa da Cidade, principalmente as natalinas, no final do ano letivo. No início do ano, em que iria concluir o Ensino na Escola Primária, hoje denominada Pastor Dohms, em Roca Sales, começou a traçar o seu futuro, pois havia estabelecido, como meta de sua vida, que iria continuar seus estudos. Próximo à cidade de Estrela morava um parente seu e o mesmo lhe acolheria e em troca pelo trabalho que realizaria em sua

propriedade, pagaria também seus estudos, de uma Escola da Cidade, à qual já havia contactado previamente. Mas parece que naquele ano de 1955, os meses nos deixaram, como num soprar de vento e quando acordou, o outubro já havia chegado. Para seu futuro,

este ano seria decisivo, pois teria que obter, em tempo, um lugar ao sol, que lhe permitisse seguir nos seus estudos. Em outra frente trabalhava a mente do Pastor da nossa Comunidade, o reverendo Brakemeier, pois lhe havia chegado ao conhecimento, de que o mesmo teria obtido vaga em Instituição Evangélica de nossa Igreja, a IECLB, no nosso Seminário Evangélico em São Leopoldo, vaga para um jovem da nossa Comunidade, há quatro anos atrás, que mais tarde chegaria ao seu nome e seria o jovem Huberto Kirchheim, que galgou postos da mais alta hierarquia na Direção da nossa Igreja, que também ficou seu amigo durante o curso no Instituto Pré-Teológico. O Huberto no Instituto, juntamente com Silvio Meincke, Adolfo Krause e me incluo também neste seleto grupo, éramos os craques no basquete e representávamos o Colégio em competições, entre Instituições Religiosas e Escolas da nossa Igreja em todo o Sul do País.

Chegava outubro de 1955 e em meados do mês, num sábado à tarde, havia uma aula de doutrina, aos jovens da Comunidade. Determinado, aos 12 anos, solicitou ao pastor Brakemeier, da Comunidade Evangélica local, a possibilidade de uma bolsa de estudos, para estudar no Seminário, Instituto Pré-Teológico, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, IECLB, no Morro do Espelho, em São Leopoldo, também chamado simplesmente de

pro, ou Proseminar. Após todos os alunos deixarem o recinto da Igreja, onde estavam sendo dadas as aulas da doutrina, fez um pedido ao Pastor, para estudar no Seminário, que surpreso, solicitou um tempo, pois iria contactar a Direção da Instituição, no Morro do Espelho, em São Leopoldo e em um mês, lhe traria uma notícia. Com toda a certeza, este mês foi o período mais longo da sua vida, pois deste acontecimento se escreveria o seu destino. Após este mês tão esperado, havia um culto na comunidade, num domingo pela manhã. Durante o mesmo o pastor Brakemeier suspendeu, do púlpito, por um instante, seu sermão e disse que teria uma notícia para dar à Comunidade. Disse, sem delongas: Gostaria e comunicar-vos, que o Nelson, filho do senhor Germano e Leontina Heller, obteve uma vaga no Seminário de nossa Igreja, em São Leopoldo e certamente daqui a alguns anos teremos como membro, um pastor desta comunidade. Tive um impacto com a notícia e minha adrenalina subiu ao seu grau maior. Meus pais, eu e meu irmão, estávamos sentados num dos bancos da Igreja. Uma salva de palmas, em pleno culto, selou este importante momento, que ficou registrado nas minhas retinas, para todo o sempre. Com toda a certeza, neste dia em que obtive um lugar, para estudar no nosso Seminário Evangélico em São Leopoldo e quando me classifiquei no vestibular da Medicina da UFRGS, em 1956, foram os dois momentos marcantes na minha vida. Não tivessem estes ocorridos, não estaria eu agora aqui escrevendo sobre datas tão importantes. Dos 12 aos 18 anos estudou no Seminário e ao sair, estava em idade de se apresentar para prestar o Serviço Militar obrigatório e o concluiu no 1º6ºRO 105, Primeiro do Sexto

Regimento de Obuses, Calibre 105, em São Leopoldo, RS. Lotado na Segunda Bateria da Companhia, como soldado raso, fez excelente amizade com o Comandante Ventura e o primeiro tenente Geyer, cujas amizades persistem até os dias atuais. Prestou o Serviço Militar na Segunda Companhia, com o número 282, exercendo as funções de soldado raso telefonista e participou também da Revolução Legalidade, onde teve como personagens, o Governador Leonel de Moura Brizola e seu cunhado João Goulart, também chamado de Jango, pela população em geral, quando foram deslocados à cidade de Lages, em Santa Catarina, para defender o Sul do País, na Revolução Legalidade, que estava prestes a eclodir. Suas funções, como soldado telefonista, eram as de manter informada a Guarnição, dos avanços do inimigo e seu grupo foi incumbido a cavar extensas trincheiras e levar a comunicação telefônica, com enormes bobinas, enroladas com milhares de metros de fios de telefone, à frente das tropas. Para nós telefonistas, era como se a Guerra estivesse em andamento, pois todo o preparo foi realizado, como se estivéssemos em plena batalha, com escavamento das trincheiras e outras ações de Guerra plena. Felizmente a Revolução Legalidade não aconteceu e toda a tropa retornou em 7 de setembro daquele ano de 1961, da cidade de Lages em Santa Catarina, à sua sede em São Leopoldo. Iniciou, durante o Serviço Militar, servindo no quartel, o primeiro científico, no Colégio Estadual Pedro Schneider, em São Leopoldo, chamado carinhosamente de Pedrinho, no período da noite. Aprovado no fim do ano letivo, foi tentar a sorte na cidade grande, Porto Alegre, Nossa Capital. Morava na avenida

Independência, no número 480, em Porto Alegre, numa república de estudantes, do sr. Luiz e foi logo procurar emprego e conseguiu colocação como MONTADOR DE BICICLETAS NA MESBLA, EM PORTO ALEGRE, cuja história conta em outro capítulo do livro. Trabalhou na Mesbla, numa secção de montagem de bicicletas, que era comandada pelo Grego, pois assim o chamavam. Durante os dois anos de estudos no Científico do Colégio Emílio Meyer, no bairro Glória, em Porto Alegre, foi melhorando seus vencimentos, passando a trabalhar inicialmente na MESBLA, a seguir como AUXILIAR DE ADMINISTRAÇÃO NO SULBANCO, localizado na avenida Farrapos, esquina com a rua dr. Barros Cassal. Trabalhava no Sulbanco, num setor chamado de Dito, onde era o responsável por bater as matrizes do Banco, que após seriam mimeografadas e distribuídas em setores do Banco. Para ir ao Colégio Emilio Meyer, cruzava de bonde diariamente a avenida Azenha e a seguir o Olímpico Monumental e numa noite, num mês de outubro, aconteceria um jogo fantástico, pois iria jogar por uma competição semelhante à Copa do Brasil, Grêmio Botafogo. Naquele dia matei as aulas, como se diz no popular, mas o interesse de todos não era o jogo em si, mas a batalha que seria travada entre o assim chamado (Pavilhão) Airton Ferreira da Silva e o multi-craque de pernas tortas, chamado Garrincha. Sentado na última fileira da geral do Olímpico, tinha uma visão espetacular das diabruras, que o maior ponta direita de todos os tempos no mundo, faria naquela noite fatídica e posso afirmar que a expectativa de minha parte foi superada, a seguir conseguiu classificação, em concurso como DATILÓGRAFO DO

BANRISUL, na agência majestosa Matriz, da Praça da Alfândega, recém inaugurada e a seguir também por concurso público, exerceu atividades na SECRETARIA DA AGRICULTURA, do RS, localizada próximo à Rodoviária da Capital, com os colegas Eno, Raul, dona Maria e Teresinha, sendo seu chefe o seu Kleber, a seguir obteve transferência para SECRETARIA DA SAÚDE DO RS, lotado no Serviço de Doenças Venéreas, tendo como chefe o dermatologista e professor dr. Raul Muller e o dr. Ralf, ginecologista, onde davam atendimento às meninas do trottoir da Cidade e também às casas noturnas Dorinha, Maipú e 113 e a homens que se contaminavam com doenças venéreas, sendo a principal doença a sífilis, para qual administravam doze milhões de unidades de penicilina benzatina, na dosagem de 1.200.000, um milhão e duzentas unidades por ampola (chamado comercialmente de Benzetacil -10 ampolas) e a sua cura é completa. Havia outras doenças venéreas, como o chamado popularmente de cavalo de crista, o condiloma acuminado e outras blenorragias, como a gonorreia, produzidas por cocos e também doenças venéreas causadas por fungos. Na época ainda não havia a AIDS, doença causada pela Imunodeficiência Adquirida, que surgiria décadas aos, assim que todas estas blenorragias proporcionavam, com tratamento adequado, cura absoluta. Na época as prostitutas da cidade eram obrigadas a possuírem uma carteira de saúde, para poderem exercer livres suas atividades, nos bordéis da cidade. No final do ano de 1963, obteve classificação para o vestibular na Odontologia da UFRGS, cursando o primeiro ano, tendo sido aprovado no final do semestre. Teve na Faculdade de Odontologia inúmeros colegas,

dos quais ficou próximo, mas somente vamos citar alguns: O Wilde, de São Leopoldo, craque também no basquete, Rui Meira, irmão do professor de materiais dentários, dr. Waldemar Meira, o Dr. No, Quarentinha, a Jane, Lídia e mais três dezenas de queridos (as) colegas. No final do ano de 1964, estudou novamente para o VESTIBULAR DE MEDICINA, estudando no interior de Roca Sales, com o amigo Heitor Ludwig, filho do dr. Benedito Ludwig, dentista da cidade, que se preparava e foi aprovado no vestibular de Odontologia, da Universidade Federal de Santa Maria. Em 1965 foi aprovado com a colocação, no 39º lugar no vestibular para O CURSO DA MEDICINA DA UFRGS E 15º LUGAR NA FACULDADE CATÓLICA DE MEDICINA. Desempregado, vivia do lucro da venda de despertadores, que comprava do Paraguai e os vendia de casa em casa, principalmente entre conhecidos seus.

Logo fez amizades no Laboratório Marques Pereira, localizado na rua Marechal Floriano, com o querido amigo, professor João Pedro Marques Pereira, proprietário do laboratório e passou a trabalhar em seu Laboratório, na área de transfusões de sangue a domicílio, método muito utilizado na época, principalmente em doentes graves e terminais. No Laboratório também trabalhava outro professor de Histologia da Faculdade de Medicina da UFRGS, o professor Galba e no Laboratório também atuava a dra. Maria Chiuchietta, muito ligada aos projetos de música clássica erudita da Cidade, cuja amizade persiste até os dias atuais.

No segundo ano do curso Médico já morava na CEUACA, Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida, na rua Riachuelo 1355, em Porto Alegre, prédio cedido aos estudantes universitários pobres pelos pais de APARÍCIO, morto numa emboscada comunista na época. A seguir fez concurso para Auxiliar de Serviços Gerais da Assembleia Legislativa do RS, classificando-se em 32º lugar e tendo sido chamado na 1ª turma classificada para o concurso. Na Assembleia Legislativa ficou lotado na Diretoria de Segurança da Casa, chefiado pelo sr. João de Matos, seu chefe e amigo. No cargo, entre outras funções, respondia pela distribuição de água e cafezinho no Plenário da Casa e também nas Comissões do Parlamento Gaúcho, estabelecendo-se por esta sua função, amizade estreita com parlamentares da época e somente para citar alguns:

Deputados: Solano Borges, presidente por ocasião do seu ingresso no ano de 1967 no Parlamento Gaúcho, Deputados desta Legislatura: Pedro Jorge Simon, Paulo Brossard de Souza Pinto, Carlos Santos, Airton Vargas, Lauro Hagemann, Mozart Bianchi Rocha, Júlio Brunelli, Suely Gomes de Oliveira, Rubem Scheid, Martins Avelino Santini, Vitor Faccioni, José Pederzoli Sobrinho, Plínio Pereira Dutra, Pedro Gomes Nunes, Flávio Ramos, Ayrton Barnasque, Otávio Cardoso, Lino Augustinho Zardo, Osmany Martins Veras, Osvaldo Barlem, Alcides Costa, Aristides Bertuol, Hugo Mardini, Darcilo Giacomazi, Renato Souza, Rosa Flores, Antônio Setembrino Mesquita, Urbano Alves de Moraes, Walter Muller, Oscar Badrig Westendorff, Lino Zardo, Celso Testa, Siefried, Heuser, Rosa Flores, Therezinha Irigaray, Fernando Gonçalves, Alexandre Machado, Celestino

Goulart, Getúlio Marcantônio, Pedro Anschau, Alfredo Hofmeister, Ari Delgado, Harry Sauer, Hed Borges, Antonino Fornari, Celso Testa, Ivo Sprandel, José Sanfelice Neto, Romeu Scheibe, Silverius Kist, Elizio Telli, Moisés Velasques, João Brusa Neto, Ariosto Jaeger, Adolfo Puggina, Otavio Germano, Waldir Antônio Lopes, Lidovino Fanton, Nolly Joner, Rubem Machado Lang, entre outros. Na época o vice-governador José Augusto Amaral de Souza tinha seu gabinete num prédio da avenida Cristóvão Colombo e fez com ele excelente amizade e quando terminava seu expediente na Secretaria da Agricultura, passava no seu gabinete, simplesmente pela amizade que havia entre ambos. No quarto ano da Medicina acontecia o concurso para Interno bolsista do HPS, Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre e as duas Faculdades de Medicina disputavam ferrenhamente as somente 7 vagas para mais de 200 candidatos. Obteve classificação em segundo lugar e trabalhou durante um ano no HPS. No quinto ano do Ensino Médico, durante o Projeto Rondon, que empregava estudantes de Medicina, descobriu-se que em Cerro Grande, 3º Distrito de Tapes, havia um hospital, cujo titular estava em tratamento médico em Porto Alegre e que havia colocado o hospital à venda. Efetuou a compra do nosocômio e contatou o dr. Solon Maraninchi, cirurgião geral da cidade de Tapes e o dr. Jair Soares, Secretário da Saúde do RS, os quais deram o aval para que o hospital em Cerro Grande pudesse prestar atendimento e constituiu uma equipe de acadêmicos quintanistas da Faculdade de Medicina da UFRGS, sendo eles: Roberto Bellora, Fernando dos Santos, Gilberto Von Kossel, José Guimarães, Adamastor Humberto Pereira, Paulo

Roberto Schaeffer, Ilídio José Thiessen e Nelson Heller. Cada acadêmico respondia pelo plantão de 24 horas de um dia da semana. O modelo de atendimento era realizado de tal maneira, que juntamente à consulta, o paciente recebia a medicação genérica, preparada em laboratórios da Capital. Em Cerro Grande havia várias casas que frequentava, quando não havia afazeres no Hospital. Visitava a residência do senhor Hélio Zenker e sua esposa Dalila e a residência dos srs. Vitório Danelon, cujo filho Edarte Danelon viria a ser prefeito do Distrito por ocasião de sua emancipação. Ari Costa tem uma propriedade num distrito chamado São José. Nesta havia uma senhora bugra, descendentes também de escravos índios e sua aparência explica a evolução do Homem Neandertal ao Homini Atual. que sou um adepto a fotografias, infelizmente deixei de documentar este caso inigualável. Numa oportunidade estive em Madrid, na Espanha e consegui documentar também uma pessoa de aspecto estranho, uma mistura de xerpas com outras raças, mas o indivíduo me flagrou fotografando-o e fez eu apagar a foto na sua frente. No 6º ano do curso de Medicina, os acadêmicos que possuíam uma base sólida em clínica e cirurgia, eram convidados para substituir médicos de hospitais do interior dos estados, principalmente do Sul do País. Com a experiência clínica e cirúrgica adquirida, trabalhando como acadêmico na Enfermaria 13 da Santa Casa de Porto Alegre, sob a supervisão dos mestres cirurgiões, drs. Aldo Giudice Ciâncio, Rodolfo Merkseits, Percy Schreck e Rubem Weiß, recebeu no 6º ano de Medicina convite para trabalhar durante o mês de janeiro, na cidade de Quilombo, em Santa Catarina, substituindo o médico cirurgião e clínico

geral, o dr. Marafon, realizando partos, cesáreas, pequenos e médios procedimentos cirúrgicos. Na primeira noite no Hospital, chegou à esposa do delegado da cidade, já em estado adiantado de dilatação do colo do útero e mesmo que já tivesse realizado dezoito partos no estágio do sexto ano na Cadeira de Obstetrícia, onde era o Catedrático o professor Nilo Pereira da Luz, o parto da mulher do delegado lhe deu um certo nervosismo, mas encarou a situação como normal e fez o parto, no qual nasceu um lindo guri, que hoje está com 52 anos. O mês de trabalho em Quilombo foi o embrião de um trabalho, que viria a realizar após a formatura, que aconteceu em 04.12.1970, na Reitoria da UFRGS, operando em sua clínica, hospitais de Porto Alegre e demonstrando em anos seguintes cirurgias na Alemanha, Áustria, Austrália, México e nas principais capitais do País.

A FORMATURA NA MEDICINA DA UFRGS:

Foi realizada na Reitoria da Universidade, no dia 04 de dezembro de 1970.

Foi um evento grandioso e emocionante, onde o professor Francisco Marques Pereira, diretor da Faculdade de Medicina da UFRGS, fez a conferência magistral e entregou os diplomas de Médico, um a um, aos 125 acadêmicos, que estavam colando grau. Na plateia estavam seus pais, irmãos, tios, primos e amigos. Foi uma das maiores emoções pelas quais passou na vida. O orador da turma, escolhido pela maioria dos componentes da ATM70 - Associação da Turma Médica de 1970, foi o colega Tirteu Castro de Castro, o Paraninfo: O obstetra, professor Nilo Pereira da Luz, Homenageado de Honra: o professor dermatologista,

Professor César Bernardi, Homenageada Especial: Professora: Maria Clara da Rocha. Formado Médico, teve dificuldades em se decidir por qual área iria se especializar. Como trabalhava como acadêmico em Cirurgia Geral e Anestesia na Enfermaria 13 da Santa Casa, recebeu convite do professor Luiz Osório do Departamento de Oftalmologia da UFRGS a lhe prestar serviços na anestesia nos seus pacientes e ao mesmo tempo fazia Residência Médica na Disciplina de Oftalmotorrinolaringologia da UFRGS, sob a chefia dos professores catedráticos, Ivo Kuhl e Luís Osório. Na Disciplina de Oftalmologia prestava auxílio e anestesia ao professor Luís Osório, estabelecendo-se por este fato, estreita amizade entre ambos, recebendo após dois anos, certificado de especialista em Oftalmologia. No Serviço da Otorrinolaringologia auxiliava o professor Oswaldo Bruno Müller, em Cirurgia de Cabeça e do Pescoço do Departamento. Muito tem a agradecer aos professores: Luís Osório, Ivo Kuhl, Israel Shermann, Tito Lívio Giordani, Arnaldo Linden, Nathan Goldenberg, Oswaldo Bruno Müller, Nicanor Letti e Rudolf Lang, pelos ensinamentos com eles adquiridos, que muito lhe auxiliaram na sua vida profissional.

Terminada a Residência em Otorrinolaringologia constituíram o 1º Serviço de Cirurgia de Cabeça e do Pescoço no Hospital Santa Rita, junto com os consagrados mestres, professores Nilton Tabajara Herter e Nédio Steffen. Por já ter trabalhado com o mestre da Cirurgia Plástica, o professor Ernesto Marques da Silveira Neto, na Enfermaria 30 da Santa Casa de Porto Alegre, coube a ele no Serviço de Cabeça e do Pescoço, responder pela Cirurgia Plástica Reparadora, fato que o levou a se decidir pela

Residência de 2 anos no Hospital Cristo Redentor e a acompanhar seus mestres em Cirurgia Plástica os professores Pedro Dejanir Escobar Martins e professor José Francisco Wechsler e a seguir passando na Clínica Ivo Pitanguy, na rua Dona Mariana, 65 e na enfermaria 37 da Santa Casa no Rio de Janeiro. Sentindo a necessidade de se aprofundar na especialidade de Cirurgia Plástica, concorreu e obteve uma bolsa de estudos pelo D.A.A.D., Deutschen Akademischen Austauschdienst e Instituto Goethe de Porto Alegre e trabalhou durante 6 meses com o professor Claus Walter, no Hospital Kaiserwerth Krankenanstalten em Düsseldorf, na Alemanha e obteve a seguir bolsa de estudos para estudar no Serviço de Cirurgia Plástica da consagrada Universidade Técnica de Munique, (Technischen Universitaet Munchen) sob a chefia da professora Ursula Schmidt Tintemann e seus assistentes (Oberärzte) professor Wolfgang Muhlbauer, professor Edgar Biemer e professor Duspiva. Na Europa ainda estudou no Serviço de Cirurgia Plástica do professor Rodolphe Meyer, em Lausanne na Suíça, mestre em cirurgia plástica, escritor, músico e pintor consagrado. Estudou, outrossim, no Serviço de Cirurgia Plástica do professor Jaime Planas, especialista em Cirurgia Plástica, expert em cirurgia plástica, funcional e estética do nariz e professor Xavier Benito e professor Bisbal, ícones da cirurgia plástica também em Barcelona na Espanha, professor Hans Anderl e professor Wilflingseder, em Innsbruck na Áustria, especialistas na cirurgia plástica e da paralisia facial, com a técnica chamada de Cross Nerv, com a qual se consagraram mundialmente, Serviço de Cirurgia Plástica do professor Yan Jackson e professor Mc

Gregor, em Glasgow na Escócia. O professor Mc Gregor havia recém descrito um retalho cutâneo frontal, que leva o seu nome e o tornou mundialmente famoso. Encerrou sua formação ao retornar de seus estudos da Europa, na clínica do iminente e consagrado professor Ivo Helcius Jardim de Campos Pitanguy no Rio de Janeiro. A seguir iniciou a construção da sua Clínica na Rua Silvério 700, em Porto Alegre, na qual foram realizados dezenas de cursos da especialidade, sendo que um destes eventos o, www.rhino-brasil.com continua a ser realizado até os dias atuais, já tendo sido realizado no exterior nas cidades do México e Berlim e no Brasil nas principais capitais brasileiras, em Brasília coordenado pelo dr. Luciano Chaves, Goiânia, dr. Paulo Kaluf, Belo Horizonte pelo dr. Sebastião Nelson Guerra, São Paulo, drs. Aymar Sperli e João Moraes de Prado Neto, Rio de Janeiro, dr. Farid Hackme e Volney Pitombo sendo que o evento de rinoplastia realizado no Rio de Janeiro, com a colaboração dos drs. Farid Hackme e Volney Pitombo e por mim, ter sido um dos maiores eventos de Rinoplastia já realizados no mundo, pois reuniu no Hotel Copacabana Palace do Rio de Janeiro, 898 cirurgiões plásticos do Brasil e exterior. Inúmeros professores e cirurgiões plásticos do país e exterior se fizeram presente, mas gostaria de citar o professor Ivo Pitanguy, Jack Sheen, José Júri cujos livros publicados fazem parte da biblioteca da imensa maioria dos cirurgiões plásticos do mundo. O evento foi realizado nos dias 21- 22-23 de abril do ano de 2000, justamente para comemorar também a data dos 500 anos de Descobrimento do Brasil. O lema do evento foi o que segue: RhinoRio2000, 500 anos de BRASIL. Além do Rhino2000.Rio foram realizados ainda

os eventos: Rhino Porto Alegre - Coordenadores: dr. Pedro D. E. Martins e Nelson Heller, Rhino Salvador, dr. Cesar Kelly e Nelson Heller, Rhino São Paulo, dr. João Moraes de Prado Neto, Aymar Sperli e Nelson Heller, Rhino Goiás, dr. Roberto Kaluf e Nelson Heller, Rhino Belo Horizonte, dr. Sebastião Nelson Guerra e Nelson Heller, Rhino Rio, dr. Farid Hackme, Volney Pitombo e Nelson Heller, Rhino Brasília, dr. Luciano Chaves e Nelson Heller, Rhino México, dr. Francisco Xavier Ojeda e Nelson Heller, Rhino Berlin: dr. Peter Pohl, professor Modjaba Nasser, professor Stellmach, professor Joachim Gabka, professor Carlos Oscar Uebel, dr. Jürgen Hussmann e dr. Nelson Heller, sendo que o último evento www.rhino-brasil.com foi realizado há dois anos, durante o Simpósio Internacional de Cirurgia Plástica, coordenado pelo dr. Carlos Uebel e dr. Ewaldo B. de Souza Pinto no Auditório do World Trade Center, em São Paulo. Durante mais de 2 décadas prestou consultoria em Cirurgia Plástica na Clínica dr. Peter Pohl em Berlim, exercendo a Cirurgia Plástica na famosa Avenida Kurfürstendamm, no número 15, ao pé do Restaurante Marche' e no segundo endereço onde o dr. Peter Pohl também operava, na chamada Schlossparkklinik, nome do Castelo e hotel do mesmo nome, Schlossparkhotel, cujo proprietário, o senhor Bötke, prestava apoio e assessoria à toda nossa equipe. Em Augsburg, na Alemanha e Viena, na Áustria presta assessoria como (international Consultant in Plastic Surgery) Consultor Internacional em Cirurgia Plástica. Para os estudos no exterior obteve bolsa de estudos pelo Instituto Goethe de Porto Alegre, pelo (D.A.A.D.) Deutschen Akademischen Austauschdienst) Intercâmbio Brasil- Alemanha e

licença remunerada da Assembleia Legislativa, presidida pelo presidente do Parlamento Gaúcho, deputado Nivaldo Soares. Durante sua vida profissional prestou inúmeros concursos públicos, como auxiliar administrativo das Secretaria de Administração do RS, Secretaria da Agricultura RS, Secretaria da Saúde, RS, trabalhando na época no Serviço de Doenças Venéreas e por último realizou concurso para Médico da Assembleia Legislativa, sendo a banca examinadora constituída por 4 médicos, sendo 2 do Parlamento Gaúcho, os doutores, dr. Ângelo Arthur Gianotti e dr. Luiz Handler. Na Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica ocupou os cargos por eleição de: Tesoureiro, Secretário e Presidente RS, tendo na sua gestão à frente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica realizado inúmeros eventos e destacaria o de Cirurgia Plástica Reparadora e Estética das Mamas, quando o professor Ivo Pitanguy foi um dos palestrantes e durante o evento foi agraciado, a nosso pedido, pelo Governador do Estado, dr. Pedro Simon com a Medalha do Ponche Verde, instituída pelo Decreto número 21.687 de 14 de abril de 1972, nos graus de Grão-Cruz e Grande Oficial. Foi também nomeado membro da Comissão Examinadora da banca para a concessão do título de especialista a membros da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Realizou junto com o professor Roberto Correa Chem em 1982 ,o Curso Internacional de Microcirurgia, ministrado pela equipe de Microcirurgia da Universidade Técnica de Munique, pelos professores Edgar Biemer e professor Duspiva .O curso teve a colaboração da Empresa Aérea Lufthansa da Alemanha, que além de transportar os cirurgiões, trouxe 34 microscópios cirúrgicos que serviram

durante 3 dias do curso, a que 68 cirurgiões, das mais diferentes especialidades, operassem mais de 300 ratos de laboratório, em um curso que teve também a colaboração da Ethicon, que forneceu o material de sutura do curso. A programação prática foi realizada no Laboratório da Faculdade Católica de Medicina e a programação teórica efetuada no Auditório da Assembleia Legislativa RS, à época presidida pelo deputado Octavio Germano. A empresa de Ótica e Microscópios Cirúrgicos, a Zeiss, prestou grande colaboração, colocando à disposição durante o curso, 34 microscópios cirúrgicos, para que os participantes exercessem a parte prática do curso, operando centenas de ratos de laboratório. Participou de centenas de eventos como organizador, conferencista, presidente, secretário, moderador e outras funções. Em Sidney na Austrália, durante Evento Internacional de Cirurgia Plástica, operou a filha de um dos coordenadores do congresso. Dois anos anteriores da abertura do Muro de Berlim, em fevereiro de 1987, fez demonstração cirúrgica em Berlim Oriental, na Universidade Charité, operando uma paciente de mamoplastia redutora, pela Técnica em Âncora do professor Ivo Pitanguy e lipoaspiração de culotes pela técnica do cirurgião francês Yves Gerard Illouz, técnicas que pela primeira vez haviam sido demonstradas na Universidade. No Auditório da Universidade Charité estavam presentes mais de 5 dezenas de cirurgiões e também clínicos gerais. Ao deixarem o Auditório da Charité, voltaram à Berlim Ocidental, cruzando sem maiores problemas a divisa entre as duas Alemanhas, no chamado Checkpoint Charlie, apresentando seus passaportes e a carta convite do professor Wolf, chefe da Cirurgia Geral da

Universidade Charité, do lado Oriental de Berlim. Nesta passagem da fronteira aconteceu algo cômico e inédito: Ao entregarmos os passaportes aos guardas russos, estes nos informaram que há dois meses haviam abolido de carimbar os mesmos, mas como o dr. Peter Pohl insistiu, que mesmo assim os carimbassem, os guardas retrucaram: Está bem, faremos este favor a vocês! Mas vejam que será somente como um Souvenir! O dr. Peter que havia durante várias décadas sofrido com a separação da cidade de Berlim, com um muro de quatro metros de altura, quase não poderia acreditar e assimilar este momento tão inédito de sua vida. Com o carimbo grifado em nossos passaportes, chegamos felizes ao nosso destino, em Berlim Ocidental, na Alemanha.

Dr. Nelson Heller

CAPÍTULO 1

JAMAIS PERCA A ESPERANÇA

NELSON HELLER, filho de pequenos agricultores, seus pais, o sr. Germano Heller e sra. Leontina Heller, plantadores de cana de açúcar, vendedores de melado e criadores de suínos para o Frigorífico Orlandini da cidade de Roca Sales, nasceu e trabalhou na roça e na capina, na pequena propriedade que Herrmann e Leontina, herdaram da família. Estudou na Escola da Comunidade Evangélica de Roca Sales, hoje denominada Pastor Herrmann Gottlieb Dohms, abreviado, Pastor Dohms, em homenagem ao fundador da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, a IECLB e do Sínodo Rio-grandense. No ensino primário, juntamente com o irmão Henelio, o professor da Escola Leo Winkel, os convidava para representar os alunos, quando a Escola se apresentava na Sociedade Recreativa da Cidade, em peças natalinas, nos finais do ano letivo. Determinado, bem jovem aos 12 anos, solicitou ao pastor da comunidade local, o pastor, reverendo Brakemeier, uma bolsa de estudos para estudar no Seminário, Instituto Pré-Teológico, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, a IECLB, Igreja de Martim Lutero, no Morro do Espelho em São Leopoldo, também chamado simplesmente PRO, ou Proseminar. Dos 12 aos 18 anos estudou no PRO e ao sair do Seminário, se apresentou para prestar o Serviço Militar obrigatório, no 1º 6º R.O.105, Regimento de Obuses em São



Leopoldo. Lotado na segunda bateria da Companhia, como soldado raso, fez excelente amizade com o comandante capitão Ventura e o primeiro tenente Geyer, cuja amizade persiste até os dias atuais. Exercendo as funções de soldado raso telefonista, durante a Revolução Legalidade, que teve como personagens o Governador Leonel de Moura Brizola e seu cunhado Jango Goulart, quando foram deslocados à cidade de Lages, em Santa Catarina, para defender o Sul do País, na Revolução Legalidade, que estava prestes a eclodir. Como as funções de telefonista eram as de manter informada a guarnição dos avanços do inimigo, seu grupo foi incumbido a cavar trincheiras, quilômetros à frente das tropas. Felizmente a Revolução não aconteceu e toda a tropa retornou naquele ano de 1961, à sua sede em São Leopoldo, no dia 7 de agosto. Iniciou durante o Serviço Militar no quartel, o primeiro científico no Colégio Estadual Pedro Schneider em São Leopoldo, chamado carinhosamente de Pedrinho, no período da noite. Aprovado no fim do ano, foi tentar a sorte na cidade grande, Porto Alegre, nossa Capital. Morava na avenida Independência, no número 480, em Porto Alegre, numa república de estudantes do sr. Luiz e foi logo procurar emprego e conseguiu colocação como Montador de Bicicletas da Mesbla, numa secção que era comandado pelo Grego, pois assim o chamavam. Durante os dois anos do Científico no Colégio Emílio Meyer, no bairro Glória, em Porto Alegre, foi melhorando seus vencimentos, passando a trabalhar, após à Mesbla, no Sulbanco, Banrisul, Secretaria de Administração do Estado do RS, Secretaria da Agricultura, Secretaria da Saúde RS, tudo através de

concurso público e trabalhava já como acadêmico da Medicina, lotado no Serviço de Doenças Venéreas do Estado e tendo como chefe o dr. Raul Muller, professor dermatologista também da UFRGS. Na época as prostitutas da cidade eram obrigadas a possuírem uma carteira de saúde, para poderem exercer suas atividades livres, nos bordéis da cidade, que eram os seguintes, os mais importantes: Dorinha, Maipú e a 113. Trabalhava também na secção de doenças venéreas, o ginecologista dr. Ralf. No final do ano de 1963 obteve classificação para o vestibular na Faculdade de Odontologia da UFRGS, cursando o primeiro ano, tendo sido aprovado ao final do semestre. Teve na Faculdade de Odontologia inúmeros colegas de quem ficou próximo, mas somente vamos citar alguns: O Wilde, da cidade de São Leopoldo, craque também no basquete, Rui Meira, irmão do professor Waldemar Meira, da Faculdade de Odontologia da UFRGS, o Dr. No, o Quarentinha, Lydia Jane e mais três dezenas de queridos (as) colegas. No final do ano de 1964, estudou novamente para o vestibular de Medicina, estudando no interior de Roca Sales, com o amigo Heitor Ludwig, filho do dr. Bernedicto Ludwig, dentista da cidade, que se preparava para o vestibular de Odontologia, da Universidade Federal de Santa Maria. Ambos fomos aprovados, eu no 39º lugar na Medicina da UFRGS e 15º lugar na Faculdade Católica de Medicina e o Heitor Ludwig, aprovado na Faculdade Federal de Odontologia de Santa Maria. Desempregado, vivia do lucro da venda de despertadores, que comprava no Paraguai e os vendia de casa em casa, principalmente entre conhecidos seus. Logo fez amizade no Laboratório

Marques Pereira, com o querido amigo e professor João Pedro Marques Pereira e passou a trabalhar em seu Laboratório, na área de transfusões de sangue a domicílio, método muito utilizado na época, principalmente em doentes graves e terminais. No segundo ano do curso Médico e morando na CEUACA, Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida, na rua Riachuelo 1355, em Porto Alegre, prédio cedido aos estudantes universitários pobres pelos pais do filho Aparício, morto numa emboscada comunista na época. A seguir fez concurso para Auxiliar de Serviços Gerais da Assembleia Legislativa do RS, classificando-se em 32º lugar e tendo sido chamado na 1ª turma classificada para o concurso. Na Assembleia Legislativa ficou lotado na Diretoria de Segurança da Casa, chefiada pelo Sr. João de Matos, diretor e chefe do setor. No cargo, entre outras funções, respondia pela distribuição de água e cafezinho no Plenário do Parlamento e também nas Comissões da Casa. No quarto ano da Medicina acontecia o concurso para Interno Bolsista do HPS, Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre e as duas Faculdades de Medicina disputavam ferrenhamente as somente 7 vagas, para mais de 200 candidatos. Obteve classificação em segundo lugar e trabalhou durante um ano no HPS. No quinto ano do Ensino Médico, durante o Projeto Rondon, que empregava estudantes de Medicina, descobriu-se que em Cerro Grande, 3º Distrito de Tapes, hoje denominado Cerro Grande do Sul, havia um hospital, cujo titular estava em tratamento médico em Porto Alegre e que havia colocado o hospital à venda. Efetuada a compra do nosocômio,

contatou o Dr. Solon Maraninchi, cirurgião geral da cidade de Tapes e o dr. Jair Soares, secretário da Saúde do RS, os quais deram o aval para que o hospital pudesse prestar atendimento e constituiu uma equipe de sete acadêmicos, quintanistas da Faculdade de Medicina da UFRGS, sendo eles: Roberto Bellora, Fernando dos Santos, Paulo Roberto Schaeffer, Gilberto Von Kossel, Jose Guimarães, Adamastor Humberto Pereira, Ilídio José Thiessen e eu Nelson Heller. Cada acadêmico respondia pelo plantão de 24 horas de um dia da semana. O modelo de atendimento era realizado de maneira, que juntamente à consulta, o paciente recebia toda medicação genérica, preparada em laboratórios da Capital. No 6º ano do curso de Medicina, os acadêmicos que possuíam uma boa base clínica e cirúrgica, eram convidados a substituir médicos de hospitais do interior do Estado. Minha experiência clínica e cirúrgica adquiri trabalhando como acadêmico na Enfermaria 13 da Santa Casa de Porto Alegre, sob a supervisão dos mestres cirurgiões drs. Aldo Giudice Ciano, cirurgião ginecológico, Rodolfo Merkseits responsável pela cirurgia torácica e geral da enfermaria, Percy Schreck e Rubem Weiß, cirurgiões gerais para todas as tarefas da enfermaria. No 6º ano da Medicina recebeu convite para trabalhar durante o mês de janeiro em Quilombo, Santa Catarina, substituindo o dr. Marafon e realizando partos, cesáreas, pequenos e médios procedimentos cirúrgicos e atuando na clínica médica do hospital.

A FORMATURA NA MEDICINA:

A formatura foi realizada na Reitoria da UFRGS, no dia 04 de dezembro de 1970. Foi um grandioso evento e o professor Francisco Marques Pereira, Diretor da Faculdade de Medicina, proferiu a Conferência Magna da solenidade e entregou os diplomas de Médico, um a um, aos 125 acadêmicos que estavam colando grau. Na plateia estavam meus pais, irmãos, tios, primos e amigos. Foi uma das maiores emoções pelas quais passei na minha vida. Nosso orador da turma, escolhido pela maioria dos componentes da ATM70, Associação da Turma Médica de 1970, foi o colega Tirteu Castro de Castro, nosso paraninfo: Professor Nilo José Pereira Luz, Homenageado de Honra: Professor César Duílio Varejão Bernardi, Homenageada Especial: Professora Maria Clara da Rocha. Formado médico tive dificuldades em me decidir por qual área iria me especializar. Como trabalhava como acadêmico na cirurgia geral e anestesia na Enfermaria 13 da Santa Casa, recebi convite do professor Luiz Osório do Departamento de Oftalmologia da UFRGS, a lhe prestar serviços na anestesia nos seus pacientes e ao mesmo tempo fiz Residência Médica na Disciplina de Otorrinolaringologia da UFRGS, sob a chefia do professor Ivo Kuhl. No Serviço auxiliava o professor Oswaldo Bruno Muller em Cirurgia da Cabeça e do Pescoço do Departamento. Muito tenho a agradecer aos professores: Israel Schermann, Tito Lívio Giordani, Arnaldo Linden, Oswaldo Bruno Müller, Nicanor Letti, Rudolf Lang, dra. Dalva, Enio Rodrigues pelos ensinamentos por eles adquiridos, que muito me auxiliaram

na minha vida profissional. Terminada a Residência na Otorrinolaringologia, constituímos o 1º Serviço de Cirurgia de Cabeça e do Pescoço no Hospital Santa Rita de POA, junto com os consagrados mestres e professores Nilton Tabajara Herter e Nédio Steffen. Por já ter trabalhado com o mestre da Cirurgia Plástica, professor Ernesto Marques da Silveira Neto, na enfermaria 30 da Santa Casa de Porto Alegre, coube a mim no Serviço de Cabeça e do Pescoço, responder pela Cirurgia Plástica Reparadora, fato que me levou a decidir pela Residência de 2 anos no Hospital Cristo Redentor e a acompanhar meus mestres em Cirurgia Plástica, os professores Pedro Dejanir Escobar Martins e professor José Francisco Wechsler. Sentindo a necessidade de me aprofundar na especialidade da Cirurgia Plástica, trabalhei durante 6 meses com o professor Claus Walter, no Hospital Kaiserwerth Krankenanstalten em Düsseldorf, Alemanha e obtive a seguir bolsa de estudos para estudar no Serviço de Cirurgia Plástica da consagrada Universidade Técnica de Munique, Alemanha, sob a chefia da professora Ursula Schmidt Tintemann e seus assistentes (Oberärzte) professor Dr. med. Wolfgang Muhlbauer, professor Dr. med. Edgar Biemer e professor Wolfgang Duspiva. Na Europa ainda estudei no Serviço de Cirurgia Plástica Professor Rodolphe Meyer, em Lausanne na Suíça, Serviço de Cirurgia Plástica Professor Jaime Planas e Professor Xavier Benito, em Barcelona na Espanha, Serviço de Cirurgia Plástica Professor Hans Anderl e Professor Wilflingseder, em Innsbruck na Áustria, Serviço de Cirurgia Plástica Professor Yan Jackson e Professor Mc Gregor, em Glasgow na

Escócia. Encerrei minha formação ao retornar de meus estudos na Europa, na clínica do iminente e consagrado professor Ivo Helvius Jardim de Campos Pitanguy no Rio de Janeiro. A seguir iniciei a construção de minha Clínica na rua Silvério 700, em Porto Alegre, RS, na qual foram realizados dezenas de cursos da especialidade, sendo que um destes eventos, o www.rhino-brasil.com, continua a ser realizado até os dias atuais, já tendo sido realizado no exterior nas cidades do México e Berlim e no Brasil nas principais capitais brasileiras, sendo que o evento de rinoplastia realizado no Rio de Janeiro, com a colaboração dos dr. Farid Hackme e dr. Volney Pitombo, ter sido um dos maiores eventos de Rinoplastia já realizado no mundo, pois reuniu no auditório do Hotel Copacabana Palace, 898 cirurgiões plásticos do Brasil e exterior. O evento foi realizado nos dias 21/ 22/23 de abril do ano de 2000, justamente para comemorar também a data dos 500 anos de descobrimento do Brasil. O lema do evento foi o que segue: RhinoRio2000, 500 anos de BRASIL. Além do evento, www.rhino-brasil.com, realizado no Rio de Janeiro, foram realizados ainda os eventos: Rhino Porto Alegre: Coordenadores: dr. Pedro D. E. Martins e Nelson Heller, Rhino Salvador: dr. Cesar Kelly e Nelson Heller, Rhino São Paulo: dr. João Moraes de Prado Neto, dr. Aymar Sperli e dr. Nelson Heller, Rhino Goiás: dr. Roberto Kaluf e dr. Nelson Heller, Rhino Belo Horizonte: dr. Sebastião Nelson Guerra e dr. Nelson Heller, Rhino Rio: dr. Farid Hackme e dr. Volney Pitombo e dr. Nelson Heller, Rhino Brasília: dr. Luciano Chaves e dr. Nelson Heller, Rhino México: Dr. Francisco Xavier Ojeda e dr. Nelson Heller, Rhino Berlim:

dr. Peter Pohl, dr. Carlos Oscar Uebel, dr. Jürgen Hussmann, professor Modjaba Nasser, professor Joachim Gabka e dr. Nelson Heller. Durante mais de 3 décadas prestei consultoria em Cirurgia Plástica na Clínica Dr. Peter Pohl, em Berlim e Augsburg, na Alemanha e Viena na Áustria, nas Clínicas Moser, sendo atualmente consultor internacional em Cirurgia plástica, nas Clinicas Moser, da Alemanha. Para os estudos no exterior obtive bolsa de estudos pelo Instituto Goethe de Porto Alegre, pelo (DAAD) Deutschen Akademischen Austauschdienst, Intercâmbio Brasil - Alemanha e licença remunerada da Assembleia Legislativa, presidida pelo presidente do Parlamento Gaúcho, o deputado Nivaldo Soares. Durante minha vida profissional prestei inúmeros concursos públicos e por último realizei concurso para Médico da Assembleia Legislativa, sendo a banca examinadora constituída por 4 médicos, 2 do Parlamento Gaúcho, os drs. Ângelo Arthur Gianotti e dr. Luiz Handler. Na Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, ocupei os cargos por eleição de: Tesoureiro, Secretário e Presidente RS e nomeado membro da comissão examinadora da banca para a concessão do título de especialista a membros da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Realizei junto com o professor Roberto Correa Chem, em 1982 o Curso Internacional de Microcirurgia, ministrado pela equipe de Microcirurgia da Universidade Técnica de Munique , pelos professores Edgar Biemer e professor Wolfgang Duspiva .No curso tive a colaboração da Empresa Aérea Lufthansa da Alemanha, que além de transportar os cirurgiões, trouxe 34 microscópios cirúrgicos, que serviram durante 3 dias do

curso, a que 68 cirurgiões das mais diferentes especialidades, operassem mais de 300 ratos de laboratório, em um curso que teve também a colaboração da Ethicon, que forneceu todo o material de sutura do curso. A programação prática foi realizada no laboratório da Faculdade Católica de Medicina e a programação teórica no Auditório da Assembleia Legislativa RS, sendo presidente do Legislativo Gaúcho na oportunidade, o deputado José Octavio Germano. Nelson Heller participou de centenas de eventos como organizador, conferencista, presidente, secretário, moderador e outras funções. Em Sidney na Austrália, durante evento na Cirurgia Plástica, operou a filha de um dos coordenadores do evento. Dois anos anteriores à queda do Muro de Berlim, em fevereiro de 1987, fez demonstração cirúrgica em Berlim Oriental, na Universidade Charité, operando uma paciente de mamoplastia redutora, pela Técnica em Âncora do professor Ivo Pitanguy e lipoaspiração de culotes pela técnica do cirurgião francês Yves Gerard Illouz, técnicas que pela primeira vez haviam sido demonstradas na Universidade. Illouz também foi cofundador da Medecins Sans Frontieres, que nada tem a ver com Cirurgia Plástica, mas é de transcendental importância na Medicina Assistencial Mundial. No Auditório da Universidade Charité estavam presentes mais de 5 dezenas de cirurgiões e clínicos gerais, com os quais debati os procedimentos ao vivo do bloco cirúrgico e após no plenário da Universidade Charité. Na época, na passagem chamada Checkpoint Charlie, entre as duas Alemanhas, já havia um certo

relaxamento e cruzamos a fronteira sem maiores dificuldades.

CAPÍTULO 2

INFÂNCIA

NA INFÂNCIA ACONTECIA A II GUERRA MUNDIAL:

Na pequena comunidade de imigrantes alemães da localidade de Linha Júlio de Castilhos, distrito de Roca Sales, todos falavam alemão e estavam preocupados com o desenrolar da II Guerra Mundial. A grande maioria é de protestantes evangélicos, da Igreja de Martinho Lutero, em alemão Martin Luther e haviam há pouco terminado a construção da Igreja Evangélica da localidade. A população, na sua grande maioria, possuía um rádio da marca Pilot, que o comerciante da localidade vendia aos moradores. Principalmente à noite sintonizavam o rádio nas ondas que lhes possibilitavam saber o desenrolar da II Guerra Mundial na Europa. A cada vitória alemã, conforme relato dos meus pais, a comunidade se entusiasmava com os feitos dos soldados germânicos.



No dia do meu nascimento aconteceu o lançamento de um bombardeio, chamado Ataque Doolittle e o comandante foi o tenente coronel James Harold Jimmy Doolittle. Os bombardeiros americanos lançaram suas bombas em fábricas militares de Tóquio. O ataque serviu de propaganda e resposta ao ataque de Pearl Harbour, que foi um ataque militar do Serviço Aéreo Imperial da Marinha Japonesa, contra os Estados Unidos, na base naval de Pearl Harbour em Honolulu, no Território do Havaí, pouco antes das 8h00, no domingo de manhã, 7 de dezembro de 1941. Após o ataque à Tóquio, as tripulações de dois aviões

estavam desaparecidas. Soube-se mais tarde que 8 pilotos americanos ficaram prisioneiros na sede da polícia japonesa. Uns foram condenados à morte e outros obtiveram a comutação de suas sentenças. Nomes não foram divulgados.

CAPÍTULO 3

MINHA FAMÍLIA

Morávamos em Linha Júlio de Castilhos, município de Roca Sales. Os meus pais receberam de herança uma propriedade de 17 hectares de terra, pelo lado dos meus



avos: A Mathilde e o Balduíno Heller. A avó Mathilde era viúva de Joao Sipp, que havia falecido há uns anos, e conheceu meu avô Balduíno e logo vieram a se casar. Compraram uma propriedade de terras ao lado dos meus pais e junto à casa, construíram um enorme salão, onde davam bailes mensais, para os moradores poderem se divertir. Os bailes dos Kerb, como são chamados, são em homenagem à fundação da Igreja local e são ímpares. Pois são três dias de festas, onde os moradores recebem visitas, oferecendo cucas, bolos e à noite frequentam os bailes no salão, que são animados por bandinhas, onde os colonos que dominam os instrumentos diversos, mostram toda sua arte de tocar. Eu ainda hoje me pergunto, como estes colonos, com um mínimo de instrução, dominam a arte de tocar com tanta desenvoltura. Na família somos 4 irmãos. O Henelio, mais velho de todos, casou com a Eddy e teve como filhos: A Ângela, Maysa, o Germano. Separou-se e viria a casar no Nordeste Brasileiro e teve um filho, o Henelio, que é bispo de Igreja local, com bastante sucesso

na sua carreira. Quando estudávamos na Escola Primária, em Roca Sales e o nosso professor era o Leo Winkel, este tinha uma grande admiração por mim e por meu irmão Henelio, pois mesmo que nossa família não pertencesse à Comunidade Evangélica de Roca Sales, pois a nossa era a do local onde morávamos, e nosso pastor Brakemeier também era de outra Comunidade, assim mesmo, nos grupos teatrais em que a Escola se apresentava, meu irmão Henelio e eu em geral éramos escolhidos como atores principais das peças em que Escola se apresentava. Isto acontecia principalmente na apresentação do Presépio Vivo, quando a Escola se apresentava na Sociedade Recreativa de Roca Sales e um grande público se deslocava em carros e ônibus para assistirem as peças. Faleceu há uns anos atrás, por problemas cardíacos, pois era um fumante pesado e tinha dificuldades em largar seu vício. Outro dos meus irmãos era o Hélio, casou com a Therezinha, chamada de Bitá, com a qual tem três filhas: A Aline, que por muitos anos trabalhou na minha clínica e hoje é auxiliar de enfermagem no Hospital Moinhos de Vento em Porto Alegre, meu irmão Hélio morava em Esteio, inicialmente trabalhava na Casa Comercial dos meus pais em Canoas, mas adquiriu um taxi, com o qual trabalhava com muita alegria. Na minha clínica, nos dias em que eu operava pacientes de calvície, ele era um dos auxiliares e me proporcionava um excelente auxílio nos procedimentos. Numa oportunidade me acompanhou numa viagem à Alemanha, onde também me proporcionava um auxílio cirúrgico extraordinário. Teve mais duas filhas queridas a Alice e a Cynthia. Meu irmão mais novo é o Gerson, que

trabalhava na Casa Comercial dos pais em Canoas, também por muitos anos, era meu auxiliar cirúrgico na minha clínica na Rua Silveiro e me acompanhou em diversas viagens à Alemanha, onde presto consultoria em Cirurgia Plástica. Hoje o Gerson está ligado à política, trabalhando em cargo de Comissão na Prefeitura de Canoas. Quando meu irmão Henelio e eu éramos pequenos, meus pais adotaram uma menina de 10 anos, a Josefina, de apelido Finche, que casou com um vizinho, o Danilo Piccinini e tiveram filhos: Roseli, Marli, Gelcy, Darci, Glaci. O Danilo há uns anos veio a falecer, quando então a Josefina veio morar em Porto Alegre junto à filha Marli. Meu pai Germano era um grande empreendedor, pois enquanto todos os moradores da localidade iluminavam suas casas com lampiões rudimentares, ele já usava a energia elétrica, produzida por uma queda d'água da propriedade e a energia eólica era produzida por dois cataventos, ao lado da nossa casa. Na época os pais plantavam extensas áreas com cana de açúcar, com a qual produziam melado, que vendiam de casa em casa na cidade. Ao redor da propriedade tinham uma plantação de tabaco, com a qual produziam fumo em rolo, em corda e o restante era encaminhado à firma Souza Cruz, de Santa Cruz do Sul, para a produção de cigarros. Três chiqueiradas de porcos eram engordados por ano e os vendiam ao Frigorífico Orlandini de Roca Sales. Quando eu estava cursando o segundo ano de Medicina na UFRGS, venderam a propriedade em Roca Sales e se instalaram em Canoas, dedicando-se à Casa Comercial que instalaram. A festa da minha Formatura na Medicina foi na residência adquirida.

CAPÍTULO 4

MEUS PAIS

O Herrmann e a Leontina

A ternura, o apoio e o respeito para com minha pessoa é o que me vem à mente quando penso nos meus pais.



A mãe Leontina era uma verdadeira guerreira. Era a segunda mais velha de quatro mulheres da família. Lembro-me da mãe como uma líder da comunidade, pois no povoado em que morávamos, era quase diariamente que vinham a ela solicitar algo. Autodidata, era a pessoa que fazia os partos normais, curativos, injeções tanto intramusculares como endovenosas na comunidade. Fazia todo este trabalho sem nada receber por ele. Fazia-o por satisfação e com muito profissionalismo. Era uma trabalhadora rural que às 6 da manhã já iniciava a ordenha das vacas para o leite da família e o resto era encaminhado à Fábrica de Queijos do Tio Leopoldo Ullrich. Lembro-me que em frente à casa tínhamos uma pequena casinha onde era colocado o leite, para o leiteiro que passava sempre antes das 8 horas da manhã.

Se por um lado era bastante difícil acompanhá-la no trabalho na roça, como capina, colhimento do milho, trigo, arroz, batata, aipim e outros produtos, havia na metade da manhã em geral à sombra de uma árvore, um café com todos os ingredientes: Pãezinhos especiais, linguiça, mel, requeijão, café e leite. Trazia tudo já preparado.

Em geral na propriedade havia árvores de sombra para o descanso e degustávamos um saboroso café à meia manhã e à tarde.

Era uma excelente cozinheira e doceira. Tinha também uma participação nos trabalhos da Igreja, fazia parte do coro e quando se mudou para Canoas, houve até livro falando sobre o trabalho que a mãe realizava na Comunidade Evangélica da cidade.

Quando meus pais se transferiram a Canoas, primeiramente alugaram uma casa comercial na avenida Guilherme Shell, paralela à BR, mas logo compraram uma confortável casa na rua Tamoio 1355, também em Canoas.

Torcedora fanática do Grêmio, mas sua paixão somente se cristalizou porque o centromédio Elton Fensterseifer que era de Fazenda Lohmann, jogou no Grêmio, Inter e Botafogo e ela conhecia a família. De tão fanática que era, numa oportunidade me confessou que nas segundas-feiras, nas quais o Grêmio havia sido derrotado, gostaria de não atender sua clientela colorada.

Era ela quem nos tirava as lições e conferia os temas escolares de casa. Era muito rigorosa quando se tratava dos nossos estudos. Lembro-me de quando fui selecionado para estudar em São Leopoldo, de sua preocupação durante o mês em que se antecedeu a minha ida ao internato, de todos os itens que deveria levar, pois ficaria meses sem retornar para casa.

Ela muito se preocupava com nossa saúde, também com a bucal, pois me encaminhava ao dentista primeiro em Garibaldi, quando não havia dentista na localidade e após ao dr. Benedito Ludwig, o profissional em Roca Sales. Como o tratamento não era barato, procurava se aproximar do dentista convidando-o para visitar nossa propriedade e

sugerindo permuta com produtos coloniais pelo tratamento com o dentista. Foi assim que surgiu uma sólida amizade entre as famílias, e me tornei inclusive amigo de Heitor e o Elio, filhos do Dr. Benedito.

Lembro-me que na minha formatura na Medicina, ela me solicitou que entregasse a ela os convites, pois gostaria de entregá-los aos convidados. Quando da formatura, os funcionários da Assembleia Legislativa me presentearam com o anel de médico. Fiz questão que ela o colocasse no meu dedo, o que lhe deu uma enorme alegria.

Quando ocorriam óbitos nas redondezas da residência, era ela que preparava e vestia o falecido.

Quando eu tinha em torno de 6 anos, iniciei os estudos na Escola Primária da localidade. Minha madrinha a Dileta Maioli e morava em nossa casa. Acostumado a ter um tratamento diferenciado com minha madrinha Dileta, também minha professora, me negava a querer iniciar os estudos. Lembro-me da única surra que levei dela e a partir desta me adaptei às regras da escola.

CAPÍTULO 5

NASCIMENTO DOS FILHOS:
GÜNTHER, MAX, LUCIANA E MARIANE

Meus filhos
Günther, Max,
Luciana,
Mariane e meus netos,
Gabriel, Johann e
Lorenzo.



Casei em 1972 e em
13 de janeiro de 1973,
nasceu o filho mais
velho, Günther.

Nasceu de parto normal no Hospital Moinhos de Vento, de
Porto Alegre.

Lembro-me da carinha linda logo ao nascer. Acompanhei o
nascimento dos filhos e a alegria era intensa após cada
nascimento dos mesmos, pois eram totalmente normais.
Quando Günther nasceu, saí correndo do hospital e me
dirigi à casa dos meus pais comunicando o nascimento.

Viria a nascer em 18 de janeiro de 1975 o Max, que era
também recém-nascido com saúde plena, pois já imaginava
os dois rebentos brincarem juntos daqui a pouco tempo.

Logo nasceriam as gurias a Luciana e a Mariane. A prole
estava completa com 2 rebentos e duas gurias. para
trazerem a mim ainda maior alegria

Os filhos nos acompanharam na viagem à Alemanha.

O Günther tinha cinco anos, o Max três anos e a Luciana
um ano.

Günther cursou odontologia na Ulbra e hoje é um dentista
e implantologista consagrado, que continua a trabalhar na

clínica que construí no Bairro Menino Deus, após eu ter decidido a operar meus pacientes nos Hospitais Moinhos de Vento e Hospital Ernesto Dornelles, em Porto Alegre.

Meu filho Max fez direito na Universidade Luterana do Brasil, trabalhou numa época com o consagrado criminalista Amadeu Weinmann, mas conseguiu classificação em concurso público e trabalha em Secretaria do Estado do RS.

A filha Luciana cursou também a Universidade Luterana do Brasil e trabalhava como técnica em Odontologia, mas atualmente se dedica a Terapia Quântica, com sucesso incrível na especialidade. É uma incrível batalhadora e com muito carinho e dedicação cria meu neto Gabriel, jovem muito querido e atencioso e está concluindo o ensino primário, estando atualmente com 18 anos. A Mariane fez direito e atualmente está cursando o segundo ano na especialidade de nutrição e logo deverá achar seu caminho na especialidade.

Do Günther e sua esposa Mariângela fui agraciado com dois netos, o Johann e o Lorenzo, dois rebentos queridos e muito amáveis. Amo meus netos acima de tudo.

Na Europa os filhos se divertiam nos lagos de Munique, enquanto eu frequentava o Serviço de Cirurgia Plástica da Universidade Técnica de Munique. Na Alemanha, logo ao chegar, frequentei por 3 meses, antes de Munique, o Serviço de Cirurgia Plástica do Professor Claus Walter em Düsseldorf, no Hospital Kaiserswerth Krankenanstalten, que é afiliado da Igreja Luterana Internacional e também do Hospital Moinhos de Vento, de Porto Alegre. Fiz os

contatos através do HMTV e quando cheguei já havia uma casa à minha disposição no Campus do Hospital.

O Hospital ficava dentro de um bosque, próximo à minha casa. Do quarto andar do hospital, local do bloco cirúrgico, através de janelas de vidro, podia-se observar, uma área, tipicamente rural, nos arredores do hospital. Fiquei por três meses acompanhando o professor Claus Walter. Lembro-me bem de um paciente vindo da África do Sul, que havia sido atacado por um cachorro, o qual lhe causou sérios danos no seu nariz. Minha intenção era começar meus estudos na Alemanha na Cirurgia Nasal e por este motivo me foi recomendado o professor Claus Walter que era especialista na área. O pequeno africano era uma criança muito dada com todo o corpo médico e enfermagem.

Visto que a cirurgia era em várias etapas, já fazia tempo que o menor estava em tratamento no Hospital. O professor primeiramente havia rotado um retalho, este retornava à frente e à área do segmento da ponte utilizado para confecção do nariz foi enxertada com pele retirada na região posterior da orelha. Várias etapas de refinamento cirúrgico foram efetuadas no nariz e, como última etapa, foi utilizado uma porção de osso esculpido da bacia e incluído sob a pele nasal, para dar altura adequada ao órgão nasal.

O jovem após 60 dias retornou à sua terra, feliz com o resultado obtido após as quatro reparações plásticas.

Na clínica também estava estagiando um jovem cirurgião plástico, vindo da África do Sul, chamado Walton. Tenho notícias dele através do anuário da cirurgia plástica e dos

Sócios da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica (ISAPS), Internacional Society of Plastic Surgery.

Logo que cheguei em Düsseldorf, numa sexta-feira em fevereiro de 1978, fui à casa que as irmãs da Igreja Evangélica haviam me reservado.

Me instalei e no sábado procurei num jornal alemão, nos classificados, por um carro Volkswagen, para ser meu automóvel na Alemanha.

Os classificados me indicavam que na cidade vizinha de Mönchenglattbach estaria o carro que desejava. Eu havia separado 13 mil marcos, dinheiro da época, para a compra do carro. Cheguei à cidade de Mönchenglattbach e encontrei no local o carro, um senhor baixo, bem atarracado com as mãos sujas de graxa. Era de profissão mecânico e disse-me que havia feito a revisão do Volks, de cor branca e placa DV960. Entrei no carro, abasteci no primeiro posto de gasolina e fui direto à minha casa em Düsseldorf.

O fusca me acompanhou durante todo o estágio na Alemanha, com ele fui à Itália, Áustria, Espanha e Escócia. Não houve problemas nos milhares de quilômetros em que o dirigi. Na volta ao Brasil, consegui vendê-lo pelo preço que havia pago por ocasião de sua aquisição.

JORNADAS, CONGRESSOS E CURSOS:

Desde formado frequentava as atividades científicas da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Assisti a eventos, oficiais da Sociedade no país e também frequentava congressos e cursos no exterior. Lembro-me de um congresso no México, em Acapulco e fomos todos com a

AIR MÉXICO, companhia aérea mexicana, onde parentes do Dr. Francisco Xavier Ojeda, chamado também de Pako Ojeda, tinham ações na companhia.

Associamos a parte científica, à intensa programação social, entre os quais salto em paraplanagem e grande número de colegas brasileiros estiveram presentes. No México realizei um Curso de Rinoplastia, pelo evento Internacional: www.rhino-brasil.com, do qual sou presidente. Iniciei com o evento Rhino há mais de vinte anos, sendo que já foi realizado com sucesso em várias capitais do país, entre as quais: Brasília, Fortaleza, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Curitiba, Belo Horizonte e Porto Alegre por duas vezes. Milhares de colegas cirurgiões plásticos participaram como docentes e participantes do curso. No exterior o realizei na cidade do México e em Berlim, na Alemanha.

CAPÍTULO 6

MEUS IRMÃOS:
HENÉLIO, HÉLIO E GERSON:

Lembro-me do meu irmão Henélio a partir dos 6 anos, quando ambos estudávamos na Escola local da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Meu pai tornou possível o funcionamento da



escola. A professora Dileta Maioli, muito próxima da nossa família, era quem ministrava as aulas. O funcionamento da escola só foi possível, porque meu pai ofereceu à Dileta a possibilidade de morar na nossa residência. A nossa casa ficava distante não mais de 300 metros da Igreja, onde eram ministradas as aulas. Antes da professora Dileta, os filhos dos agricultores locais, recebiam ensinamentos de matemática, português e história de um morador local, agricultor, o sr. Albino Haeffliger, que possuía conhecimentos que lhe permitia ensinar o básico, que era ministrado nas escolas primárias da região. Era um vizinho nosso e sempre que o via, estava com um livro de leitura em baixo dos braços. Do meu irmão Henélio lembro, como sendo nervoso, irritadiço e tinha razão de sê-lo, pelo defeito grave que possuía nos olhos: Nistagmo ocular horizontal bilateral. Vem a ser um balanço horizontal, permanente, de ambos os olhos do irmão. A deformidade teria se estabelecido, após uma encefalite, com internação hospitalar prolongada, que acometeu meu irmão, de acordo afirmações dos meus pais. Ficou várias semanas no

Hospital Roque Gonzales, em Roca Sales. Teria tido febre alta, por vários dias e só teria cedido com tratamento muito duradouro. Cessada a doença, o nistagmo o acompanhou por toda a vida. Quem tratou meu irmão Henélio foi o oftalmologista, dr. Silva Filho.

O dr. Silva Filho era uma figura invulgar. Quem se lembra da revista O Cruzeiro, de propriedade da Assis Chateaubriand, dos anos 50, lembra-se da figura do Amigo da Onça. Pois o dr. Silva Filho, pessoa simpaticíssima, tinha a cara do Amigo da Onça. Cabeça chata, o doutor era advindo do Nordeste Brasileiro. Em Roca Sales havia, já na época, dois hospitais. O Hospital Roque Gonzales, onde internavam pacientes para Cirurgia e Clínica Geral e o Hospital dr. Silva Filho, mais especializado em Oftalmologia e Otorrinolaringologia. Os hospitais ainda hoje estão lá como na época, sendo que o hospital dr. Silva Filho está desativado. Quando eu tinha 4 anos de idade, fui operado no Hospital dr. Silva Filho, pelo cirurgião geral, o dr. Conceição e o dr. Paulo Ludwig, que davam atendimento à região na época.

A cidade, mesmo pequena, era um Centro Hospitalar no Vale do Taquari, exatamente pela presença do Dr. Oftalmologista, especialista em Olhos, Ouvidos, Nariz e Garganta. Somente nas cidades de Estrela e Lajeado, havia as especialidades. À Roca Sales pela presença do Dr. Silva, vinham pacientes de todo o Rio Grande e também de outros estados. Além de cirurgias oftalmológicas e na área da otorrino, eram realizadas cirurgias na cirurgia geral. Fui operado de uma hérnia inguinal pelo dr. Conceição. Foi

da minha infância a lembrança mais clara de que tenho até hoje. Lembro-me bem do carinho do dr. Conceição, para comigo, assim como lembro do cheiro do éter, ainda hoje. A Schwester Irma me aplicou uma máscara de éter, para que eu entrasse em sono profundo. Lembro-me muito bem das luzes do bloco cirúrgico, que bem iluminavam o campo operatório, para que dr. Conceição pudesse realizar a cirurgia. Acho que este foi um dos fatores marcantes da minha vida, que me fizeram enveredar pela Medicina, como opção de vida. Mas voltando ao meu irmão Henélio, lembro-me que a deformidade ocular o incomodava muito e logo muito jovem ele teve que usar óculos. Os colegas de aula, faziam, com ele, o que hoje conhecemos como bullying. Gozavam dele chamando-o de quatrolho e caolho. Isto o levava à fúria e logo partia para cima de quem o ofendia. Logo também brigou com a professora, pois não o defendia. No inverno usávamos como calçados, o tamanco, pois meu irmão jogou um tamanco na professora, tentando atingi-la. Isto foi a gota d'água, para que meu pai fosse obrigado a nos matricular na Escola Evangélica de Roca Sales, melhor Instituição da época. Hoje chamada de Escola Evangélica Pastor Dohms, em homenagem ao dirigente de nossa Igreja Evangélica de Confissão Luterana, o pastor Herrmann Gottlieb Dohms. O professor Léo Winkel era o professor da Escola. Foi um salto de qualidade muito grande em nossas vidas, poder estudar na Escola da Cidade, a melhor de Roca Sales. Muito tenho a agradecer ao professor Léo Winkel e acho que ele conseguiu lançar a semente para que eu pudesse me lançar a voos mais altos, em meu desenvolvimento estudantil.

Aqui entra novamente em ação meu pai, pois nos primeiros meses eu e meu irmão fazíamos o trajeto de 7 km de nossa casa de Linha Júlio de Castilhos a Roca Sales, a cavalo. Logo o pai nos comprou bicicletas. Mas vinha o inverno e naqueles tempos a temporada de quatro meses de frio, muitas vezes vinha acompanhada de chuvas. Foi então que meu pai teve a ideia de convidar um empresário, que tinha empresa de ônibus, a fazer o trajeto Júlio de Castilhos – Roca Sales, quatro vezes por dia. Uma de manhã às 7 horas, saía de casa e ia a Roca Sales e à tarde repetia o trajeto. O empreendimento foi um sucesso total e o serviço por décadas teve seu funcionamento normal, nos mesmos moldes, até os dias de hoje. Tanto o motorista como o cobrador foram convidados a fazerem suas refeições e pernoites na nossa casa. Por isto sempre digo que meu pai foi um grande empreendedor e eu o nomeio “Herrmann Inventor”.

O Henélio, apesar dos problemas oculares, do bullying, era uma pessoa muito inteligente. Não havia necessidade de estudar as lições nos dias de prova. Não estudava em casa, mas na escola tinha as notas mais altas entre os colegas. Na cidade de Roca Sales o meu irmão também sofria muito com a gozação dos colegas. Eles eram implacáveis e muito injustos com ele. Eu era um jovem forte, bom de briga. Logo quando cresci mais e me sentia apto a defender meu irmão, eu o fazia, pondo toda a raiva sobre os que gozavam dele. Fui logo obtendo vitórias nas brigas e o bullying tornou-se cada vez mais raro, pois tanto eu como meu irmão, partiam para cima, amordaçávamos aos que zombavam dele, razão

de tudo eram o uso de óculos e o nistagmo horizontal dos olhos do meu irmão.

Se existiam problemas fora da sala de aula, dentro da escola o professor Winkel era somente elogios, tanto a mim, como ao meu irmão. No dia 24 de dezembro a escola se apresentava e representava teatralmente peças natalinas. No presépio meu irmão representava José e eu era um dos reis da manjedoura. A Peça Teatral Natalina era um acontecimento social do mais alto significativo na Sociedade de Roca Sales. A peça era representada no Clube Recreativo de Roca Sales, um enorme prédio, onde eram também realizados os famosos bailes da cidade. Do interior do município vinham caravanas de ônibus para assistir à peça. O prestígio nosso era o grande acontecimento na Sociedade.

Roca Sales na época tinha uma Estação de Rádio. Eu e meu irmão nos apresentávamos várias vezes cantando na rádio. Quando Henélio terminou o estudo primário, meu pai o matriculou no Ginásio Alberto Torres em Lajeado. Mas a direção da Escola sugeriu não matricular meu irmão pelo segundo ano, pelo comportamento e por brigas que teria com colegas da escola. Não sei, mas garanto que foi pelos problemas oculares que apresentava. Após os onze anos passei a estudar no Instituto Pré-Teológico, Proseminar, ou simplesmente PRO, em São Leopoldo e após concluí o Secundário e a Faculdade de Medicina na UFRGS, em Porto Alegre. Neste período só encontrava meu irmão por breves dias, nas minhas férias. Somente após seu casamento, quando veio a Porto Alegre novamente, fiquei

próximo a ele. Ajudei-o a conseguir emprego na Bayer, de correspondente da firma, pois era exímio redator. Teve três filhos Ângela, Dorothea e Germano. Separou-se e teve um filho no Nordeste, o Henélio Filho, que é um pastor de igreja, com grande admiração na Instituição. Mas agora o Henélio tem problemas de saúde, principalmente cardíacos, começaram a acometê-lo. Era um fumante pesado, fumava mais de duas carteiras de cigarro por dia. O problema cardíaco se agravou agora com problema no ritmo cardíaco. Consegui interná-lo no Hospital de Clínicas de Porto Alegre e o dr. Alcides Zago, meu colega da Associação Médica de 1970, incluiu um marca-passo, sob a pele do tórax esquerdo do Henélio. Mesmo após todos os problemas de saúde, não conseguiu largar o tabaco. Veio a falecer numa praia do litoral, por falta de manutenção da bateria do seu marca-passo. O comportamento instável do Henélio também lhe afetava. Chegou a tal ponto o seu comportamento errático que meus pais foram obrigados a fechá-lo no porão quando chegavam visitas. Quando era trancado gritava e em muitas ocasiões eu era obrigado a lhe fazer companhia no local em que estava trancado. Hoje, como médico, vejo como teria sido importante na época um tratamento psiquiátrico, também com medicamentos. Acredito que a história poderia ter sido bem diferente, talvez um grande escritor, pois tinha uma grande facilidade na escrita. Na época, doenças psiquiátricas somente eram levadas a sério, quando havia por exemplo tentativa de suicídio e outras doenças graves. Única referência para o tratamento na época era o hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, onde os doentes eram encaminhados e

em inúmeras vezes, os familiares abandonavam os doentes no Hospital, para nunca mais vê-los, situação que se repete até nos dias de hoje, infelizmente.

MEU IRMÃO HÉLIO:

Nasceu em 1951, em 13 de abril. Lembro-me do dia, eu tinha 9 anos de idade. Havia estado junto ao pai esperando o nascimento do irmão. O Hélio nasceu ao amanhecer do dia 13 de abril de 1951. Sei que saí correndo do Hospital e percorri os 7 km que separam o Hospital da minha casa, a pé. A todos os que encontrava, falava do nascimento. Quando meu irmão completou 5 anos, fui estudar em São Leopoldo e só tinha contato com ele nas minhas férias escolares. O Hélio terminou os estudos do ensino básico e não se habilitou a cursar a Universidade. Trabalhou por um bom tempo com meus pais, casou, teve três filhas: Aline, Alice e Cynthia, três moças muito queridas, amigas e trabalhadoras. A Aline trabalhou durante muitos anos em minha clínica como auxiliar de Enfermagem e hoje é técnica de Enfermagem, muito competente, no Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Tem um filho que é o único homem da família do meu irmão Hélio, de nome Benjamin, um guri esperto, querido e muito ativo.

Meu irmão Hélio, veio a falecer no dia 16 de janeiro de 2017 de infarto fulminante na sua casa. Foi sepultado no Cemitério Protestante de Linha Júlio de Castilhos em Roca Sales.

Durante o velório houveram vários discursos, todos enaltecendo os feitos que meu amado irmão fez para a Comunidade Local. Poucas vezes vi em minha vida, uma despedida com tanta emoção. O pastor, ex-bispo da nossa Igreja, amigo com o qual eu havia estudado, o pastor Huberto Kirchheim, proferiu as últimas palavras, na despedida do meu irmão, no Cemitério de Júlio de Castilhos, em Roca Sales. O Hélio era meu auxiliar nas cirurgias de implante capilar e exercia as funções com muita dedicação e eficiência, tanto na minha clínica, como na Alemanha, quando atuava no Continente Europeu. Os médicos, principalmente os que vinham fazer estágio na minha Clínica de Cirurgia Plástica, apelidaram-no de professor Hélio, pela competência no implante capilar do irmão.

MEU IRMÃO GÉRSON:

Nasceu em 1962, anos em que eu já estava em Porto Alegre, estudando e trabalhando na cidade. Estudou Administração de Empresas e ajudava os pais na administração da Casa Comercial em Canoas. Foi excelente auxiliar cirúrgico na minha clínica. Casou e teve dois filhos, o Gustavo e o Gabriel. Atualmente exerce funções administrativas pelo município de Esteio. Seus dois filhos, são excelentes rebentos, jovens, muito queridos e trabalhadores. Gusthavo se dedica como ferrador de cavalos e o Gabriel é grande narrador de rodeios, exercendo suas atividades com incrível competência em

todo o Sul do Brasil. O Gerson foi durante muitos anos meu auxiliar na minha clínica de Cirurgia Plástica, na rua Silveiro 700, em Porto Alegre. Me acompanhou em várias viagens que fazia à Europa e me auxiliava em procedimentos cirúrgicos, principalmente no Implante de Cabelos.

CAPÍTULO 7

A COMUNIDADE DE
LINHA JÚLIO DE CASTILHOS
ROCA SALES - RS

Próximo à casa do meu pai, a aproximadamente 300 metros, está localizada Igreja Evangélica local, construída na década de 1930, pelos moradores locais e teve entre a equipe da obra, o meu avô Jacob Petry.



Teriam trabalhado na construção 15 moradores locais, entre serventes e pedreiros. Levaram 10 meses para construí-la. Os moradores já programaram a igreja para que ela pudesse receber 250 pessoas durante um culto, sentadas comodamente. O sino da igreja foi adquirido pela comunidade, que rateou as despesas e um encarregado da comunidade toca o sino por ocasião dos cultos e também às seis horas da manhã, ao meio dia e às 18:00 horas, diariamente.

O hábito se mantém até hoje e como 90% da comunidade é Igreja Luterana, a igreja desempenha uma importante função social na comunidade. Para mim toda vez que o sino toca é um momento nostálgico, pois só de pensar que este momento se repete há dezenas de anos e imagino também como meus antepassados, avós e pais se guiavam nos seus afazeres do dia a dia, pelos estalidos do sino da Igreja. Há alguns anos atrás foi construído um salão para festas, bailes e comemorações, como casamentos, festas

de fim de ano e aniversários. A maior festa do ano sempre foram as festividades dos Kerb, em homenagem à fundação da igreja local. Há anos havia próximo à igreja um salão de baile, enorme e na oportunidade era enfeitado, em todas as janelas e portas com folhas de palmeiras e no centro do salão era colocado um círculo de ferro, redondo, duplo onde eram fixadas as garrafas de cerveja enfeitadas, chamadas gildas e no centro estava pendurada a Gilda Rainha.

Durante o baile era possível arrancar estas gildas e o que a retirasse pagaria $\frac{1}{2}$ dúzia de cervejas, a rainha também poderia ser adquirida e quem a arrancasse deveria pagar 2 dúzias de cervejas.

As pessoas dançavam com seus pares e num dos cantos do salão ficavam as gurias, no fundo havia banheiro e um enorme espelho, onde elas podiam se enfeitar. Os jovens se dirigiam baixando a cabeça na direção da escolhida. Muitos namoros e casamentos eram selados em segundos, por este método. As moças brigavam por um lugar bem em frente ao local em que estavam.

A igreja também servia de local para a escola. Frequentei a mesma junto com o meu irmão Henélio, nos primeiros dois anos do ensino primário, quando então me pai nos matriculou no melhor local de ensino da cidade, a Escola Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, a IECLB, de Roca Sales, hoje denominada Escola Pastor Dohms, cujo responsável era o professor Léo Winkel. Terminei o ensino primário na escola e dali fui matriculado em 1955 no

Seminário Protestante, Instituto Pré-Teológico em São Leopoldo, também chamado Proseminar.

Como havia dito, a comunidade local era quase que totalmente constituída de evangélicos luteranos. Único vizinho à direita da nossa propriedade era de uma família de italianos católicos, onde morava a família Piccinini, o patriarca era o Rufino Piccinini, fumava ele um lindo cachimbo de madeira amarelada e controlava os nove filhos trabalhando na roça, criando porcos, galinhas, plantando trigo e arroz, feijão para o sustento da família e também para a venda dos produtos no comércio. Os filhos eram o Mário, Paulo, Annita, Maria, Leopoldo, Danilo, Terezinha, Arnaldo e o Quinto. Engraçado que as famílias italianas tem o hábito de dar o nome a filhos por números, mas não são todos os algarismos que são usados e sim alguns os mais frequentes que são: Quinto, Sexto e Sétimo. São estes três os números mais utilizados, pois não soaria bem chamar alguém de terceiro, quarto ou oitavo. Porque assim o é, também não o sei.

Eu tinha uma irmã de criação, a Josefina, apelidada de Finche, que acabou casando com o vizinho Danilo e tiveram quatro filhos. Aos 8 anos conheci a nossa capital que na época era uma cidade bucólica e o transporte era realizado por bondes e havia uma enorme quantidade de cavalos, muitos puxavam charretes. Um espetáculo acontecia à noite, pois os cascos ferrados dos cavalos, em contato com os paralelepípedos, emitiam faíscas lindas, tipo labaredas, pois parecia que emitiam fogo. Era um lindo espetáculo pirotécnico.

Recentemente o Danilo veio a falecer e a Josefina deixou a casa em Roca Sales e veio morar em Porto Alegre.

CAPÍTULO 8

INTRIGAS NA COMUNIDADE DA
LINHA JÚLIO DE CASTILHOS – EM ROCA SALES

Entre as várias famílias da localidade, havia intrigas e uns nem se cumprimentavam, outros eram inimigos, por causas, muitas vezes insignificantes. Nosso primeiro vizinho à esquerda da propriedade, era a família do sr. Roberto Heller, casado com dona Augusta, que tinha Parkinson e foi o meu primeiro contato com uma



pessoa, com uma doença que não tem cura e tinha vários filhos, o Hugo, Meda, Fridoldo, entre as quais a Laura. Era minha madrinha e durante muitos anos, fui proibido de visitá-la, mesmo no Natal e por ocasião da Páscoa, quando os padrinhos nos davam presentes. Felizmente passados alguns anos, o mal estar entre as famílias se dissipou e pude então visitá-la. Mesmo entre as famílias evangélicas, luteranas, havia rusgas, que eu, muito jovem, não entendia, mas sabia que determinadas famílias não se davam e às vezes nem se falavam, tampouco se cumprimentavam. Eu ficava triste de ver e conviver com famílias que eram inimigas e nem se olhavam. As razões destas desavenças eram às vezes por pequenas causas, até por brigas entre cachorros da vizinhança, quando um chegava muito machucado. Sempre que eu voltava de férias do Internato, tinha a esperança de poder visitar todos os vizinhos, mas isto somente foi possível após décadas, quando então tudo voltou à normalidade. As inimizades eram como bola de neve, pois se uma família que era inimiga mortal de outra e

se a nossa se dava com esta, haveria que se decidir por qual família se queria a amizade mais próxima. Não era possível manter uma amizade franca com as duas partes, pois teria que se optar por qual a amizade seria mais próxima.

O segundo vizinho à direita da propriedade dos meus pais é o da família Zibura, o patriarca é o Antônio Zibura e dos filhos, o Ivo é o mais social, que aos domingos vai à bodega do sr. Edwino Nilsson, jogar um bocha. Os outros, o Armindo, Anita, Mário e Domingo são caseiros e raramente saem de casa. O engraçado é que na família cada um tem o seu pedaço de terra, seu curral e seus porcos, animais, assim que tudo é individual no seio família. Bem jovem, Mário veio a falecer de um AVC.

O 3º vizinho à direita da propriedade é a família de Bernardo Brauwers. A esposa do Bernardo raramente saía da casa e tem no trabalho da roça seu afazer. Seus filhos, Helga e Hildo também são pouco sociáveis. A família Brauwers é luterana, mas nunca assistia aos cultos, permanecendo quase o tempo todo só na sua casa e propriedade. Lembrome da cozinha que tinha um fogão à lenha e o piso era de barro compactado, já nos quartos o piso era de madeira compensada. Vizinho dos mesmos está a família de Emilio Horbach, que teve vários filhos, mas destaco o Norberto, que era amigo meu. Saíamos seguidamente para pescar e aos sábados e domingos jogávamos futebol.

O Norberto bem jovem veio falecer de um infarto fulminante. Havia um vizinho nosso que possuía um casal de filhos, sendo a moça um ano mais velha que meu irmão. Este era

totalmente avesso ao sexo oposto e não consta que teve algum contato feminino em sua vida. Não frequentava as festas na comunidade, tampouco os bailes mensais, animados com bandinhas de colonos que animavam o ambiente. Se o irmão não era adepto dos bailes no salão Gräebin local, o mesmo não ocorria com a irmã, que pegava carona com o motorista do ônibus, que ao final da festa deixava os frequentadores em suas casas e tinha como ponto final a casa da moça e este ficava na casa da mesma, até surgirem os primeiros raios solares, iluminando o raiar de um novo dia. Este novo dia em geral era domingo, pois os bailes sempre aconteciam aos sábados à noite.

O meu avô Jacob Petry e avó Guilhermina tinham oito filhos, quatro homens e quatro mulheres. O Edwino, Elvino, Ernildo e o Ereno de homens e de mulheres: a Alma, Irlanda, Leontina, minha mãe e a Elsa Ullrich, esposa do Leopoldo Ullrich, que possuíam uma fábrica de queijos de excelente qualidade. Os filhos do Leopoldo Ullrich são a Ilka, Edi, Elemar, Loreno e o Ademar. Muito jovem o Ademar foi contemplado com uma bolsa de estudos para estudar agricultura familiar na Alemanha. O Loreno, numa época em que eu estava construindo minha clínica, encontrei-o como andarilho na cidade de Porto Alegre e numa bela manhã deparei com ele dormindo em frente ao prédio em construção. Sugeri sua contratação como integrante dos funcionários da obra e trabalhou nela até o término da mesma.

O tio mais velho, o Edwino, era muito amigo do meu pai Germano. Possuíam um conjunto de charretes puxados por

bois e cavalos e se vestiam sempre a rigor nos finais de semana e nas festas. A bota e um tipo especial de bombacha, assim como um casaco característico e chapéu faziam parte da vestimenta. Há dias atrás passei na comunidade de Linha Júlio de Castilhos em Roca Sales e quando chegamos a falar sobre meu tio Edwino, que era uma pessoa muito alegre e eu sempre que o imagino, o vejo com sua sanfona no colo, divertindo as pessoas, mas seu irmão mais novo, único remanescente ainda vivo dos meus tios, me informou que seu irmão, meu tio mais velho, irmão da minha mãe, ao final de sua vida teria tido um episódio de depressão aguda e neste estado se enforcado no ambiente do seu quarto de dormir. Este fato, mesmo que já tenham se passado 60 anos do episódio e eu ter tomado conhecimento somente agora, me causou uma imensa tristeza, pois os retratos que possuo do tio, principalmente junto a meu pai, mostram os dois muito alegres e se divertindo na comunidade, por isto fica difícil eu imaginar que tivesse agido contra a própria vida, enforcando-se. Mas após ficar conhecendo estes detalhes da sua vida, fico pensando como ele, que tinha somente duas filhas, a Liria e a Nelda, as entregou, a Liria aos cuidados da minha avó Guilhermina e a Nelda a outra família e muito raramente se informava como eram suas vidas e ele tranquilamente se casou novamente e pouco se importava com suas filhas do primeiro casamento.

A casa do meu avô foi construída por ele, juntamente com seus vizinhos, serventes e pedreiros. É uma casa de dois andares, com três quartos, sala, cozinha e uma varanda com vários bancos e cadeiras. O térreo é um porão feito de

enormes pedras, no qual estão armazenados trigo, arroz, linguiça, carne seca e queijos. Eu gostava de entrar no porão, pois as pedras enormes de granito mantem uma temperatura agradável dentro dele, mesmo no verão ou no alto do inverno. Em frente à casa ficavam bancos de madeira e dois pés de caqui logo ao lado. Quando ficavam carregados com frutos, nossa alegria era imensa, pois nos postávamos escondidos atrás de pilares e com fundas de borracha, tentávamos alcançá-los com as pedras jogadas pelas fundas de borracha. Nós mesmos construíamos as fundas com duas tiras de borracha, unidas com um pedaço de couro, no qual ficava a pedra a ser

jogada no pássaro e unidas por uma boa forquilha de madeira, que procurávamos em arbustos da redondeza.

Quando criança, gostava de ficar na casa dos avós e brincar, principalmente com o meu tio e tia mais jovens, o Ereno e a Irlanda.

O primeiro vizinho à esquerda da propriedade dos avós era o da família do sr. João Frielink, cujo filho Romildo, veio casar com minha madrinha, Laura Heller, vizinha nossa. Quando estava cursando o 2º ano de Medicina e cursando a cadeira de nefrologia da UFRGS, meu tio Romildo veio consultar na Santa Casa e o nefrologista da época era o dr. Kerber, que após realizar exames renais, diagnosticou meu tio, com rins policísticos.

Meu tio, anos após o diagnóstico, veio falecer por insuficiência renal. Na época, como estava envolvido com a doença, fiz a transferência dos sintomas para com minha pessoa e mais tarde, após realizar exames foi afastado meu

quadro renal e deixei de sofrer, servindo-me de lição este fato.

Morava ao lado dos Frielink, a família do Gusthav Ullrich. A matriarca da família padecia de uma doença ocular congênita, que acometeu também seus dois filhos. Eu, na época tinha uns sete anos e só sabia que viajavam seguidamente ao oftalmologista da cidade, o dr. Silva Filho, famoso médico que possuía um hospital, bem montado em Roca Sales e era originário do nordeste brasileiro. Vizinho dos Ullrich, morava a família de Rheinold Schneider. Um dos filhos, o Lino, era goleiro do time local e tinha duas irmãs gêmeas, a Ely e a Vali, que casaram com dois amigos meus, o Hugo e Mindo Marasca. Vizinho da família de Rheinold Schneider morava a família de Rheinoldo Nilsson, pai do comerciante da localidade Edwino Nilsson e sua esposa Wilma. Esta imagino sempre com um metro de madeira na mão, para vender em metros as fazendas, localizadas nas prateleiras do armazém. O Rheinoldo Nilsson era o pai do comerciante da localidade, o sr. Edwino Nilsson e sempre aos domingos à tarde frequentava a casa comercial do filho Edwino, que tinha dois filhos, a Marlene e o Eduardo. Era adepto de uma cachaça produzida na região e gostava de misturar a bebida com somente açúcar branco, que os moradores locais chamavam de serrana.

As gêmeas, Ely e a Vali, esposas do Hugo e Mindo Marasca apresentam a doença de Alzheimer e estão totalmente fora da realidade.

Em Roca Sales, a maior indústria era o Matadouro Orlandini. O proprietário era da família Orlandini, dono

absoluto da propriedade. Comprava todos os porcos dos colonos e eram abatidos no local. Para matá-los, os porcos caminhavam por um corredor estreito e, ao passar por um alçapão, eram abatidos por uma bola de ferro, que os abatia com uma batida forte na cabeça. Eu gostava de frequentar o ambiente do Matadouro, aos quais meus pais vendiam, por vezes até três chiqueiradas de porcos engordados na propriedade, durante um ano letivo. Quando eu estava cursando a escola primária na Escola Evangélica de Roca Sales, hoje denominada de Escola Pastor Dohms, em homenagem ao nosso dirigente da Igreja Evangélica e fundador também do Sínodo Riograndense, gostava de frequentar o ambiente da barca do rio Taquari, guiada pelo Negro Adão, meu amigo, pois assim o chamavam e me imaginava, após cruzar o Rio Taquari, percorrer o mundo. Na época, dos sete aos onze anos, somente conhecia o nosso município e a cidade vizinha, Arroio do Meio, pois meus pais resolveram fazer um retrato do casal, que o fotógrafo, de nome Meierhofer de Arroio do Meio vendia aos casais de colonos da região. O meu primeiro retrato que irá emoldurar uma das capas dos meus livros, foi tirada por este fotógrafo, quando eu tinha cinco e meu irmão Henelio sete anos. Os Orlandini possuíam uma égua, a Alexandrina e faziam muito sucesso, com a mesma, em corridas de Porto Alegre, no Jockey Club da Cidade. Um dos Orlandini, proprietário do Matadouro, morava numa casa no alto de uma coxilha em Roca Sales e uma estrada toda enfeitada com flores levava até a propriedade. De longe da cidade pode-se observar a majestosa residência. Nunca oportunidade tive o prazer de entrar nela. Os Orlandini

criaram na época uma marca, com a qual vendiam os produtos, como linguiça e carnes suínas, em todo o Brasil, inclusive no Rio de Janeiro, através da marca Rola, em homenagem às Bombas Rola, muito presentes na região.

Meu pai vendia na cidade o melado que era produzido com a plantação de cana de açúcar. Ele tinha uma charrete e carregava 2 a 3 tonéis cheios de melado e os vendia de casa em casa, na cidade de Roca Sales. Ganhou até um apelido com a venda: “Germano Melado”. O cavalo que conduzia a charrete chamava-se Mussik. Certa ocasião o cavalo estava encilhado, engatado na charrete e um prego, nos arreios, começou a espetar o animal. Este ficou indócil e com o pai encima, iniciou uma corrida desenfreada, pela estrada, o pai conseguiu saltar, mas o Mussik espumava de raivoso e descontroladamente levava tudo pela frente, a charrete bateu num pau de cinamomo, em frente à casa e saiu em disparada por um campo, que circundava a propriedade e a charrete toda em pedaços. Foi muito difícil acalmar o animal e via-se, na sua barriga, saindo sangue pelo prego que o espetava. Foi um acontecimento que marcou a todos pelo fato de assistirmos ao Mussik, um cavalo dócil, todo descontrolado, raivoso, espumando e via-se que estava apavorado com tudo o que havia aprontado. Com muito cuidado, tiramos os arreios do cavalo e o pai a seguir aplicou mercúrio cromo no ferimento na barriga do animal.

DIVERSÕES DA LOCALIDADE:

Aos domingos, uma das diversões era jogar bocha. Jogávamos de dupla e cada um jogava duas bolas. Havia

também o bolim, uma bolinha pequena, que era jogada e todos jogavam suas bolas próximas a ela. Jogava-se com o intuito de chegar o mais próximo do bolim. Quando a bola grudava no bolim, só havia duas alternativas: O adversário dava uma rucha, quando bola rola pelo chão, para afastar a bola do bolim ou dava-se uma seca, onde a bola é jogada pelo alto, atinge a bola adversária e se aproximava então do bolim.

O jogo termina quando o vencedor atinge 24 pontos. Assim que se quatro bolas ficarem próximas do bolim, são 8 pontos, se três, 6 pontos, os dois 4 pontos e se somente uma das bolas está concorrendo à mais próxima, são 2 pontos. Normalmente, por elegância, as duplas jogavam três partidas, para ver quem levasse a melhor. Em seguida, entrava outro quarteto de jogadores. Os jogos começavam no início da tarde e iam até ao anoitecer.

O campo de futebol ficava a menos de uns duzentos metros da nossa casa, assim que uns iam algum tempo assistir ao jogo de futebol e logo voltavam para assistir ou jogar bocha. Muitos namoros se iniciavam no campo de futebol, aos domingos. As gurias ficavam reunidas numa árvore enorme, situada no fundo da goleira. Todas ficavam ali à espera de que alguém fosse falar com elas. Havia também uma tenda onde vendiam cucas, pastéis, refrigerantes e cervejas. Normalmente os jogadores eram jovens entre 16 e 26 anos. Os times eram formados por filhos de colonos da região e às vezes os times vinham enxertados, é assim que se referiam, aos jogadores bons de bola, que vinham da cidade de Roca Sales, Encantado ou Daltro Filho.

Na localidade não longe dali, descendo no sentido 4km a Roca Sales, havia também uma cancha para corrida de cavalos, realizada duas vezes por mês e era um acontecimento especial na localidade. As apostas corriam soltas, todas muito secretas, mas todos apostavam. Eram cavalos e éguas que se apresentavam nos páreos destas corridas. Uma égua em especial se destacou e tempos depois a égua Alexandrina veio participar das competições no Jockey Club de Porto Alegre, sendo grande vencedora. A família Orlandini era a proprietária da égua.

VIZINHANÇA:

Eu tinha uma irmã de criação Josefina, que veio morar com nossa família, adotada aos 10 anos. Cuidou tanto de mim como do meu irmão Henélio. O apelido dela era Finche. Ao lado da nossa casa, morava a família Piccinini e o Danilo era um dos filhos do Rufino. Acontece que o Danilo e a Finche vieram a se apaixonar e se casaram.

Na época acabei conhecendo Porto Alegre. A cidade bucólica e romântica, em todos os bairros era cruzada pelos bondes e havia muitos cavalos, que paravam com charretes, fazendo o serviço de distribuição de mercadorias na Capital. Os cavalos eram ferrados e à noite era um espetáculo de faíscas, que saíam pelo contato das patas dos cavalos, com os paralelepípedos, que cobriam as ruas da cidade. No Mercado Público havia centenas de cavalos, junto a seus donos ou amarrados com cordas, em estruturas colocadas para este fim. A minha irmã de criação viveu muito tempo em Prancheta, no Paraná e atualmente mora em Porto Alegre na casa de uma das filhas. Ela e o

marido Danilo tiveram cinco filhos, Glaci, Roseli, Darci, Gelcy e a Marli.

Muito cedo na minha vida, acho que aos nove anos, me apaixonei por uma menina da minha idade, de nome Myriam, filha de um produtor rural e criador de porcos, que morava num distrito do município chamado Linha Brasil. Quando voltava do internato, íamos meu irmão e eu, ou a cavalo ou de bicicleta e cruzávamos em frente à casa do pai dela. Era, porém, um amor platônico, sem contato e ela não ia aos bailes que aconteciam nas minhas férias, no salão de baile dos Gräebin, que ficava próximo à cidade e nunca tive, por exemplo, prazer em dançar com ela e nem mesmo convidá-la para tal fim.

Numa das minhas vindas das férias, com 19 anos, fiquei sabendo que havia casado com um rico fazendeiro do Alegrete.

Voltando a falar das famílias de Linha Júlio de Castilhos: Ao lado da família de Emilio Horbach, morava a família Tiemann, que pouco saíam de casa. Havia também na localidade as pessoas que faziam benzeduras. Uma era a senhora Hartz, morava no alto de um morro, ficando a casa na encosta da mesma. Lembro-me da casa de madeira, de cor esverdeada e numa ocasião pude assistir a sra. Hartz, em pleno trabalho na arte de benzer. O processo iniciava com o sinal da cruz em direção ao objeto a ser benzido. A benzedeira carregava uma cruz de madeira numa das mãos e na outra, folhas de arruda. Estas eram molhadas com a água de uma pia colocada sobre uma mesa e que havia sido preparada previamente para o ato. Quem

também era assíduo no trabalho paranormal era o sr. Roberto Brauwers. Quando eu o conheci, já era uma pessoa velha, forte, com os cabelos todos esbranquiçados. Benzia também animais e plantações. Por incrível que pareça, as pessoas acreditavam nas ações dos benzedeiros e se curavam dos seus males. As tantas Igrejas, dos vários credos atuais e que atuam livremente nas cidades e países diferentes e muitos que tem programas de TV, todas estão alicerçadas em pessoas que creem cegamente na pregação das palavras dos padres, pastores, missionários e pregadores em geral. Em certa ocasião, nas minhas férias escolares do Seminário Protestante, assisti ao sr. Roberto Brauwers realizar uma benzedura na pata traseira de um cavalo xucro. Levantou a pata com uma das mãos e aproximou-a do seu rosto, soprando forte sobre o casulo, onde se acomodava a bicheira do animal. Vi, com meus olhos, os bichos saírem do casulo e caírem em direção ao chão, ao lado do chinelo do benzedor. Fiquei em dúvida, se era pela benzedura ou pelo vento que o sr. Roberto assoprou, a razão de os bichos caírem, se contorcendo e mortos no chão, em frente a nós. Um dos vizinhos nossos era meu tio Erwino Sipp, que tinha como irmãos o João Sipp, o Jorge Sipp, meu padrinho e as filhas Adi e a Frida, que se enforcou. O tio era um emérito capador de porcos jovens e era chamado para o trabalho por toda a vizinhança e fazia o trabalho gratuitamente, sem nada receber por ele, pois o fazia por puro prazer. Gostava muito de galinhada e nos dias da castração, a mãe lhe fazia a comida que ele muito gostava e dizia que este era o pagamento que exigia pelo trabalho da castração. Próximo

à Igreja morava a família Chiesa e os Marasca, que tinham os filhos Leopoldo, Mindo e o Hugo, muito amigos meus. O Chiesa andava sempre de óculos escuros e nunca soube a razão do uso dos mesmos. Nas noites de luar estudávamos estrelas e constelações, assessorados com livros. O Mindo faleceu há pouco de um infarto fulminante, no momento em que estava carregando nas costas, capim elefante, para os animais presos nos estábulos. Foi socorrido imediatamente pelo irmão Hugo e sua esposa vali, que o conduziram imediatamente ao Hospital Roque Gonzales em Roca Sales, mas já chegou sem vida e nada pode ser feito, pois o óbito estava constatado. O comerciante da localidade o sr. Edwino Nilsson vendeu a sua propriedade comercial para um agricultor de sobrenome Weirich, e este está tentando dar continuidade no ponto comercial, que possui também duas canchas de bocha, mas perdeu todo o glamour que apresentava na minha juventude. O sr. Edwino Nilsson teve dois filhos, a Marlene que casou com um bispo da nossa Igreja Evangélica de Confissão Luterana, o pastor Huberto Kirchheim, com o qual eu havia estudado e o Eduardo, que após abandonar a localidade em que passou toda sua juventude, nunca mais retornou e dizem que trabalhava na Biblioteca Pastor Dohms em Porto Alegre, mas teria falecido recentemente após contrair Covid 19.

CAPÍTULO 09

LOUCOS NA COMUNIDADE

Em todas as localidades, por menores que sejam, sempre há um louco, no entender dos seus habitantes. Diferente não poderia ser, pois na Linha Júlio de Castilhos, em Roca Sales, onde nasci, também havia um louco. O nome será alterado, pois ainda hoje existem parentes do mesmo na localidade. Vamos nomeá-lo Luiz. O Sr. Luiz tinha dois filhos, o Harold e a Hulda, aparentemente normais, mas seguiam as regras da casa. A esposa do Sr. Luiz a Helga, era uma senhora totalmente voltada às lidas domésticas e à lavoura e raramente saía de casa. Via-se ela aos domingos, tanto pela manhã ou à tarde, em muitas ocasiões na capina da propriedade. Toda a família pertencia à Igreja Evangélica de Confissão Luterana, mas nunca frequentavam os cultos, que aconteciam uma vez por mês, aos domingos, às 10 horas. O Harold e a Hulda também eram, por assim dizer, antissociais, não frequentavam os cultos e tampouco faziam ou recebiam visitas de vizinhos, o que era regra na comunidade. Não iam também aos bailes do Salão Gräebin, que aconteciam uma vez ao mês e onde tocavam bandinhas, formadas por agricultores locais, que possuíam habilidades musicais e tocavam gaita, bando neon, sax, clarinete, bateria e outros. Os dois irmãos ficavam também na casa em todos os santos Dias. Certo dia, ainda no crepúsculo, aproximadamente às 20:00 horas, o sol recém havia



baixado e a noite vinha se aproximando, quando a nossa família estava reunida no pátio da casa, escutamos gritos de socorro, vindos do primeiro vizinho à direita da nossa propriedade, onde morava a família do Albino Horst, que tinha uma enorme prole de nove filhos, quatro homens e cinco mulheres. Os gritos de socorro eram do sr. Luiz, que estava sendo covardemente agredido, por não menos de três homens da vizinhança. Não fosse a intervenção do meu pai, o coitado do Sr. Luiz certamente iria a óbito. Com a chegada do meu pai, os vizinhos saíram em disparada e foi necessário levar sr. Luiz à cidade, para levar uns pontos, por um ferimento no supercílio direito.

O coitado do sr. Luiz não batia bem da cabeça, pois meses após teve que ser internado na ala psiquiátrica do Hospital São Pedro. Recordo que eu tinha uns 11 anos e por ocasião de uma visita dos meus pais ao Hospital, acompanhei-os e eu ficava impressionado com os loucos que via no Hospital. Também aqui via muitos pacientes que choravam, pois mais uma vez não recebiam visitas. O abandono de pacientes psiquiátricos continua a acontecer e sempre ocorreu desde que a humanidade existe.

Considero a doença mental igualável a toda patologia incapacitante, mas parece que as pessoas não pensam que amanhã poderá ser ela a acometida, mas simplesmente negam os fatos e fingem que o assunto não é com elas. Abandonam na maior o seu doente e normalmente toda a família segue a conduta de negar amor e compreensão ao seu familiar. Minha família que era amiga do sr. Luiz, tomou a si dar apoio ao paciente no Hospital. A mulher e os filhos

do sr. Luiz sabiam que visitávamos quase mensalmente o paciente no Hospital, mas não se dignavam a perguntar como estava o familiar.

Como a doença mental se agravava cada vez mais, o sr. Luiz ficou por anos no Hospital e não teve mais a felicidade de voltar para casa, pois após anos veio a falecer e a família não requereu nem sequer o corpo para enterrá-lo no Cemitério da Igreja Evangélica local.

A loucura pode acometer a qualquer um de nós, por problemas por exemplo, perda de um parente próximo, como a morte de um filho, pai ou mãe. Nem todos se encaixam no comportamento normal que almejamos dos indivíduos que nos cercam e assim devemos fazer o possível para que possa coabitar o amor ao próximo e a nós, mesmo com suas diferenças de comportamento.

Não há somente um profissional, o psiquiatra ou psicólogo que deverão ter a incumbência de tratar o louco, mas sim há de haver um grupo multidisciplinar, entre as quais a assistente social e o terapeuta ocupacional, que deverão dar suporte à pessoa necessitada, para que ela possa conviver em harmonia com o mundo que a cerca.

OS FILHOS DO SR. LUIZ.

Como já havia falado, os filhos raramente saíam de casa, mas dizia-se que a Hulda gostava de homens casados e falava-se que os mesmos se encontravam com ela na lavoura e à luz do dia, faziam sexo no meio do capinzal. O

Harold era todo arredio ao contato com mulheres e não consta que algum dia tenha tido contato com o sexo oposto. Era ele totalmente reservado e arredio e raramente puxava conversa com algum vizinho.

A nossa família, principalmente meu irmão Henélio e eu, frequentávamos a casa da família e quando os visitávamos, a alegria era enorme. A casa era bastante simples e lembro-me ainda hoje do fogão de barro na cozinha e o piso era de terra batida. A mãe Luísa quando estávamos na casa era totalmente arredia a nossa presença e não aparecia para conversar, preferindo dar atenção aos animais, vacas, bois e porcos, ora dando lhes pasto e por vezes retirando o leite dos ubres das vacas. Normalmente todos os colonos vendiam o excesso de leite produzido na propriedade. Cedo da manhã passava a caminhonete do leite recolhendo os tonéis, estrategicamente colocados em uma pequena casinha protegida por meia dúzia de telhas. O leite, era vendido a uma fábrica de queijo da localidade, o qual media a cada dia a qualidade do mesmo e verificava a concentração de gordura.

Na localidade também havia um Moinho de Trigo e Milho. Lembro-me que, montado no nosso cavalo Mussik, carregávamos o trigo em 2 a 3 sacos e trocávamos por farinha. O moinho apresentava uma estrutura completa de correias e roldanas e o local onde era introduzido o trigo e sua colheita como estágio final do processo. Normalmente o pagamento da moagem era pago em produto, por isto levava-se mais trigo, para pagar em quilos de produto, o trabalho da moagem.

CAPÍTULO 10

MORTE E CASAMENTO NA ROÇA

Meus avós Jacob e Guilhermina Petry tiveram 8 filhos. Minha mãe Leontina era a terceira entre as 4 irmãs. A mais velha era a Alma, casada com o tio Edgar Sipp e moravam no distrito de Fazenda Lohmann, onde residia a família do meu amigo, grande centromédio Elton Fensterseifer, que jogou no Grêmio, Inter e Botafogo do Rio de Janeiro e cuja filha, senhorita Maricley, era secretária na minha clínica. O Edgar Sipp teve vários filhos, Aracy, Elton e o Enio. Este último teve vários filhos entre os quais uma filha que casou com um pastor de Igreja e atualmente toda a família se dedica a espriar os ensinamentos religiosos entre seus parentes e amigos. Das filhas dos meus avós viria ainda a Elsa, casada com o Leopoldo Ullrich, que possuía uma fábrica de queijos e cujos filhos eram o Elemar, Loreno, Ademar, Ilka e a Edi. O Loreno, o mais jovem, num belo dia apareceu em Porto Alegre e dormiu em frente à clínica, quando a estava construindo, eu o acolhi e lhe dei emprego na construção de auxiliar de pedreiro. Recuperou-se e atualmente mora no interior de Roca Sales, em Linha Júlio de Castilhos, local também do meu nascimento. A seguir viria minha mãe Leontina, que casou com meu pai Herrmann e cujos filhos e meus irmãos são o Henelio, a seguir venho eu, meu irmão Hélio e o caçula Gerson. A mais nova das irmãs da mãe é a Irlanda, casou-se com o Beno Brauwiers, de profissão



retratista e ganhava a vida fotografando casais de colonos e suas famílias, às quais vendia os retratos, que os agricultores expunham, na sala principal de suas casas. A Irlanda nos deixou bem jovem, acometida por um câncer de tireoide, que eu durante o período da Faculdade de Medicina da UFRGS, acompanhei-a bem de perto, quando se tratou no Hospital do Câncer Santa Rita de Porto Alegre. Dos homens, o mais velho Elvino, casou-se com uma vizinha da família Ullrich. Meu tio em 1944 foi convocado para integrar as tropas brasileiras que iriam lutar no Monte Castelo na Segunda Guerra Mundial na Europa. Teve um casal de filhos dos quais a Dulce, ainda viva, mora próximo à cidade de Estrela. O mais jovem dos filhos dos meus avós Petry, o Ereno, teve três filhas, muito queridas, a Liselotte, Leonir e a Loiva. O tio Ereno mora em Fazenda Lohmann, no município de Estrela e se dedica ao cultivo de rosas, que coloca no mercado local. A história deste capítulo acontece com meu tio Ernildo, que recentemente completou 94 anos. Casou-se com a Annita e teve 4 filhos a Gladis, Clari e Glaci e o único homem da família é o Ademar. Meu tio era um colono que morava em local de difícil acesso e na estrada que conduzia à sua casa só passavam carretas puxadas a bois, mulas e pessoas cruzavam montadas a cavalo, burros ou a pé. A propriedade era circundada por uma mata virgem, na qual o tio, um excelente caçador, abatia lebres, pássaros silvestres e pombas do mato, com sua arma sempre bem calibrada e lubrificada. Seus vizinhos eram moradores que também tinham suas propriedades nas encostas da região e todas de difícil acesso. Um destes vizinhos não tão

distante de sua moradia, era a família do senhor Erwino Sipp, que tinha três filhos, a Edi, o Egon e o Ernani. Com o Egon eu havia estudado no ensino primário e éramos bastante próximos, junto a meu irmão Henelio, eu e o Egon. Um dos principais divertimentos na comunidade é a caça, tanto de lebres, com a qual usávamos cachorros treinados e a caça no mato, tentando abater pombas e pássaros silvestres. Pois num domingo pela manhã o tio Ernildo e o meu amigo Egon marcaram encontro num ponto da roça e a seguir iniciaram a caminhada rumo à mata virgem e fechada, procurando localizar pássaros e pombas a serem abatidas. O tio Ernildo gostava de caçar e era um exímio atirador. Frequentemente iam ele e o Egon, principalmente aos domingos pela manhã, caçar nos matos da região e numa destas caçadas aconteceu o infortúnio maior. Naquele domingo saíram para a caça e no mato em que adentraram havia muito cipó, que para caminhar comodamente, o Egon, com uma faca super afiada, o limpava, criando uma trilha. Meu tio Ernildo o seguia, com a arma engatilhada, pronta para o tiro certo. É necessário na caça de pombas do mato que a arma esteja engatilhada, pois as mesmas, com um mínimo de movimento ou barulho, saem em voos em disparada. Subitamente, por um descuido de frações de segundos, a arma do tio engatou num cipó, disparou acidentalmente e o tiro atingiu seu companheiro de caça mortalmente, na região do ânus e períneo. Na horrível cena da morte, o atingido, Egon, antes de fechar os olhos e morrer, ainda proferiu suas últimas palavras: “Ernildo, tu me mataste” e caíste nos braços do tio. Apavorado com a situação, pegou o morto, o colocou

nas suas costas, procurou um caminho para sair da mata virgem, para finalmente, após uma hora de caminhada e tendo o falecido nas costas, todo ensanguentado, atingir o caminho da roça. Deitou o cadáver no chão e começou a gritar por socorro e mesmo muito cansado, conseguiu reunir forças com os seus gritos, para finalmente um vizinho escutá-lo, dirigiu-se ao local e o acudiu, mas nada pode ser feito, pois o óbito estava consumado. Desceram o caminho da roça, tendo o falecido nas costas, até alcançarem um caminho, onde carretas desciam o morro, ou mulas e cavalos faziam o percurso, carregando pasto para animais ou apoiavam os colonos levando outros utensílios, como abóboras, mandioca, em fim tudo o que era produzido na localidade e que necessitava ser guardado no paiol ou porão da propriedade. O falecido, carregado nas costas pelo tio e o vizinho, que o acudiu, chegou finalmente à estrada principal, dali foi encaminhado ao IML da cidade e após dois dias, em enterro emocionado, vizinhos, parentes e amigos fizeram, no Cemitério Evangélico Luterano local, a sua despedida, após leitura bíblica e oração final, proferida pelo pastor da comunidade e o corpo ser envolvido por terra, que os coveiros com suas pás jogavam sobre o caixão, até este estar totalmente coberto pela terra e a seguir a colocação das lajes, dando-se como finalizado o ato de despedida, O tio Ernildo, de vizinho, amigo e companheiro inseparável, em tempos anteriores da família de Erwino Sipp, pais do falecido, começou a ser tratado como inimigo e assassino. A família logo nos primeiros dias do passamento constituiu advogado, acusando o tio Ernildo como assassino de seu filho. A

família também fez chegar à família do tio Ernildo, o pedido de que não fosse no enterro do filho Egon Sipp, pois não seria recebido de bom grado, uma vez que a família não acreditava na história contada pelo tio, de que teria sido uma fatalidade e sim um assassinato, puro e simples. De famílias e primeiro vizinhos que semanalmente se visitavam, tornaram-se inimigos declarados. Acusavam o tio e solicitaram às autoridades de que o tio fosse preso, mas o delegado da cidade acreditou na versão da tragédia narrada pelo tio e a prisão não foi consumada, mas teve que constituir advogado e gastou toda sua reserva financeira, que conseguiu poupar, através de décadas, com um salário mínimo somente. O advogado constituído, fiquei sabendo há pouco tempo, teria sido o Cali Schaeffer, irmão do meu colega da Faculdade de Medicina da UFRGS, Paulo Roberto Schaeffer, que durante muitos anos exerceu a otorrinolaringologia no Rio de Janeiro, mas recentemente voltou para sua cidade natal, Encantado, onde exerce a especialidade, onde reside também o seu irmão, o advogado, Cali Schaeffer. Hoje o tio com sua esposa Annita moram em uma casa de aluguel, cedida por um amigo da família Zibura, que o dispensou do pagamento de aluguel pela sua moradia. Após décadas em que correu processo, foi finalmente absolvido do crime, que ocorreu por uma fatalidade e não cometeu crime algum, mas o perdão não chega a tempo, pois acabava de completar 94 anos e logo veio a falecer, chegando ao fim um sofrimento de décadas, mas agora infelizmente nos deixou, fazendo companhia a seu amigo Egon Sipp, sepultado próximo no mesmo Cemitério Protestante da Comunidade. Mas como

diz o provérbio: "A vida segue". Acontece que um dos irmãos do falecido, o Ernani, veio a se apaixonar por uma das filhas do tio Ernildo, a Clari e se casaram e felizes estão com o matrimônio nascido entre as duas famílias marcados pelo terrível acidente. Na festa de casamento do Ernani e a Clari a família do Erwino Sipp não compareceu, pelo não perdão de seus pais ao agora sogro Ernildo e o Ernani deixou de visitar seus pais, por acreditar que o tio, agora seu sogro, não seria o culpado pela morte do seu irmão Egon. Quando numa cidade grande acontece tragédia semelhante, há uma certa diluição do ocorrido, mas em circunstâncias como o relatado, as partes morando ainda muito próximas até os dias atuais, seus encontros, mesmo casuais, conferem uma tensão interior, que jamais se apagará. O Ernani, irmão do falecido Egon, passei a conhecer bem, pois meu irmão Hélio tinha um táxi e ele fazia um horário dirigindo o automóvel, dando comissão do arrecadado. O tio Ernildo, junto à sua esposa Annita continuavam a morar em Linha Júlio de Castilhos, em Roca Sales , numa casa de propriedade do vizinho Zibura, o qual dispensou meu tio de pagar aluguel, pois era sabedor da condição financeira do tio Ernildo, pois gastou todo o seu patrimônio com advogado, mas eu junto com meu irmão Gerson o visitávamos a cada mês, pois tínhamos muito amor por este tio, que sofreu por décadas, por um crime do qual foi plenamente absolvido e era amicíssimo da vítima e a ele foi cometido injustiça, que o fez sofrer por décadas e levou este sofrimento, mesmo absolvido, até à sepultura e mesmo já de idade avançada, sei que o ato fatídico o entristeceu até a hora de sua morte.

CAPÍTULO 11

CONVERSA COM O PASTOR BRAKEMEIER

E stávamos em 1955, no mês outubro, quando fui falar com o pastor Brakemeier, que era o pastor da nossa Comunidade, da minha vontade de me tornar um pastor da nossa Igreja. Assim que era um sábado à tarde, do mês de outubro, quando tomei coragem e assim que o pastor Brakemeier terminou a doutrina com os jovens, me dirigi a ele e comecei a falar e fui direto ao assunto:



-Pastor! Eu gostaria de me tornar aluno do nosso Seminário em São Leopoldo.

Brakemeier, surpreso, me perguntou:

Mas tu tens certeza da tua vocação?

Respondi afirmativamente.

O pastor viajava num Jeep Land Rover verde, me ofereceu carona até à nossa casa e foi informar a meus pais, do meu desejo, para seguir na vida pastoral. Falando com a mãe, ela disse ao Pastor, que de longa data ela me escutava falar, da vontade de me tornar pastor da Igreja e esta afirmação agradou muito ao reverendo.

Em realidade achava importante o ensino que recebia e eu me imaginava pregando também aos jovens, a exemplo do que o pastor fazia.

Brakemeier saiu da reunião com meus pais e disse que na volta, após um mês, voltaria à Igreja e traria alguma novidade, pois faria um contato com o Seminário, o Instituto Pré-Teológico, chamado também de Proseminar, de Confissão Luterana, IECLB, em São Leopoldo, único na América.

Era trinta de outubro e eu teria que esperar por um longo mês, para saber algo sobre o meu desejo. Os dias custaram a passar e eu já me imaginava estar no Morro do Espelho, local do Seminário Protestante. Enfim chegou o dia do retorno do pastor.

No dia do culto, que começava às 10:00 horas, de um domingo em novembro, o pastor interrompeu por uns instantes a liturgia no púlpito e comunicou aos presentes, que em breve a comunidade teria um pastor como um dos seus membros, pois teria obtido uma vaga para o ano vindouro no nosso Seminário, localizado em São Leopoldo RS, para o Nelson, filho do sr. Germano e Leontina Heller e apontou em minha direção. Terminado o culto, o Jeep Land Rover verde parou em frente `a nossa casa. De dentro saiu o pastor Brakemeier. Meu coração bateu depressa e estive entre a alegria e o choro, esperando pela ratificação das palavras do pastor, proferidas momentos antes, durante o culto. Brakemeier entrou em nossa casa, pediu uma água, sentou numa cadeira da sala e disse:

Nelson, então queres realmente ir em fevereiro à São Leopoldo, frequentar o Seminário e te tornares um pastor da nossa Igreja?

Claro, mas o senhor já tem o resultado de como o sr. falou durante o culto?

O pastor afirmou positivamente. Falou então com a mãe, do que eu precisava levar de roupas, calçados, escova, pasta dental e veio com uma relação completa de todos os itens. Disse que eu também viria para casa somente na páscoa, férias de julho e no verão, Natal e Ano Novo, nos meses de dezembro e janeiro. Nunca havia me afastado de minha família, mas a vontade de estudar era tanta, que nem me passava pela cabeça, em desistir do meu intento.

Na minha pequena localidade, seria o primeiro de uma comunidade, a se afastar para mais de 200km e estudar num internato. Para os moradores locais também seria uma experiência que ela iria participar comigo, pois éramos bem próximos. Dois meses se passaram e finalmente chegou o dia da partida. Fomos com o automóvel do sr. Ewaldo Spellmeier, pai do Arteno Spellmeier, colega meu no ensino primário na escola da cidade de Roca Sales, que também iria estudar no Seminário. As estradas para São Leopoldo, na época eram todas de terra batida. Fomos via Estrela, Taquari, Montenegro, para chegar a São Leopoldo e logo fomos apresentados ao professor Höhn do Instituto, uma pessoa alegre, que somente falava a língua alemã e no local onde estão localizados utensílios de esporte, como barras e paralelas, num banco de madeira, fomos apresentados à nossa autoridade maior da Igreja, o nosso Praeses, o pastor Herrmann Gottlieb Dohms. Logo nos encaminhou ao professor Theo Kleine, também alemão, que além de professor, era o nosso Hausvater, tipo chefe

da Casa, isto quer dizer, praticamente seria nosso pai substituto. Após estas apresentações, foi a despedida dos meus pais. Deu-me um frio na barriga, pois seria a primeira vez que me afastaria por tempo longo deles.

A minha chegada ao Seminário foi num sábado e isto me permitiu conhecer o internato e a quadra de esportes que possuía, quadra de basquete, campo de handball, barras, paralelas para esporte olímpico, local para lançamento de pesos e pista de corrida para a disputa de 100,200, 400 metros e revezamento.

Logo chegou à segunda-feira. Fomos acordados num dormitório onde dormiam uns trinta alunos. Todas as camas tinham mosquiteiros, para não permitir que os insetos nos picassem. Às 07:00 horas da manhã, em ponto, iniciava um mini- culto, no qual um pastor dava um breve sermão e então rezávamos e às 07:30 horas era servido o café da manhã num refeitório, onde cabiam mais de 200 alunos.

Após o café, todos banhavam-se ao sol, durante 30 minutos. Às 08:30 horas iniciava a primeira aula de 45 minutos. Todos os professores eram vindos da Alemanha e a língua alemã era oficial na Instituição. As aulas terminavam às 11h45 e neste período, até 13h30 era para almoço. Das 14:00 às 16 horas, hora de estudos, em salas em que estudavam de 4 a 6 alunos. Das 16:00 às 18:00 horas, aulas de diferentes matérias. As salas de estudo tinham um chefe, aluno de série mais avançada, que comandava o ambiente. Após às 18:00 horas, esporte. Duas vezes por semana tínhamos aulas de educação física, após `as 16`:00 horas.

Quando cheguei ao Seminário, fui apresentado a uma pessoa franzina, que chamavam de Pastor Dohms. Não fazia ideia de que se tratava da figura expoente na nossa igreja, o pastor Hermann Gottlieb Dohms, que serve de nome a várias instituições de ensino no nosso País.

Nasceu em 03/11/1887 em Saporanga, RS e foi um teólogo e professor brasileiro e faleceu em 4 de dezembro de 1956, ano em que eu entrei no Seminário. Era filho de Paul Julius Rudolf Dohms e Marie Lydia Micos, professores e pastores em Saporanga. Fez toda sua formação na Alemanha e retornou ao Brasil e foi encaminhado a Saporanga e foi pessoa fundamental no Sínodo Rio Grandense e fundou o Instituto Pré-Teológico, o Seminário, em São Leopoldo, no Morro do Espelho e também o Colégio Sinodal. Mais tarde fundou a Escola Superior de Teologia, EST, para formar em São Leopoldo, os pastores da Igreja. Fundou também a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, do qual foi o 1º presidente.

Eu havia esquecido de mencionar porque o Morro do Espelho em São Leopoldo, foi escolhido como o local do Seminário. O Pastor Hermann Gottlieb Dohms foi o idealizador da construção. O Seminário foi construído pela necessidade dos imigrantes alemães, que haviam se estabelecido no Estado, em vários municípios e vindos da Alemanha, serem na grande maioria, evangélicos luteranos.

Principalmente nos primeiros anos da imigração alemã, líderes da comunidade e professores faziam o papel de pastores. Mas a comunidade e todo o Estado e País,

sentiam a necessidade de ter pastores, com formação específica. Assim surgiu então Herrmann Gottlieb Dohms e fundou o Sínodo Riograndense e o Instituto Pré-Teológico e posteriormente a Escola Superior de Teologia, EST.

Nunca havia dormido em uma sala com muitas camas, pois cada um dos jovens que lá estavam, experimentavam esta sensação pela primeira vez.

O Seminário tinha normas rígidas durante a semana, mas nos fins de semana era tudo mais relaxado.

Via-se os professores caminhando, alguns com crianças jovens, no extenso pátio do Instituto. Sábados à noite, invariavelmente, a Orquestra Sinfônica do Morro do Espelho se apresentava no Auditório do Colégio Sinodal. Estas apresentações de música erudita, me levaram até hoje a assistir a praticamente todas as apresentações da OSPA, no Teatro São Pedro, em Porto Alegre. Domingos pela manhã, iam todos os alunos e professores, assistir aos cultos da Igreja Matriz da cidade. O resto do domingo em geral utilizávamos para praticar esportes, cada um em sua modalidade. Eu adotei imediatamente o basquete e me tornei com os anos, titular do time. Disputávamos partidas com os alunos do Colégio Sinodal, que fica em frente à nossa Instituição.

Na segunda-feira foi o primeiro dia de aula. Tínhamos vários professores, todos vindos da Alemanha da 1ª a 6ª série.

O colégio dava grande importância ao esporte e logo eram selecionados os melhores em todas as modalidades e também no basquete e handball.

O Instituto participava de Olimpíadas, em que participavam escolas de diferentes municípios e também com os Institutos de Ensino Evangélico de outros Estados.

Eu, particularmente, fui selecionado para o grupo dos 100 e 200 metros e para o time de basquete do Colégio.

O prédio do Instituto Pré-Teológico, situado no Morro do Espelho, é de três andares. O Instituto iniciou as atividades em 1921 em Cachoeira do Sul, em 1927 transferiu-se para São Leopoldo, junto à Praça dos Imigrantes, no mesmo prédio onde funcionava o Colégio Evangélico de Professores.

Em 1930 foi construído o prédio no Morro do Espelho em São Leopoldo e transferiu-se para lá em 1931.

Hermann Gottlieb Dohms estava em frente ao empreendimento de 1921 – 1956. O Instituto encerrou as atividades em 1977 e no período de 1976 – 1977 estava sob o comando do professor Theo Kleine na cidade de Ivoti.

Hoje o prédio do Instituto é tombado pelo Patrimônio Histórico Gaúcho e abriga a administração e a Escola de Música no Morro do Espelho.

Como era o único Seminário Protestante da América Latina, os alunos eram de todo o Brasil, América do Sul, Norte e alguns da Europa, principalmente da Alemanha.

CAPÍTULO 12

O SEMINÁRIO PROTESTANTE LUTERANO
INSTITUTO PRÉ-TEOLÓGICO
EM SÃO LEOPOLDO - RS

Eu estava com 12 anos, terminando de concluir o 5º ano primário, na Escola Evangélica de Roca Sales, hoje chamada de Escola Pastor Dohms, em homenagem a



Hermann Gottlieb Dohms, autoridade Mor de nossa Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, IECLB, onde era professor Léo Winkel. Estávamos em outubro de 1955. Meus pais não tinham condições de me matricular em um educandário escolar particular, para eu seguir nos estudos, pois não havia escolas públicas próximas, somente as havia em cidades distantes, como Lajeado ou Estrela, colégios a 40km do nosso distrito e eram escolas particulares. Mas eu havia colocado para mim, que eu iria seguir nos estudos e não me dedicar ao trabalho na lavoura, onde eu, apesar de muito jovem, não via futuro algum, pelo exemplo de vida que levavam os agricultores, nossos pais, vizinhos e parentes. Cheguei à conclusão de que somente havia uma maneira: Teria que ser através da nossa Igreja Evangélica, pois havia chegado ao meu conhecimento, através de membros da comunidade, que um jovem da localidade de Barra da Seca, distrito de Estrela, havia logrado há anos atrás, uma vaga no Instituto Pré-Teológico, nosso Seminário da Igreja Evangélica, em São Leopoldo, com bolsa de estudos. Mais tarde cheguei

ao nome do jovem e seria o Huberto Kirchheim, que se tornaria bispo da nossa Igreja e ficou meu amigo.

O pastor da nossa comunidade era o reverendo Brakemeier e eu havia há tempo conquistado sua simpatia, pois nos estudos bíblicos e doutrinas, sempre me destacava e isto era de pleno conhecimento do nosso pastor, que seguidamente me proferia elogios, em frente a toda classe.

Chegava ao fim o mês de outubro e na terceira semana, num sábado à tarde, tínhamos estudos bíblicos, que chamávamos simplesmente de doutrina. Pensava comigo que eu certamente poderia enfrentar o pastor e a ele solicitar que me conseguisse uma vaga no Seminário Protestante, em São Leopoldo, IPT, Instituto Pré-Teológico, mas teria que ser com bolsa integral, pois do contrário meus pais não poderiam atender a meus desejos, pois certamente não teriam condições financeiras, pois meu irmão Henélio, dois anos mais velho que eu, estudou no Colégio Alberto Torres, em Lajeado, dois anos antes e meus pais o tiraram do Educandário, pela pouca capacidade financeira que possuíam, em pagar o Colégio.

Terminada a doutrina neste terceiro sábado à tarde, no mês de outubro, com 12 anos e, não tendo comunicado a nenhuma pessoa da minha família, resolvi enfrentar o reverendo. Após todos os alunos se retirarem do recinto, que era a própria Igreja, que meu avô Jacob Petry havia ajudado a erguer há vinte e cinco anos atrás, me dirigi ao pastor Brakemeier, solicitando a ele sua atenção, para um pedido, que eu tinha intenção de lhe colocar. Fui direto ao assunto:

Pastor, eu gostaria que o senhor visse a possibilidade de eu poder estudar no nosso Seminário, em São Leopoldo, a partir do ano que vem, pois gostaria de me tornar pastor da nossa Igreja.!

Acho que o pastor levou um susto, mas me fez a seguinte pergunta: Néilson, mas tu tens certeza da tua vocação? E eu respondi que era este o meu desejo. O pastor surpreso com meu pedido, mas por incrível que pareça, acenou com uma possibilidade, que poderia se concretizar. Perguntou se meus pais já sabiam da minha intenção e eu disse que não, que a decisão seria unicamente minha, pois solicitei também que minha situação seria peculiar, pois teria que ser com bolsa integral. O pastor disse-me, que teria que consultar a direção do Instituto Pré-Teológico, também chamado de PROSEMINAR, em São Leopoldo e me daria uma notícia em três semanas, quando haveria no terceiro domingo, do mês de novembro, nova aula de doutrina e um culto.

Saí da reunião com o pastor com bastante esperança e as três semanas que me separavam do dia em que o pastor iria me comunicar a decisão da possibilidade de eu poder estudar em São Leopoldo, no Morro do Espelho, foram os dias mais longos de minha vida. Durante estas três semanas, comuniquei a meu pai e mãe, a solicitação que havia feito ao pastor. Achavam pouco provável que fosse conseguir meu intento pois, bolsa integral, certamente me traria grandes obstáculos. Este momento da minha vida é tão importante, pois se estou aqui e escrevendo estas linhas, nada teria se concretizado, se minhas pretensões e

desejos, naquela oportunidade, não tivessem sido alcançados.

Enfim chegou o dia do retorno do pastor. Era um domingo pela manhã e nele havia um culto. Sentado com meus pais e meu irmão Henelio, nos primeiros bancos da Igreja e o pastor do púlpito, suspendeu por instantes seu sermão e disse `a comunidade, falou sem delongas: Gostaria de comunicar-vos, que o Nelson, filho do Germano e da Leontina Heller, obteve uma vaga no nosso Seminário Evangélico em São Leopoldo e certamente daqui a alguns anos, esta comunidade terá um pastor, como um de seus membros. Uma alegria incrível invadiu meu corpo e a comunidade também vibrou com o momento inesquecível, com uma salva de palmas. Eu sabia que minha vida, a partir deste momento, tomaria outros rumos, jamais imaginados de serem alcançados. Ao término do culto histórico, o pastor disse-me, que passaria na nossa casa, para me dar os pormenores, sobre minha ida ao Seminário, em fins de janeiro próximo.

Do culto fui direto para casa, esperar o momento da comunicação do pastor, sobre a minha ida à São Leopoldo, agora pessoalmente.

Passados sessenta minutos, o Jeep Land-Rover do pastor parou em frente `a nossa casa, que ficava a uns 250 metros da Igreja.

O pastor Brakemeier desceu do seu Jeep, entrou na sala, sentou-se e pediu por um copo d'água e foi logo falando:

Então Nelson, queres realmente estudar em São Leopoldo e te tornares um pastor?

Sim pastor este é o meu desejo! Ao que o reverendo confirmou que havia logrado uma vaga no Seminário, para o próximo ano de 1956. Falou com minha mãe de tudo o que teria que ser providenciado, como camisas, calças, roupas íntimas, pasta dental, escovas, enfim, tudo o que era necessário para o dia a dia no Internato, durante todo o ano. Prestando atenção na conversa do pastor com minha mãe, eu não podia acreditar, que aquilo pudesse estar acontecendo e ser verdade e dava-me vontade de sair correndo do ambiente e anunciar para toda a comunidade a minha vitória, pois se estou aqui agora escrevendo estas linhas, nada teria acontecido, se as ações deste momento, não tivessem se concretizado.

A notícia importante, de uma vaga obtida num educandário de conceito, se espalhou na comunidade. Eu mesmo e principalmente meus pais, ajudaram a comunicar a todos os moradores locais, tanto católicos como protestantes.

No início de dezembro, o pastor Brakemeier iria proferir outro culto e durante o mesmo ele fê-lo, do púlpito e ratificou para toda a comunidade, a vaga que havia logrado no único Seminário Protestante da América Latina e, daqui a alguns anos, a comunidade teria um pastor como um de seus membros e fez menção, novamente, que eu seria o candidato à vaga.

Contava nos dedos os dias que faltavam para que chegasse finalmente o dia 1º de fevereiro de 1956. Nos três meses que faltavam para chegar o dia da partida,

preparamos tudo o que o Pastor Brakemeier havia solicitado a meus pais e eu via neles também grande entusiasmo, pois todos estes acontecimentos, me enchiam de alegria, mesmo que as principais ações tivessem sido tomadas somente por mim e o pastor Brakemeier, pois na mente deles a saída do meu irmão Henelio, dois anos antes do Ginásio Alberto Torres, de Lajeado e não ter continuado seguir seus estudos, certamente os deixava tristes, mas eu de todas as maneiras, não levava este fato em consideração e por isto batalhei sozinho, sem anuência dos mesmos, trabalhando a mente do pastor e principalmente a bolsa integral, pois meus pais concordaram, sim, que eu estudasse, porém sem auxílio financeiro dos mesmos.

Chegou finalmente o dia da partida. Havia na comunidade de Roca Sales outro aluno, que havia logrado uma vaga no Seminário. Era o Arteno Spellmeier, meu colega de aula. Meus pais eram amigos da família do senhor Ewaldo Spellmeier e o pai do Arteno tinha um taxi em Roca Sales e nos convidou para que viajássemos juntos a São Leopoldo. Fomos meus pais, eu, o Arteno e seu pai Ewaldo de motorista. Era um sábado e saímos às 07:30 horas de Roca Sales.

Na época todas as estradas eram de terra batida e fomos via Roca Sales, Estrela, Taquari, Montenegro e dali à São Leopoldo. Durante o trajeto, atravessamos enormes campos cercados por postes com arame farpado, para deter os animais nas propriedades. O seu Ewaldo Spellmeier, fez duas paradas, para tomarmos um café com pastel.

Finalmente chegamos ao Seminário, no Morro do Espelho, em São Leopoldo, às 12:30hrs. No Instituto, num banco de madeira, ao lado das paralelas para esporte olímpico, fomos recebidos pelo professor Théo Kleine, chamado de Hausvater (que traduzido, significa Pai do Educandário) e pelo pastor Hermann Gottlieb Dohms, que era autoridade máxima dentro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, a IECLB, nosso Praeses. (tipo bispo da Igreja) O professor Théo Kleine me mostrou o quarto coletivo de umas 15 camas e logo me encaminhou à minha sala de estudos. No quarto havia enormes armários, onde cada aluno colocava suas roupas e mala. Havia um salão coletivo, com inúmeros espelhos e pias, eram umas cinquenta, que serviam para local de escovação dos dentes e higiene da face.

Após ficar instalado no prédio, desci para o pátio, onde havia instalações para esportes olímpicos, barras, paralelas, local para levantamento de pesos, quadra de esportes, como handball, basquete e vôlei.

No local onde estavam as instalações das paralelas, fui recebido juntamente com meus pais pelo professor Théo Kleine e pelo pastor Hermann Gottlieb Dohms. Não fazia ideia de que estava na frente da nossa maior autoridade da Igreja Protestante, nosso Praeses. Infelizmente, o pastor Dohms veio falecer no fim do mesmo ano de 1956, ano em que entrei na Instituição.

Hermann Gottlieb Dohms nasceu em 03.11.1887 e faleceu em 04.12.1956, ano em que ingressei no Seminário. Foi Pastor, teólogo e professor.

Em 1897 foi estudar na Alemanha e decidiu-se pela Teologia na Basileia e em 1908 mudou-se para Leipzig, onde completou os estudos de teologia e filosofia. Em 1914 retorna ao Brasil e é ordenado pastor em Sapiranga, por Wilhelm Rotermond, então presidente do Sínodo Riograndense. A seguir foi designado a assumir o pastorado em Cachoeira do Sul. Fundou o Instituto Pré-Teológico, o Colégio Sinodal e deu início a fundar a Escola Superior de Teologia, que só acontece em 1946 e que reuniu todas as Igrejas protestantes do Brasil, fundando a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, a IECLB, da qual foi o 1º presidente. O colégio Pastor Dohms, em Porto Alegre, é chamado assim, em sua homenagem e meu neto Gabriel, filho da Luciana Heller, minha filha, estuda na Instituição. Ingressei no Seminário na primeira semana de março de 1956, num sábado, viajando numa grande parte em estradas de areião, do interior de Estrela, Taquari, Montenegro, atingindo São Leopoldo e logo o Morro do Espelho. Na oportunidade, por incrível que pareça, fui recebido pelo professor Théo Kleine e o pastor Hermann Gottlieb Dohms, nosso dirigente mor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, a IECLB. Théo Kleine morava em um apartamento no térreo do Instituto. Eu não sabia quem era Hermann Dohms e infelizmente não tive o prazer de ter aula com o mesmo, pois veio a falecer no ano em que entrei na Instituição. Ele era pessoa tão querida, que mesmo que tivéssemos deixado a Instituição, os ex-alunos sempre promovem visita a seu túmulo, no Cemitério Evangélico de São Leopoldo, por ocasião do dia do ex-aluno do IPT, que acontece anualmente, em dezembro.

CAPÍTULO 13

O INGRESSO NO
SEMINÁRIO
INSTITUTO PRÉ-TEOLÓGICO - IPT

SÃO LEOPOLDO - RS - BRASIL

Eu estava com 12 anos, cursando o 5º ano do ensino primário e a três meses de terminar o curso. Estávamos em outubro de 1955. Meu pai, um pequeno agricultor,



não teria condições de me matricular em um educandário de ensino para eu seguir estudando, pois não havia colégio próximo, somente os havia em Lajeado ou Estrela e que ficam a 40km do nosso distrito e também havia somente escolas particulares. Mas eu havia colocado para mim, que eu queria estudar e não me dedicar ao trabalho na lavoura, onde eu, apesar de muito jovem, não via futuro algum, pelo exemplo de vida que levavam todos os colonos, meus pais, vizinhos e parentes. Cheguei à conclusão de que somente havia uma maneira: Teria que ser através da minha Igreja, pois havia chegado a meu conhecimento, através de membros da nossa comunidade, que um jovem da localidade de Barra da Seca, havia logrado há anos atrás, uma vaga no Instituto Pré-Teológico, nosso Seminário Protestante em São Leopoldo, com bolsa de estudos. Mais tarde cheguei ao nome do jovem e seria o Huberto Kirchheim, da localidade de Barra da Seca, município de Estrela, que havia conseguido uma bolsa de estudos, através do pastor da nossa Igreja.

Nosso pastor da comunidade era o reverendo Brakemeier e eu havia há tempo conquistado sua simpatia, pois nos estudos bíblicos das doutrinas, sempre me destacava.

Chegava ao fim do mês de outubro de 1955 e na terceira semana, num sábado à tarde, tínhamos estudos bíblicos, que chamávamos simplesmente de doutrina. Pensava comigo, que eu certamente poderia enfrentar o pastor Brakemeier e a ele solicitar que me conseguisse uma vaga no Seminário Protestante, em São Leopoldo, mas teria que ser com bolsa integral, pois do contrário meus pais não poderiam atender a meus desejos, pois certamente não teriam condições financeiras.

Terminada a doutrina, neste terceiro sábado à tarde do mês de outubro, eu com 12 anos e não tendo comunicado a nenhuma pessoa da minha família, do meu pedido, resolvi enfrentar o reverendo Brakemeier. Após todos os alunos se retirarem do recinto, que era a própria Igreja, que meu avô Jacob Petry havia ajudado a erguê-la, há vinte e cinco anos atrás, me dirigi ao pastor, solicitando a ele a atenção, para um pedido que eu tinha intenção de lhe colocar: Fui direto ao assunto:

- Pastor! Eu gostaria que o senhor visse a possibilidade de eu poder estudar no nosso Seminário em São Leopoldo, a partir do ano que vem, pois gostaria de me tornar um pastor da nossa Igreja.

Acho que o pastor levou um susto, mas por incrível que pareça, acenou com uma possibilidade. Perguntou se meus pais já sabiam da minha intenção e eu disse que não, que a decisão seria unicamente minha, pois solicitei também

que minha situação seria peculiar, pois teria que ser com bolsa integral. Saímos, o pastor e eu, mas disse que teria que consultar a direção do Instituto Pré-Teológico e me daria uma notícia em três semanas, quando haveria no terceiro sábado de novembro, nova aula de doutrina.

Saí da reunião com o pastor, com bastante esperança e as três semanas que me separavam do dia em que o pastor iria me comunicar a decisão da possibilidade de eu poder estudar no Seminário, em São Leopoldo, no Morro do Espelho, talvez foram os dias mais longos da minha vida. Pois se estou aqui, agora, escrevendo estas linhas, nada teria se concretizado, não tivesse logrado êxito neste meu pedido ao pastor Brakemeier. Durante estas três semanas, comuniquei a meu pai e mãe o meu pedido, que havia solicitado ao pastor. Achavam pouco provável, que fosse conseguir o meu intento, pois, bolsa integral, certamente me traria grandes obstáculos. Conseguir a bolsa integral era de vital importância, pois eu já tinha vivido este problema, pois meus pais tiraram meu irmão Henelio, dois anos antes do internato do Colégio Alberto Torres, em Lajeado, porque não dispunham de uma situação financeira para que meu irmão continuasse a estudar na Instituição. Por este fato anterior, eu de forma alguma poderia colocar a meus pais o desejo de eu estudar e eles pagarem pelo meu internato, pois meu irmão não seguiu os estudos por falta de condições financeiras dos meus pais. Por esta razão, os meus atos, apesar dos meus somente 12 anos, todos foram tomados somente por mim e como se diz na gíria, “na surdina” e somente comuniquei o fato, quando tudo estava devidamente sacramentado, com somente

atitudes minhas e a anuência do nosso pastor da Comunidade, o reverendo Brakemeier. Eu não coloquei a situação da minha vontade irrestrita de estudar no Seminário Protestante, pois a meu irmão, dois anos mais velho, simplesmente foi negada a possibilidade de continuar a estudar no Ginásio Alberto Torres em Lajeado, por falta de condições financeiras dos meus progenitores. Por esta razão somente ficaram sabendo da minha vitória na concessão da bolsa integral, quando tudo estava devidamente acertado junto ao pastor Brakemeier e o Instituto Pré-Teológico, nosso Seminário em São Leopoldo, RS. Na semana em que me foi concedida a possibilidade de estudar no Seminário, houve um culto na nossa Igreja local e o pastor do púlpito, suspendeu por instantes seu sermão e disse a toda comunidade, que lotava a Igreja na ocasião, que tinha um recado a dar à comunidade: Disse ele no idioma germânico, pois os cultos são alternadamente proferidos, ora em português e em alemão, pois há membros da comunidade que somente falam e entendem as palavras do pastor num destes dois idiomas. Meus avós, tanto maternos como paternos, falavam no dia a dia somente o idioma germânico, tanto no seio familiar, como também socialmente. Disse o pastor Brakemeier: Cara comunidade, no idioma alemão (Meine liebe Gemeinde) eu gostaria de comunicar que o Nelson, filho do seu Germano e Leontina Heller, foi contemplado com uma bolsa de estudos, para estudar no nosso Seminário, Instituto Pré-Teológico em São Leopoldo, a partir de março do próximo ano, assim que daqui a alguns anos a comunidade terá como pastor, um de seus membros. Que eu me lembre,

foi a primeira vez em que assisti a uma salva de palmas, durante um culto da nossa Igreja.

Enfim chegou o dia do retorno do pastor. Era um sábado à tarde, terceiro sábado de outubro de 1955. A doutrina terminava e o pastor me avisou que pararia na nossa casa, quando saísse do seu compromisso.

Fui da doutrina, direto para casa esperar o momento da comunicação do Reverendo, sobre a minha ida ao Seminário, em São Leopoldo.

Passados sessenta minutos, o Jeep Land Rover verde do pastor parou em frente à nossa casa, que ficava a uns 250 metros da Igreja.

O pastor Brakemeier desceu do seu Jeep, entrou na sala, sentou-se e solicitou um copo d'água. Foi logo falando:

Então Nelson, queres realmente estudar em São Leopoldo e te tornares um pastor da nossa Igreja?

Ao que afirmei, sim pastor, é este o meu desejo. Logo foi dizendo que havia logrado uma vaga no Seminário Protestante em São Leopoldo, Instituto Pré-Teológico, para o próximo ano de 1956. Falou com minha mãe de tudo que teria que ser providenciado, como camisas, calças, roupas íntimas, pasta dental, escovas, enfim, tudo o que era necessário para o dia a dia no Internato.

A notícia da minha vitória em ter conseguido tão importante vaga num educandário de conceito, se espalhou na comunidade. Eu mesmo e também meus pais ajudaram a comunicar o fato a todos os moradores locais, tanto católicos, como protestantes. Fui tomado de uma alegria

tamanha e meus hormônios e humores estavam à flor da pele e acredito que este estado humoral é semelhante ao que se estabelece no nosso corpo, quando empreendemos uma viagem internacional e deixamos para trás assuntos que nos próprios não podemos resolver e muitas vezes somos obrigados a delegá-los a outros.

No início de dezembro, o pastor Brakemeier iria proferir um culto e durante o mesmo, ele mesmo anunciou, do púlpito, para toda a comunidade que um aluno seu havia logrado uma colocação no único Seminário Protestante das Américas e, daqui a alguns anos, a comunidade teria um pastor como um de seus moradores e indicou que seria eu o aluno e me fez levantar para a comunidade, que efusivamente também comemorou o ato, com uma salva de palmas. Difícil é conseguir transformar em palavras, o que senti naquele momento, que certamente iria modificar minha vida para todo o sempre.

Contava nos dedos os dias que faltavam para que chegasse finalmente o dia 1º de março de 1956. Nos três meses que faltavam para chegar o dia da partida, preparamos tudo o que o pastor Brakemeier havia solicitado a meus pais e via neles também grande entusiasmo, pois todos estes acontecimentos me enchiam de alegria.

Chegou finalmente o dia da partida. Havia na comunidade de Roca Sales outro aluno que havia logrado uma vaga no Seminário. Era o Arteno Spellmeier, meu colega na Escola Primária em Roca Sales. Meus pais eram amigos da família e o pai do Arteno, seu Ewaldo tinha um taxi em Roca

Sales, nos convidou para que viajássemos juntos a São Leopoldo. Fomos meus pais, eu, o Arteno e seu pai de motorista. Era um sábado e saímos às 07:30 horas de Roca Sales.

Na época as estradas eram de terra batida e fomos via Roca Sales, Estrela, Taquari e dali à São Leopoldo. Durante o trajeto, atravessamos enormes campos cercados por postes com arame farpado, com gado no seu interior. O seu Ewaldo Spellmeier fez duas paradas para tomarmos um café com pastel.

Finalmente chegamos ao Instituto Pré-Teológico, no Morro do Espelho, em São Leopoldo, RS, às 12:30 horas. No Instituto fomos recebidos pelo professor Theo Kleine, chamado de Hausvater (que traduzido significa, pai do Educandário) e por uma pessoa franzina, sentada a nosso lado e não era ninguém menos que o pastor Herrmann Gottlieb Dohms, maior autoridade da nossa Igreja Evangélica, nosso Preases (tipo bispo da Igreja Católica) que infelizmente nos deixou no final de 1956, ano em que entrei na Instituição. Theo Kleine mostrou meu quarto coletivo de umas 15 camas e logo me encaminhou à minha sala de estudos. No quarto havia enormes armários, onde cada aluno colocava suas roupas e mala. Havia um enorme salão coletivo, com inúmeros espelhos e pias, que servia para local de escovação dos dentes e higiene da face.

Após me instalar no prédio, descemos para o pátio do Instituto, onde havia instalações para esportes olímpicos, barras, paralelas, local para levantamento de pesos, quadras de esportes, como handball, basquete e vôlei.

No local onde estavam as instalações das paralelas, fui recebido juntamente com meus pais pelo Pastor Höhn e a seu lado estava o pastor Herrmann Gottlieb Dohms. Não fazia ideia de que estava na frente da nossa maior autoridade da Igreja Protestante, nosso Präses, que fundou o Seminário, a Escola Superior de Teologia, EST e o Colégio Sinodal. Infelizmente, Herrmann Dohms veio falecer no fim de 1956, ano em que entrei no Seminário. A causa de sua morte até hoje me é desconhecida. O pastor Dohms descansa no Cemitério Evangélico de São Leopoldo e os ex-alunos do Instituto Pré-Teológico e membros da Escola Superior de Teologia, EST, quando se reúnem no final de cada ano, fazem uma visita ao túmulo de nosso Praeses, pastor Herrmann Dohms.

CAPÍTULO 14

UM JUIZ NO SEMINÁRIO
INSTITUTO PRÉ-TEOLÓGICO
SÃO LEOPOLDO - RS

Chamado também de Instituto Pré-Teológico ou Proseminar, o Seminário localiza-se no Morro do Espelho, em São Leopoldo. Entrei nele em março de 1956 e os primeiros dias foram de várias provocações, realizadas principalmente pelos veteranos da Instituição. Eu sabia que se fosse convidado a participar de jogos, os alunos mais antigos partiriam para cima dos novatos. Fui convidado e entrei num jogo de futebol de salão, que era disputado em campo de areião, ao lado da quadra de basquete. Inicialmente me neguei a participar, alegando estar com o joelho machucado. No mesmo momento, o veterano Adolfo Krause me deu um apito e pediu que dirigisse a partida. Não poderia me furtar ao convite, pois sabia que teria consequências sérias. Aceitei ser JUIZ e ao final da partida o apelido Juiz pegou de tal maneira, que muitos dos colegas somente me conhecem pelo apelido. Ainda hoje, quando encontro colegas da turma, sempre me chamam pelo nome de JUIZ e tenho orgulho do nome.



Era também praxe que o recém ingresso participasse de outras ações. Uma delas era caçar Tilltapp, um bicho, que diziam os veteranos, existir no mato, semelhante a um tatu e vaguearia pelo mato fechado, que havia no Morro do Espelho. O veterano dava um saco ao novato e este ficava sozinho na escuridão da mata, para caçar o tal do bicho. A

palavra Tappes, em alemão, quer dizer trouxa, bobão e o prefixo Till foi durante muitos anos antes, inventado pelos veteranos – Tilltapp= bobão. O novato que participava da brincadeira, era chamado por muitos veteranos de Till, em homenagem à noite que ficou esperando o bicho entrar em seu saco de linhagem.

Durante os anos em que estudei no Instituto, era proibido jogar futebol e para isto íamos numa vila distante do colégio, chamada Vila Pinto, jogar nossas peladas. Em dias de Gre-nal, como ninguém tinha rádio no colégio, íamos ao bar do Bananeiro, que ficava próximo ao colégio, escutar a radiação da partida.

Os fanáticos por basquete, escapavam à noite do Internato, para ver o time de basquete do Tigres jogar, no centro de São Leopoldo. No time do Tigres, de São Leopoldo, jogava o Rui Carlos Osterman, mais tarde famoso radialista e comentarista da Rádio Gaúcha e RBS de Porto Alegre. O Rui, eu o via jogar anteriormente no time do Colégio Sinodal, que seguidamente travavam verdadeiras batalhas com o time de basquete do Instituto Pré-Teológico, que entre os grandes astros, tinha o Adolfo Krause e o Huberto Kirchheim, que pela facilidade de fazer cestas, levou o apelido de Bolão. Em anos posteriores eu também cheguei a integrar o time oficial do Seminário, como titular do time de basquete.

Na minha turma de aula havia verdadeiros gênios em diferentes áreas. Paulo Rudi Schneider era exímio violinista e se apresentava com a Orquestra Sinfônica Sinodal, no Morro do Espelho. Remi Klein tocava violino com destreza.

Frank Graf era um exímio pianista, ficava horas por dia melhorando suas destrezas no instrumento. Heinrich Kluge era um exímio tocador de trompete. Outros tantos da turma integravam o coro do Morro do Espelho e se apresentavam em diversas apresentações culturais.

No esporte eu era top e representava o Instituto em esportes olímpicos, na corrida de 100 rasos, 200m e revezamento. Também joguei basquete no time que se apresentou na Olimpíade Luterana, que foi realizada juntamente com o colégio Alberto Torres, em 1959 em Lajeado. Toda minha família, pai, mãe, irmão e tios, vieram a Lajeado, prestigiar o acontecimento. Na Olimpíade jogamos contra o Colégio Sinodal, entre outras escolas e o jogo foi uma verdadeira batalha campal, pela rivalidade que as duas Instituições do Morro do Espelho tinham entre si. Havia um aluno da cidade de Três de Maio, de nome Egon Esch, que era um craque nos exercícios das barras e paralelas e tinha prestígio com o professor Walter Hinrichs, que selecionava os participantes das Olimpíade Protestantes, realizadas anualmente.

Em 1960 estava cursando o 5º ano e minha consciência travava uma batalha incrível: Continuar e formar-me um pastor, ou tornar-me um cidadão, lutando sozinho pela sua subsistência. Na época com 17 anos e sabia que se saísse do Seminário, daqui a alguns meses deveria me apresentar à junta militar mais próxima, para cumprir o Serviço Militar.

Chegou novembro e antes de comunicar à direção da Instituição de que não faria matrícula para o próximo ano, me alistei no Exército, me dirigindo ao 1º do 6º Regimento

de Obuses, Calibre 105, de São Leopoldo. Após exame médico, fui selecionado e deveria me apresentar para servir ao Exército a partir de março de 1961. Faltavam duas semanas para o término do ano letivo no Instituto, quando fui comunicar ao professor Theo Kleine, que não iria me matricular para o próximo ano, por já estar alistado no Exército e iria vestir a farda em fevereiro de 1961. Por surpresa minha, a direção não reclamou da minha decisão, pois julgavam que eu não teria um perfil para seguir na vida religiosa, no entendimento dos professores, por conversa que tive com o mestre Sölter da Instituição, que era bastante chegado a mim.

Havia, porém, um problema: Como e onde eu iria estudar daqui em diante? Só poderia me matricular em Escola Pública e teria que ser noturna, pois durante o dia teria que servir ao Exército no 1º6ºRO.105.

Fui tirar informações no Colégio Pedro Schneider, que ficava no centro de São Leopoldo. O colégio era público, o que era o meu desejo. Existia um, porém: As disciplinas que cursei no Instituto, não fechavam com as do Colégio Estadual Pedro Schneider: Faltava o francês que eu não havia cursado. Decidi então, durante dois meses, me matricular num curso particular da língua francesa. Teria que cursar quatro anos, em três meses e em fevereiro prestar o exame de suficiência na língua.

Curvei novembro, até 15 de dezembro de 1960, num curso particular de francês e comprei os quatro livros da língua que eram ministrados no colégio e fui estudar no interior de Roca Sales, de uma maneira autodidata. Até minha mãe

entrava na jogada e me ajudava a tirar as lições. Estudava inúmeras horas diárias, sonhava em francês. Em fins de janeiro, chegou o dia do exame. Tanto na prova escrita, como oral, fui aprovado com louvor, como me disse a professora de francês. Chegou então o dia da matrícula no Colégio Pedro Schneider. Iniciei o curso do 1º Científico Colegial, no dia 1º de março de 1961.

Estava finalmente habilitado a frequentar o curso normal que a Secretaria de Educação do Estado exigia. Coursava já dois meses do curso, quando comecei a servir ao Exército no 1º6º RO.105 em São Leopoldo.

No quartel, fiquei lotado na Segunda Companhia, tendo o capitão Ventura como comandante e o primeiro tenente Geyer, era seu assessor direto na Companhia. Dentro da mesma fui designado na função de telefonista. Fazíamos treinamento de simulação de guerra, quando como telefonista minha função sempre seria a de abrir os espaços no front do Exército. Na época não existia a comunicação sem fio e o grupo que nos acompanhava carregava grandes quantidades de bobinas enroladas com milhares de metros de fios de telefone. Periodicamente o Exército saía para lugares, os mais inóspitos, para realizar treinamento de guerra. Finalmente chegou março e com ele o início do curso no 1º Científico. Não havia o menor problema para me deslocar do quartel ao colégio, porque na maioria das vezes utilizada os jeeps do próprio Exército, para me conduzirem ao educandário, pois oficiais moravam no centro da cidade e se deslocavam `as suas residências.

A direção do Colégio que conhecia minha história, admirava meu esforço em cursar o Colégio, concomitante ao Serviço Militar. Durante à noite quando dava serviços de guarda, sempre me acompanhava um livro, com os temas do colégio. Aos oficiais eu mostrava os livros e eles me estimulavam ao estudo.

O ano se passava de mansinho e não podia imaginar que logo ali adiante estaria instalado o caos no Rio Grande do Sul.

Em 25.08.1961 o Presidente da República Jânio Quadros, renunciava ao cargo de Presidente, alegando que havia forças ocultas por trás de sua renúncia. Até a data de hoje não se sabe o motivo real do seu ato. Como figura exótica na Presidência, editava por exemplo atos específicos, em que proibia lutas de rinhas de galo e outras excentricidades conhecidas. Logo após a renúncia, Brizola se estrinchou no Palácio do Governo em Porto Alegre e em 27 de agosto, deflagrou a Revolução Legalidade, brigando pela posse de seu cunhado, que exercia a Vice-Presidência da República, Jango Goulart, que se encontrava em viagem à China.

Neste meio tempo o Exército do Rio Grande do Sul se deslocava à Santa Catarina, pois em Criciúma e Lages, haviam se estabelecido as forças de resistência, contra guarnições do Exército, que se deslocariam do centro do País. No Exército atuava na função de telefonista e meu número como soldado era o 282. Chovia muito no período em que estávamos sediados em Lages, em Santa Catarina e nossas meias e coturnos estavam quase sempre úmidos. A nos soldados não era dada a mínima informação dos

acontecimentos que estavam se desenrolando no país e os oficiais, se sabiam, nada a nos informavam. Dr. Nelson Heller

CAPÍTULO 15

A VIDA NO SEMINÁRIO

MORRO DO ESPELHO - SÃO LEOPOLDO - RS

O Seminário, chamado também de Instituto Pré-Teológico, Proseminar, ou simplesmente PRO, está localizado no Morro do Espelho, em São Leopoldo RS,



onde funciona também o Colégio Sinodal e a Escola Superior de Teologia, EST, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, a IECLB. Ao pé do Morro, há também a Casa para a formação das Diaconisas, as freiras protestantes, a Mutterhaus. (Nonnen em alemão)

Em outro capítulo deste livro descrevo a “História do IPT” - Instituto Pré-Teológico, popularmente conhecido como Proseminar, ou PRO. O prédio do PRO é constituído de três andares e nele estão instalados os quartos dos Internos, a sala de refeições, salas de estudos, de música, harmônio, violino, trompetes, piano e há um apartamento para um professor, que supervisiona todo o alojamento. Na minha época no Instituto, o professor responsável pelo internato, que morava no prédio, num apartamento ao lado esquerdo da porta de entrada principal da Instituição, era o professor Théo Kleine. Tinha uma esposa querida e afável, a Marie Agnes e quatro filhos, entre eles o Hans Jürgen, a Karin e da minha classe de aula o Gerhard e a Ursula, apelidada de Ulla. Era uma moça atraente, com uma face bem moldada, olhos negros, pálpebras bem delineadas e lábios carnudos. Faziam companhia a ela mais duas mulheres, a

Hildburg Schiemann que cursou Medicina e é médica em Porto Alegre e se destacava também a Magdalena Schluckebier, garota com 1,80 cm de altura, elegante, sóbria e chamava a atenção sua beleza, principalmente nas aulas de Educação Física, que eram ministradas duas vezes por semana, pelo professor Walter Hinrichs, que também era professor de grego e latim. A Magdalena trabalhava em Genebra, pela Federação Luterana Mundial, como secretária multilíngue, casou e atualmente reside na Alemanha. Na minha turma havia mais uma jovem, a Ana Margarida Prinz, que entrou no nosso grupo no segundo ano. www.iptsaoleopoldo.com.br este é o site que contém todas as informações, que dizem respeito à vida no Seminário e de seus alunos, nos diferentes anos em que lá estudaram.

O professor Walter Hinrichs levava as aulas de ginástica muito a sério. Os alunos eram selecionados, segundo suas habilidades e tudo visava à seleção e prepara-los para a Olimpíade Protestante, que acontecia uma vez ao ano, disputado entre todos os Educandários que a Igreja Evangélica possui em todo o Sul e outros estados do Brasil.

Assim que primeiramente eram selecionados os alunos que tinham boas velocidades cronometradas nos 100, 200 metros e revezamento.

A seguir observava os que possuíam habilidade nas paralelas, na barra, no salto em distância, de altura, no vôlei, basquete e Hand bell. Futebol era jogado muito raramente no pátio do Instituto e os amantes da bola

jogavam num campo distante 3km, num local chamado Vila Pinto.

Quando o aluno era selecionado para uma modalidade esportiva, treinava principalmente após às 18:00 horas., quando terminavam as atividades escolares.

Era interessante de ver os alunos, cada qual aperfeiçoando-se na sua modalidade esportiva. Quando o aluno se destacava na música, canto, violino, harmônio, trompete ou piano, este somente participava das duas aulas de ginástica e após se dedicava à sua especialidade musical.

Havia desde o primeiro ano: latim, grego, inglês, matemática, desenho, alemão, história e geografia. Todas estas disciplinas eram proferidas em alemão. Havia também aulas de português, ministrado pela professora alemã Frau Pfarrer Wiebke. Nas horas de estudo a disciplina era muito rígida. Na sala havia alunos de várias séries, em números de 5 a 7. Os de séries mais adiantadas eram nomeados chefe e subchefe da sala. Não era permitida conversa paralela no ambiente de estudos. Havia um professor, que fazia a ronda, para manter a disciplina e o silêncio nas salas.

Durante à meia manhã e à tarde, havia um recreio de trinta minutos e neste período nos postávamos na via, junto às paralelas, onde havia bancos e as gurias do Colégio Sinodal desfilavam, chegando do centro de São Leopoldo.

O domingo era dia de relaxamento. Pela manhã todos os alunos e professores frequentavam o culto da Igreja

Evangélica, no Centro de São Leopoldo, das 10:00 às 11:00 horas.

Após tínhamos almoço e folga em todo o domingo. `A tarde reservávamos para praticar esportes.

Na época não havia rádios menores e tínhamos dificuldade em escutar músicas e partidas de futebol. Havia, porém, alunos extremamente inventores, que construíam galenas com fios de cobre e os transformavam em rádios rudimentares. Eu me interessava pela construção das galenas, mas sua construção, de quem possuía a capacidade de fazê-la, não revelava nada sobre a feitura das mesmas.

Nas férias de julho tínhamos trinta dias de férias e quarenta e cinco dias em dezembro, janeiro e fevereiro. À noite, após a janta, que era servida às 19:30, tínhamos novamente uma hora e meia de estudos, normalmente íamos dormir às 23:00 horas.

Dormíamos em quartos coletivos, onde ficavam de 20 a 25 alunos. Toda a cama possuía um mosquiteiro, para espantar mosquitos, que eram frequentes nas matas do Morro do Espelho.

No 3º ano, durante o recreio da manhã, quase aconteceu um desastre comigo. Engoli uma laranja pequena, que ficou trancada na minha garganta e por sorte um colega presenciou o acidente e por instinto, me deu um murro nas costas e com a manobra, expeli a laranja. O colega que me salvou, foi o agora pastor Remy Hofstadter, com o qual o relacionamento permanece até os dias atuais.

Estudei cinco anos no Instituto, normalmente seria o correspondente ao ginásio, que é de quatro anos. Deixei o Instituto após concluído o 5º ano. O Instituto Pré'-Teológico havia instituído seis anos, como ensino básico preparatório, após o qual o aluno poderia ir direto para a Faculdade, Escola Superior Teologia, EST, que também fica no Morro do Espelho. O Instituto Pré '-Teológico deixou de funcionar no Morro do Espelho em 1977 e em dezembro do mesmo ano passou suas atividades para a Escola Evangélica de Ivoti, sendo que o professor Theo Kleine respondia pela mesma. Atualmente o candidato que pretende estudar na Faculdade Escola Superior de Teologia, pode fazê-lo, após a conclusão do Ensino Secundário completo. Ao obter sucesso no vestibular de Teologia, o candidato inicia o estudo do grego e hebraico, além do curriculum em si, que compõem os ensinamentos das matérias da Teologia. As inscrições para o vestibular e ingresso na Faculdade Escola Superior de Teologia, são efetuadas em setembro, pela internet no site: www.iptsaoleopoldo.com.br e as provas realizadas em dezembro do mesmo ano.

Em novembro de 1960 resolvi deixar o Seminário. Em fins de outubro, fui falar com o Pastor Höhn, da minha intenção de deixar o Instituto e na época, com 18 anos, fui me alistar no Exército, como soldado raso, no 1º6º RO.105, Primeiro do Sexto Regimento de Obuses Calibre 105, em São Leopoldo. Quando fui falar com o Pastor Höhn da minha intenção de deixar o Instituto, me perguntou como iria me manter fora do internato, pois senti nele a preocupação com minha manutenção. Ao ouvir de mim que iria servir ao Exército, senti que ficou muito feliz, pois era ele quem

tratava da liberação do Exército, os alunos que iriam seguir os estudos religiosos, na Faculdade Escola Superior de Teologia. Durante o curso no Seminário eu aprontava e por vezes escapava à noite do Internato, para assistir a filmes no centro de São Leopoldo. Havia na rua principal da cidade, na avenida Independência, dois cinemas: O Cine Brasil e o Independência.

Íamos em dupla e assistíamos ao filme e em torno das 23:00 horas voltávamos ao Internato. Havia um terraço e este tinha uma janela e tirávamos a chave da mesma, deixando previamente a janela trancada e na volta escalávamos o terraço e com todo o cuidado adentrávamos o prédio e logo nosso dormitório.

Durante todos estes anos nunca fomos descobertos. Eu também assistia umas duas vezes ao mês, aos jogos do Time do Tigres, melhor equipe de basquete da cidade, onde jogava o lendário Rui Carlos Osterman, que anos após se tornou radialista e comentarista esportivo da RBS TV e Rádio Gaúcha.

Na única transgressão em que fomos descobertos, pelo professor Ernest Nietzsche, que morava numa casa ao lado do Instituto, foi numa noite em que fomos arrancar frutas de abacate, numa enorme árvore da sua propriedade. Quando fomos descobertos na tampa, como se diz no popular, no momento o professor nos perguntou porque não havíamos solicitado permissão para retirar as frutas, assustados, não tivemos resposta que justificasse nossa atitude. Ele não nos xingou, mas pelo olhar de repressão e pela seriedade do olhar, foi pior como se tivéssemos recebido umas

palmas, mas esta atitude me deixou marcado. Meses após aconteceu um sumiço de dois pares de meias de um aluno e o professor Dietschi se insinuou para o meu lado, como se eu fosse o responsável pelo fato, mas eu não tinha nada a ver com o caso e com voz firme, enfrentei o professor e daí para frente o assunto estava encerrado.

A cada final de ano os professores se reuniam numa sala, para uma conversa sobre os alunos do colégio, chamado em alemão de Lehrerversammlung. (reunião de professores) Usávamos cartolinas e fazíamos tubos com os mesmos e deixávamos a parte mais larga da boca, exatamente na janela, onde estavam sendo discutidos os problemas dos alunos e com isto tínhamos uma ideia do que o staff de professores falava sobre cada aluno.

Era algo muito interessante e o fazíamos por pura diversão. Logicamente éramos todos jovens de 12 a 18 anos, cheios de energia e está de uma ou outra maneira deveria ser extravasada.

A parte esportiva do Instituto sempre se encontrava em ótimas condições. Além das barras, paralelas, local de saltos em altura e distância, havia uma quadra de basquete e outra de handball. Futebol era proibido de jogar nas áreas destinadas aos esportes olímpicos, nos arredores do prédio do Instituto Pré-Teológico e o fazíamos, num local chamado de Vila Pinto, distante uns 3 Km.

O Morro do Espelho possui uma arborização muito bem cuidada, com árvores nativas antigas, por onde tem trilhas, na qual podia-se passear. Uma vez ao ano havia uma

ação, chamada guerra entre grupos. (Kriegsgruppenspiele-
em alemão)

Os grupos se diferenciavam, pois, metade possuía amarrado um barbante na mão direita e o outro na esquerda.

Os grupos se enfrentavam, uns tentando retirar os barbantes do adversário. Era um evento, em que muitas vezes os grupos entravam em confronto e por isto realizado uma vez ao ano somente. Quando saí do PRO e ao tentar fazer a matrícula no Colégio Pedro Schneider, em novembro de 1960, fui informado de que o meu diploma do ginásio só seria reconhecido, após prestar suficiência em francês, disciplina que no Instituto não era ministrada. Aceitei o desafio, comprei os quatro livros de francês do ginásio e fui ter um mês de aula da língua, com uma professora particular.

Em um mês ensinou-me as bases da pronúncia e outros detalhes da língua e em dezembro fui à minha casa, em Linha Júlio de Castilhos, em Roca Sales. Estudava não menos de 12 horas ao dia de francês. Lembro-me de um dia, em que fui com minha mãe na roça e mesmo nela os livros me acompanhavam. A mãe capinava o inço entre duas fileiras do milho e eu ficava no canto de uma delas e sempre que a mãe retornava da capina da fileira já livre do inço, me tirava a lição estudada. Os estudos da língua foram durante os meses de dezembro, janeiro até 20 de fevereiro de 1960, quando fui prestar o exame de suficiência da língua. Apresentei-me à secretaria do Colégio Pedro Schneider, em São Leopoldo, onde já estava

a professora de francês, que iria me aplicar a prova oral e escrita.

Confesso que estava bastante tenso, pois deste exame dependeria todo o meu futuro, pois só poderia me matricular no 1º Científico, no Colégio Pedro Schneider, em São Leopoldo, se lograsse minha aprovação neste exame de francês e daí seriam reconhecidos os meus estudos no Seminário, como sendo o equivalente ao ginásio.

A professora iniciou o exame com a prova oral e senti que ela queria me deixar bem à vontade. Primeiramente quis conhecer minha história estudantil pregressa, pois ela não sabia de como era o estudo no Instituto Pré-Teológico e disse a ela que estudara grego, latim, português, alemão e inglês, ficando infelizmente o francês não incluído nas disciplinas.

Mas afirmei a ela que achava que estaria apto a prestar o exame oral e escrito da língua, pois a havia estudado por três intensos meses. Aplicada a prova e fui aprovado com méritos, como me afirmou a simpática professora de francês.

É muito difícil explicar em palavras a minha alegria ao passar neste exame, pois meu futuro estava todo ele colocado nestas duas horas de provas da língua. Parecia que todo aquele peso colocado sobre meus ombros, fosse relocado ao infinito e eu agora estava apto a enfrentar os desafios que a vida esperava de mim. Minha alegria não cabia em nada que fosse físico, pois eu ainda enfrentava toda esta situação sozinha e não tinha ninguém com quem dividir minhas angústias e tampouco as alegrias. Eu

também não queria trazer preocupações a meus pais, pois eles não teriam a capacidade de elaborar uma situação, em que um filho, estudando durante cinco anos num internato, necessitaria de uma hora para a outra, provar que seus estudos até então teriam que ser validados, com somente uma prova de língua.

Eu estava hospedado numa casa tipo hostel, onde fiquei por uma semana, me preparando para a prova do Colégio Pedro Schneider. Quando fui aprovado, fui direto à Rodoviária de São Leopoldo e comprei minha passagem para a manhã do dia seguinte. Na época a comunicação era muito difícil, pois não havia celular e também na minha casa em Roca Sales não havia telefone, assim que meus pais e amigos somente seriam informados do sucesso do meu feito, na tarde do dia seguinte e foi assim que aconteceu.

Como não havia dado importância do exame a meus pais previamente, não quis eu agora explicar toda a minha angústia, pela qual havia passado nestes dias.

Com a aprovação na prova de francês, estava apto a me matricular no 1º científico, no turno da noite, das 19:30 às 23:00 horas, no Colégio Estadual Pedro Schneider, em São Leopoldo, RS.

O curso iniciava no dia 1º de março de 1961, estava também alistado no Exército no 1º6º RO 105, em São Leopoldo e minha apresentação seria no dia 15 de fevereiro daquele ano. Todos meus problemas estavam a priori satisfatoriamente encaminhados. Apresentei-me à Guarnição do Exército na data determinada e fiquei lotado

na 2ª Bateria, sendo meus superiores, o Capitão Ventura e o 1º Tenente Geyer.

Foram dois oficiais humanos e tratavam seus soldados com mão firme, mas extremamente amigos.

O importante no meu caso é que havia um bom alojamento para dormir e descansar e, ao mesmo tempo, todas as refeições café, almoço e janta eram de excelente qualidade.

Logo nos primeiros dias foi marcada a prova para que o soldado que tivesse o ginásio concluído, pudesse prestar o exame para exercer as funções de cabo, mas havia nele funções a desenvolver que não permitiam que o cabo pudesse se ausentar todas as noites do quartel, pois este era meu caso, que pretendia estudar todas as noites, para iniciar o 1º Científico no Colégio Pedro Schneider e por este motivo não quis fazer o curso, ficando lotado na Segunda Bateria do Exército, como soldado raso e com identificação no Exército, com o número 282.

O Educandário era estadual, sendo por isto isento de pagamento de mensalidades. Uma vez a cada 10 dias, eu ficava de plantão na sentinela da guarnição, ficando responsável por toda a segurança do Quartel.

A guarita era um local de 1,5 x 1,5 metros, onde o soldado ficava de pé, com a arma ao seu lado e havia na guarita quatro mini-janelas, através das quais o soldado controlava o fluxo de entrada e saída da guarnição. Como durante a semana assistia às aulas à noite, dava preferência a dar o meu plantão no Quartel, nos fins de semana, para não faltar às aulas. Em outro capítulo descrevo minha participação na

Revolução Legalidade, quando nossa tropa foi deslocada para Lages, em Santa Catarina, no período de 25 de julho a 6 de agosto de 1961, quando o governador Leonel de Moura Brizola se entrincheirou no Palácio do Governo, em Porto Alegre, pela posse do seu cunhado, o vice-presidente eleito Joao Goulart, episódio que relato em outro capítulo do livro.

Os primeiros dias no Seminário foram de várias provocações. Eu sabia, que se fosse convidado a participar de jogos com os veteranos, estes partiriam para cima dos novatos. Fui convidado e entrei num jogo de futebol de salão, que era disputado em campo de areião, ao lado da quadra de basquete. Inicialmente me neguei a entrar, alegando estar com o joelho machucado. No mesmo momento, o veterano Adolfo Krause me deu um apito e pediu que dirigisse a partida. Não poderia dizer um não, pois sabia que teria consequências sérias. Aceitei ser o Juiz e ao final da partida, o apelido de Juiz pegou de tal maneira, que muitos dos colegas somente me conhecem pelo apelido. Ainda hoje, quando encontro colegas da turma, sempre me chamam de Juiz.

Era também praxe, que o recém ingresso participasse de outras ações. Uma delas era caçar Till-Tapp no mato. O tal do bicho, imaginário, seria semelhante a um tatu, que vaguearia pelo mato cerrado, que havia no Morro do Espelho. O veterano dava um saco de linhagem ao novato e ele ficava sozinho na escuridão da mata, para caçar o bicho. A palavra Tappes quer dizer trouxa, bobão e o prefixo Till, foi durante muitos anos antes, inventado pelos veteranos do Seminário – Till-Tapp = bobão. O novato que

participava da brincadeira, era chamado por muitos veteranos de Till, em homenagem à noite em que ficou esperando o bicho entrar em seu saco de linhagem.

Durante os anos que passei no Instituto, era proibido jogar futebol nas áreas próximo ao prédio da Instituição e para isto íamos numa vila distante do colégio, chamada Vila Pinto, jogar nossas peladas. Em dias de Gre-nal, como ninguém tinha rádio no colégio, íamos ao Bar do Bananeiro, que ficava próximo ao colégio, escutar a radiação da partida.

Os fanáticos por basquete, escapavam à noite do Internato, para ver o time de basquete do Tigres jogar. No time do Tigres, de São Leopoldo, jogava o Rui Carlos Osterman, famoso radialista e comentarista da Rádio e TV Gaúcha de Porto Alegre. O Rui, eu o via jogar anteriormente no time do Colégio Sinodal, que seguidamente travava verdadeiras batalhas com o time de basquete do PRO Seminário, que entre os grandes astros, tinha o Adolfo Krause, Silvio Meincke e o Huberto Kirchheim, que pela facilidade de fazer cestas, levou o apelido de Bolão.

A minha turma de aula tinha verdadeiros gênios, em diferentes áreas. Paulo Rudy Schneider era exímio violinista e se apresentava com a Orquestra Sinfônica Sinodal. Remi Klein também tocava violino com destreza. Frank Graf era um exímio pianista, ficava horas por dia melhorando sua destreza no instrumento. Heinrich Kluge era um exímio tocador de trompete. Outros tantos da turma integravam o coro do Morro do Espelho e se apresentavam em diversas apresentações culturais.

No esporte eu era top, representava o Instituto em esportes olímpicos nas corridas de 100, 200m e revezamento. Também joguei basquete no time que se apresentou na Olimpíade Luterana, que foi realizada juntamente com o colégio Alberto Torres, em 1959 em Lajeado, RS. Toda minha família, pai, mãe, irmão e tios, vieram a Lajeado, prestigiar o acontecimento, quando jogamos contra o Colégio Sinodal, entre outras escolas e o jogo foi uma verdadeira batalha campal, pela rivalidade que as duas Instituições do Morro do Espelho tinham entre si.

Em 1960 estava cursando o 5º ano e minha consciência travava uma batalha incrível: Continuar e formar-me um pastor da nossa Igreja Evangélica, ou tornar-me um cidadão, lutando sozinho para a sua subsistência. Na época com 17 anos, eu sabia que se saísse do Seminário daqui a alguns meses, eu deveria me apresentar à junta militar mais próxima, para cumprir o Serviço Militar obrigatório no Exército Brasileiro.

Chegou novembro e antes de comunicar à direção da Instituição que não faria matrícula para o próximo ano, me alistei no Exército, me dirigindo ao 1º do 6º Regimento de Obuses, Calibre 105, de São Leopoldo, I6RO105. Após exame médico, fui selecionado e deveria me apresentar para servir ao Exército, a partir de março de 1961. Faltavam duas semanas para o término do ano letivo no Seminário, quando fui comunicar ao professor Theo Kleine, que não iria me matricular para o próximo ano, por já estar alistado no Exército Brasileiro e iria vestir a farda em fevereiro de 1961. Por surpresa minha, a direção não reclamou da

minha decisão, pois julgavam que eu não teria um perfil, para seguir na vida religiosa, pois no entendimento dos mesmos meu perfil seria de um temperamento, diferente das normas vigentes para o seguimento no pastorado, por conversa que tive com professor Sölter, da Instituição, que era bastante chegado a mim. Estas decisões e falas sobre alunos da Instituição, eram realizadas várias vezes ao ano e em uma destas reuniões (chamado de Konferenzraum em alemão) foi debatido o meu desempenho e comportamento na Instituição e eu ficara sabendo pelo professor Sölter, que havia dúvidas se eu deveria continuar na Instituição de Ensino.

Se eu saísse do Seminário havia, porém, um problema: Como e onde eu iria estudar daqui em diante? Só poderia me matricular em escola pública e teria que ser noturna, pois durante o dia teria que servir ao Exército, no 1º 6º RO.105 em São Leopoldo.

Fui tirar informações no Colégio Estadual Pedro Schneider, que ficava no centro de São Leopoldo. O colégio era público, o que era o meu desejo. Existia um, porém: As disciplinas que cursei no Instituto, não fechavam com as do Colégio Pedro Schneider: Faltava o francês, que eu não havia cursado. Decidi então, durante dois meses, me matricular num curso particular da língua francesa. Teria que cursar quatro anos, em três meses e em fevereiro prestar o exame de suficiência na língua.

Curvei a língua, com professora particular, de primeiro de novembro, até 15 de janeiro de 1960 e comprei os quatro livros de francês do ginásio e fui estudar no interior de Roca

Sales, de uma maneira autodidata. Até minha mãe entrava na jogada e me ajudava a tirar as lições. Estudava quatorze horas diárias, sonhava em francês. Em fins de janeiro, chegou o dia do exame. Tanto na prova escrita como oral, fui aprovado com louvor. Chegou então o dia da matrícula no Colégio Pedro Schneider. Iniciei o curso do 1º Científico Colegial, como era chamado à época.

Estava finalmente habilitado a cursar o científico, que a Secretaria de Educação do Estado exigia. Cursava já dois meses do curso, quando comecei a servir ao Exército, no 1º6º RO.105 em São Leopoldo.

No Exército fiquei lotado na Segunda Companhia, tendo o capitão Ventura como Comandante e o primeiro tenente Geyer, como seu Oficial Imediato. Dentro da companhia fui designado na função de telefonista. Fazíamos treinamento de guerra simulada, quando como telefonista, minha função sempre seria a de abrir os espaços, no front do Exército. Na época não existia a comunicação sem fio e o grupo que nos acompanhava, carregava grandes quantidades de bobinas, enrolados com milhares de metros de fios de telefone. Periodicamente o Exército saía para lugares, os mais inóspitos, para realizar treinamento de guerra. Mas finalmente chegou março e com ele o início do curso no 1º Científico. Não havia o menor problema para me deslocar do quartel ao colégio, porque na maioria das vezes utilizada os jeeps do próprio Exército para me conduzirem ao colégio, pois a grande maioria dos oficiais tinham suas residências no centro da cidade de São Leopoldo.

A direção do Colégio, que conhecia minha história, admirava meu esforço em cursar o colégio, concomitante ao Serviço Militar. Durante as horas, à noite, quando dava serviços de guarda, sempre me acompanhava um livro com os temas do colégio. Aos oficiais eu mostrava os livros e eles me estimulavam ao estudo e admiravam meu esforço.

O ano se passava de mansinho e não podia imaginar que logo ali estaria instalado o caos no Rio Grande do Sul.

Em 25/08/1961 o presidente da República Jânio Quadros, renunciava ao cargo de Presidente, alegando que havia forças ocultas por trás de sua renúncia. Até a data de hoje não se sabe o motivo real da renúncia de Jânio Quadros. Como era figura exótica na Presidência, editando por exemplo ato específico, em que proibia lutas de rinhas de galo e outras excentricidades conhecidas. Logo após a renúncia, Brizola se estrinchou no Palácio do Governo em Porto Alegre e em 27 de agosto deflagrou a Revolução Legalidade, brigando pela posse de seu cunhado que exercia a Vice-Presidência da República, Jango Goulart que estava em viagem oficial à China.

Neste meio tempo os exércitos do Rio Grande do Sul se deslocaram à Santa Catarina, pois em Criciúma e Lages, haviam se estabelecido as forças de resistência contra guarnições do Exército, que se deslocavam do centro do País. Em Lages, como soldados telefonistas, fazíamos incursões pelo interior, com simulações de Guerra, carregávamos água em cantis, presa à cintura e as refeições eram armazenadas em marmitas, sendo que fazíamos as mesmas nos locais onde estávamos sitiados.

CAPÍTULO 16

COLEGAS DO SEMINÁRIO
INSTITUTO PRÉ-TEOLÓGICO
SÃO LEOPOLDO - RS

No Instituto
Pré-
Teológico fiz
grandes amigos,
com uns a amizade
perdura até os dias
atuais. Muitos se
tornaram expoentes
na Igreja, como o
Pastor Silvio



Meincke, que atuou também na Direção da Igreja na Alemanha. Remi Klein que na época me parecia que seguiria a música, pois era exímio violinista, o encontro atualmente nos Cultos de nossa Igreja na Igreja Senhor dos Passos e sei que canta no coro. Manfred Mensch, o Mani, da cidade de Três de Maio, é advogado afamado em Porto Alegre, reside em um belíssimo apartamento e seguidamente somos convidados em jantares em sua casa. Meu filho Max, fez estágio em seu escritório.

O Pastor Carlos Reinhardt Deter é atuante na Direção da Igreja Protestante em Porto Alegre e seguidamente participamos em acontecimentos sociais. Encontro também nestes encontros, o Arteno Spellmeier que também é de Roca Sales e quando viemos a São Leopoldo em 1956, viajamos no carro do pai dele, pois possuía um taxi em Roca Sales.

O colega Paulo Schneider, violinista na época, encontrei-o uma vez somente em todos esses anos.

O Galeões der rote (O Vermelho, pois tinha cabelos ruivos) foi excelente amigo meu, mas nunca mais tive o prazer de encontrá-lo.

O colega Erwin Schmidt encontro-o, juntamente com sua esposa Yvon, em encontros sociais.

A colega Hilburg Schiemann, irmã do colega que me deu o resultado que havia passado no vestibular, fez Medicina e nossos encontros são esporádicos.

O meu colega de classe Frank Graf, da cidade de Curitiba, exímio violinista, veio a falecer recentemente.

Outros colegas como o Rudi Stefan, o Formigão Eugênio, Forster, Frederico e Gustavo Krause, o trompetista Henrich Kluge, Hildor, Ingo Wulfhorst, Silvio Meincke, Magdalena Schluckebier, que mora na Alemanha, Norberto Kluge, Rui, Venâncio Diersmann, só tenho notícias por ocasião de nossas reuniões sociais. Havia também o de apelido Quequeiro, Heinz Rohde, mas nunca mais o encontrei.

Há outros colegas do PRO que não pertenciam a minha classe, e que por eles tenho boas lembranças.

Houve um americano que ficou somente seis meses conosco e tive com ele uma boa amizade, trata-se de Fred Bachmann, do qual nunca mais tive notícias.

Outros colegas eram do esporte e fui muito próximo de Egon Esch que era da cidade de Três de Maio e era um exímio esportista olímpico, principalmente nos exercícios nas barras e paralelas. Tinha muito prestígio com o professor dos esportes, o Professor Walter Hinrichs.

Como também jogava basquete, tinha amizade com os colegas titulares do time, onde se destacavam o Adolfo Krause e Huberto Kirchheim e este havia sido recomendado para estudar no PRO pelo mesmo pastor, Brakemeier, que também fez minha indicação.

CAPÍTULO 17

PROFESSORES DO SEMINÁRIO
INSTITUTO PRÉ-TEOLÓGICO
SÃO LEOPOLDO - RS

PROFESSOR SÖLTER:

Era uma pessoa extremamente bondosa, de altura média, 1.70 cm e aproximadamente 85kg. Gostava do contato direto com o aluno e preocupava-se com a qualidade do



aprendizado. Lecionava Alemão, História e Matemática. Eu era particularmente amigo do professor Sölter, pois convidava-me aos sábados, para tomar café e comer bolo em sua casa.

Dizia: “Vamos escutar algo em português!!”. “Wollen wir etwas in Portuguisisch hören” Pois tinha CDS com os quais estudávamos a língua portuguesa. O professor Sölter não falava uma palavra em português, logo suas aulas todas eram na língua alemã. Ainda hoje os colegas do Seminário falam da inveja que tinham da minha amizade com o Sölter.

Imaginem vocês: Matemática em alemão, História em alemão, Inglês em alemão. Por tudo isto os alunos que traziam na bagagem o conhecimento da língua alemã, levavam vantagens. Isto ocorria com os colegas, filhos (as)de pastores da nossa igreja, que eram maioria na classe.

A língua portuguesa era ministrada por uma professora alemã: Frau Wiebke. A professora tinha orgulho de ser alemã e poder dar aulas da língua portuguesa, aos nativos,

que éramos nós, como dizia ela. Apesar de jovem, ela tinha cabelos totalmente grisalhos e cortados bem curtos à moda masculina, o que não era praxe na época.

Tínhamos aulas de latim desde o 1º ano e era ministrado pelo professor Ernest Dietschi e professor Walter Hinrichs. Dietschi era uma pessoa magra e chamava atenção pelos suspensórios coloridos que usava. As calças eram bem frouxas na cintura e camisas quadriculadas faziam parte da vestimenta. Morava ao lado do Instituto e controlava os alunos em tempo integral. Certa vez nos flagrou pegando frutas de um pé de abacate que ficava no seu terreno. Gentilmente nos perguntou porque não havíamos pedido permissão a ele para pegar as frutas. Ficamos em silêncio e o caso foi simplesmente esquecido, não advindo consequências. Nas 3ª e 4ª séries tínhamos aulas também com o professor Walter Hinrichs. Apelidado de cavalão, vendo-se pelo apelido a pessoa rígida que era o professor. Morava ao lado do Morro do Espelho. Além de latim, era o professor de educação física do colégio. Conheci o professor na sua casa e nela era pessoa descontraída e risonha.

Os professores eram vindos da Alemanha, uns haviam lutado na II Guerra Mundial, outros obtiveram missões, principalmente na área da educação ou eram sacerdotes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, IECLB, sendo a maioria enviada ao Morro do Espelho e lecionavam no Seminário, Instituto Pré-Teológico, em São Leopoldo, RS. O professor Walter Hinrichs era muito rígido na execução dos exercícios físicos, na corrida de 100, 200

metros, revezamento e estava sempre com cronômetro na mão, para avaliar o desempenho dos alunos. Era ele quem fazia a seleção dos alunos que iriam participar das Olimpíadas Evangélicas, realizadas anualmente entre os Colégios Luteranos do Estado e Sul do Brasil. Quando estava na quarta série a Olimpíada foi na cidade de Lajeado e onde fui titular do time de basquete e disputei os 100 metros rasos, classificando-me em 2º lugar. Toda minha família veio de Roca Sales para assistir `a Olimpíada.

Outra característica do professor Walter Hinrichs, era o seu cabelo, curto, estilo militar. O professor quase nunca ria, dando-nos a impressão de estar sempre bravo. Mas descobri mais tarde que na intimidade da família, era um grande brincalhão e a cara amarrada, acho que era para não perdermos o medo dele e para cumprirmos a rigor suas ordens.

Grande número de professores escapou da Segunda Guerra Mundial, que terminou em 1945. A professora de religião era Frau Pfarrer Götz, era pessoa muito amável e à visão dos alunos atraente. Usava uma saia discretamente curta, o que mostrava suas formas e partes das pernas bem torneadas.

Na 4ª série iniciava o ensino de grego, que também era ministrado pelo professor Fritz Nestlé. Nestlé era um solteirão, que tinha uma motocicleta, com a qual fazia excursões por todo o Sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina. Era de sorriso fácil e pessoa de boa comunicação. Usava sempre calça preta e camisa azul clara. Num dia perguntamos porque usava sempre a

mesma camisa e disse-nos que tinha 10 iguais, de marca, estilo, cor e número. O professor Théo Kleine era nosso Hausvater, o que quer dizer em português, pai da casa. Morava em apartamento dentro do Seminário e tinha um casal de filhos, o Gerhardt e a Úrsula. A Ulla, como era chamada, fazia parte do grupo de mulheres da nossa classe. Era bonita e de salientar eram seus lábios carnudos, que enfeitavam sua boca. Todos estavam afim dela, mas era caída totalmente pelo Mani, assim que toda uma classe não tinha chance mínima com ela; O Manfredo Mensch, apelido Mani, era de família de políticos de Três de Maio. Volta e meia um colega nos encontros de ex-alunos do PRA pergunta ao Mani:

-Final, tu saíste ou não com a Ulla?

Ele responde:

-E se o pai dela, professor Kleine, descobrisse?

A pergunta nunca foi totalmente respondida com um sim ou não. Ainda hoje temos nossas dúvidas a respeito.

Lembro-me que em um sábado à tarde, extravasando de alegria, dei uma risada muito forte e estando o professor Theo Kleine próximo a mim, me chamou para um canto e disse-me:

-Am lachen erkennt man den Narren!

Traduzido: Pela risada se conhece o louco. (psicopata)

Esta advertência marcou minha vida, pois` as vezes quando dou risada com todo o vigor, vem-me a advertência do professor Théo Kleine. Mas, felizmente, depois de

muitos anos, eu já cirurgião plástico, fui procurado pelo professor Kleine, que me procurou para tratamento de um câncer de pele do pescoço, encaminhado a mim pelo professor Clovis Bopp, dermatologista famoso, o qual fez o diagnóstico da neoplasia e encaminhou o professor até a mim.

Eu estava muito afim de contar a ele do que havia me chamado há anos. Mas me contive, pois o professor Kleine veio todo humilde ao meu consultório e quando foi tirar um cheque para me pagar, dei um sorriso a ele e disse-lhe que dos colegas do Seminário, que já havia tratado a vários, eu os considerava irmãos e jamais poderia querer receber numerários pelo meu trabalho. Ele se emocionou com minha atitude e disse-me que era um belo exemplo meu, quase não acreditou.

No Instituto Pré-Teológico aconteciam coisas engraçadas. Os veteranos, quando os jovens vinham do interior, os batizavam com brincadeiras exóticas. A mais frequente era a caça de Till-Tapp, um bicho que os mais velhos diziam que vagueava, rondando o mato. Davam um saco de linhagem e o novato tinha que esperar até ao anoitecer, nas trilhas que ali existem, com a boca do saco aberta, pronto para o bicho entrar, muitos jovens choravam de medo. Os professores em geral não aprovavam as brincadeiras, mas mesmo assim os veteranos as faziam. Aos novatos que se negavam a participar da brincadeira, eram submetidos a outros trotes. No meu caso foi ser o Juiz de uma partida de futebol 7, disputado na quadra local. Sempre que um veterano podia, ele chutava a bola sobre

mim. Ao ser escalado na função de Juiz, levei muito a sério o convite e isto me levou a carregar o apelido de Juiz por todo o internato. Ninguém me chamava pelo nome, mas somente de Juiz e o apelido se espalhou e até hoje, quando escuto alguém gritar o nome, sei que se trata da minha pessoa e que com certeza havia estudado com ele. O apelido foi algo que contribuiu para que eu tivesse uma certa liderança no Instituto, pois com o tempo mostrou-se como algo positivo para com a minha pessoa. Hoje tenho muito orgulho do meu apelido e gosto de ser lembrado por ele, pelos meus colegas do Instituto.

Durante o dia, no Seminário, havia várias atividades, uma delas era o recreio das 10:00 horas da manhã, na qual caminhávamos ao redor da praça de esportes. Pois dias destes eu caminhando, engoli uma pequena laranja e está trancou-se na minha faringe. Pensava eu que certamente morreria, quando o colega Remi Hofstaetter, hoje pastor da nossa Igreja, vendo que estava me engasgando, deu-me um murro nas costas e assim como por um milagre, a laranja foi expelida. Foi uma das piores situações de perigo que tive na minha vida.

Quando estava cursando o final do 5º ano no Seminário, sem comunicar a ninguém, me alistei para servir ao Exército no I 6º Regimento de Obuses Calibre 105 – I6ºRO105 em São Leopoldo. Estávamos em novembro e a apresentação no quartel seria em fevereiro. A minha decisão de servir ao Exército foi por um motivo muito simples: Teria lugar para morar, comida, trabalharia durante o dia e tentaria estudar

à noite no Colégio Estadual Pedro Schneider no centro de São Leopoldo.

Somente comuniquei minha decisão a meus pais, porém a decisão deveria ser comunicada a direção do PRO Seminário. Faltando poucos dias para as férias, numa manhã de sábado tomei coragem e fiz chegar minha decisão ao professor pastor Höhn. Este me perguntou como me manteria fora da Instituição e falei a ele que iria servir ao Exército. Normalmente a Instituição conseguia liberar os alunos que iriam seguir o pastorado do Serviço do Militar. O pastor Höhn no fundo ficou feliz com a minha decisão, pois sabia da disciplina que era adotada no Exército Brasileiro, pois era ele quem liberava do Exército aos que seguiam o pastorado.

Nos dias em que dava plantão como guarda noturno na guarita do quartel, sempre estava com livro estudando e certo dia o tenente Geyer, hoje ainda meu amigo, me surpreendeu lendo um livro. Perguntou do que se tratava e deu anuência a que eu pudesse lê-lo, mesmo estando de plantão na guarita do quartel.

Outro professor do Instituto era o pastor Höhn. Foi ele quem me recebeu quando me apresentei para estudar no PRO Seminário, no primeiro dia. Estávamos ele, o pastor Herrman Gottlieb Dohms e eu não fazia ideia de que estava sentado ao lado da maior autoridade da nossa Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil a IECLB, o nosso Praeses.

Höhn era professor do Curso de Teologia e não tive o prazer de ter aulas com ele. Morava num prédio, ao lado do

Instituto. Lembro-me de escutar alguém tocando piano em sua casa, quase sempre à tardinha.

O professor Erich Fausel era o nosso professor de Inglês. Sujeito muito culto, falava sete línguas, alemão, inglês, francês, português, espanhol e mais alguns dialetos. Morava dentro do Complexo do Morro do Espelho e sua casa ficava, literalmente dentro do mato cerrado do Morro do Espelho. Tinha uma filha da qual todos gostavam. Mas logo a vimos de mãos dadas com o seu pretendente. O Fausel tinha uma voz estridente, a qual nós imitávamos.

O professor Erich Fausel era um verdadeiro gênio. Falava fluentemente sete línguas e ainda outros dialetos. Ter aula com ele me dava um enorme prazer, pois eu muito jovem, não podia entender que pudesse existir alguém com esta qualidade linguística. Era um verdadeiro gênio e assim mesmo uma pessoa humilde. Escrevia no quadro negro, com as duas mãos, simultaneamente duas línguas diferentes. Diz a estatística que existe somente uma pessoa com esta capacidade em um milhão de indivíduos.

Ernest Dietschi foi nosso professor de português, latim e matemática. Andava sempre de camisa xadrez colorida, calça bem frouxa na cintura e usava suspensórios coloridos. Quando Théo Kleine deixou de ser o Hausvater (pai da casa), assumiu a função. Os internos gostavam muito dele, pois era homem do bem, do diálogo. Ajudava

com conselhos os alunos que enfrentavam dificuldade no internato. Morava a poucos metros do Instituto.

O professor Sölter foi nosso professor de alemão e história. Morava a uma quadra do Morro do Espelho em uma casa muito confortável. Era muito amigo meu o que causava certa inveja aos outros alunos. Não sei porque, mas com ele e alguns de meus colegas de aula não havia uma boa relação. Aos sábados à tarde me convidava para ir à casa dele comer cuca e bolo. Eu ficava ansioso pela chegada do sábado e ser convidado por ele.

A professora Wiebke era nossa professora de Religião e Português, usava cabelos bem curtos `a moda masculina. Os cabelos, mesmo ela sendo bastante jovem, eram totalmente grisalhos. A professora tinha a mania de se encostar nos cantos das mesas que ficavam bem na frente da sala de aulas. Nos pintávamos os cantos de giz para que ficasse marcado na sua saia.

O professor Fritz Nestlé era um esportista. Tinha uma moto potente com a qual percorria o Sul do Estado, Uruguai, Paraguai e Argentina. Estava sempre afim de uma viagem. Dava aulas de química, física e grego. Uma particularidade em sua vestimenta era uma camisa azul, a qual ele sempre usava. Perguntei um dia porque usava sempre a mesma camisa, disse-me que tinha dez da mesma marca, cor e estilo.

Era de fácil comunicação e eu o imagino sempre com um sorriso, sempre simpático.

O professor Walter Hinrichs foi nosso professor de grego, latim, geografia e de ginástica. Andava sempre de apito na boca e tinha o apelido de cavalão, pela maneira rude que tratava os alunos. Foi integrante do Exército Alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Na casa dele, que eu eventualmente frequentava, reinava uma organização nos mínimos detalhes.

Tinha uma planilha que sempre carregava durante os treinos dos esportes olímpicos, para selecionar os melhores nas diversas modalidades esportivas.

O professor Théo Kleine era nosso Hausvater, isto é, nosso pai da Casa. Lecionava desenho e alemão. Morava no térreo do prédio e fazia um controle rígido sobre os alunos e também nos controlava por uma janela do seu apartamento.

Havia no Instituto alguns colegas dos quais eu ficava mais próximo, mas em realidade eu me dava com todos eles. Nunca tive intriga com nenhum colega da turma.

Visto eu sempre ter sido popular, me destacava em várias modalidades de esporte como por exemplo: Handball, Basquete e Corrida de 100, 200 metros e revezamento.

No 3º ano fui alocado para o time oficial de basquete do PRO Seminário. Representava o Instituto nas competições e Olimpíadas Evangélicas e na corrida de 100 e 200 metros e revezamento;

Colega com o qual tinha boa relação era o Sílvio Meincke. Após deixar o PRO, frequentou a Faculdade de Teologia e se tornou pastor em várias comunidades do RS, entre as

quais Cunha Porã, Ijuí, Estrela. Anos após estar sendo pastor destas comunidades, foi convidado a ser professor da Faculdade de Teologia. Foi muito ativo nos movimentos sociais do Brasil e atuou também na formação de Agentes. Casou com uma pastora alemã e atualmente mora na Alemanha. Mantenho um contato permanente com ele pela internet.

Outro colega que eu tinha uma relação próxima era o Remi Klein. Era natural de Paverama, hoje município e era muito amigo também do Selby Bauer que também morava no mesmo local.

Era um violinista nato. Deixou o PRO e foi para o quartel 19RI de São Leopoldo. Saiu do quartel e fez carreira bancária.

O colega Manfred Mensch, apelido Mani era o Don Juan da turma. As gurias eram caídas por ele. Natural de Três de Maio, filho de políticos da cidade, era meu amigo. A nossa colega Ursula Kleine, apelidada de Ulla, era toda ligada para cima dele.

CAPÍTULO 18

APRENDIZADO DE POESIAS NO SEMINÁRIO:
“ERLKÖNIG”

“Tradução da poesia para a língua portuguesa”

Era regra, no Seminário, entre outros deveres, o aprendizado de línguas, música, canto e poesias, era quase obrigatório. Esta foi escrita pelo poeta



Johann Wolfgang von Goethe, quando estava na cidade de Jena e recebeu a notícia de um construtor de Kunitz, que cavalgava com sua criança adoecida, à procura de um médico da Universidade.

“Em uma noite com bastante vento, um pai cavalga com seu filho nos braços por uma floresta escura. A criança acredita reconhecer a forma do Erlkoenig pela Floresta e se assusta. O pai acalma a criança afirmando que isso é apenas uma névoa. Entretanto, a figura não deixa a criança em paz e tenta seduzir a “Nobre criança” a ir com ele para seu reino e oferece à criança vestes douradas e a companhia de suas filhas, mas a criança fica cada vez mais inquieta e o pai tenta encontrar uma explicação lógica para as coisas que o filho está vendo, tais como: o vento soprando pelas folhas ou os pastos brilhando. A figura do ERLKOENIG fica cada vez mais ameaçadora e o filho cada vez mais em pânico. Quando o Erlkönig finalmente ataca o filho com violência, o pai se desespera e cavalga o mais rápido possível para chegar à corte. Contudo já era tarde demais e em seus braços a criança estava morta.

A POESIA NO ORIGINAL NA LÍNGUA ALEMÃ:

ERLKÖNIG

Wer reitet so spät durch Nacht und Wind? Es ist der Vater mit seinem Kind; Er hat den Knaben wohl in dem Arm, er fast ihn sicher, er hält ihn warm.” Mein Sohn, was birgst du so lang dein Gesicht? - “Siehst, Vater, du den Erlkönig nicht? Den Erlkönig mit Kron und Schweif?” - “Mein Sohn, es ist ein Nebelstreif “Du liebes Kind, komm, mit mir! Gar. schöne Spiele ich mit dir; Manch bunte Blumen sind am dem Strand, Meine Mutter hat manch gülden Gewand” - “Mein Vater mein Vater, und hörst du nicht, Was Erlkönig mir leise verspricht?” -Sei ruhig, bleibe ruhig, mein Kind; in dürren Blättern sauselt der Wind” - “Willst feiner Knabe, du mit mir gehn? Meine Töchter sollen dich warten schön; Meine Töchter führen den nächtlichen Reihn, Und wiegen und tanzen und singen dich ein” - “Mein Vater, mein Vater, und siehst du nicht dort Erlkönigs Töchter am düstern Ort?” “Mein Sohn, mein Sohn, ich seh`es genau: Es scheinen die alten Weiden so grau. - “Ich liebe dich, mich reizt deine schöne Gestalt; Und bist du nicht willig ‘so brauch ‘ich Gewalt”. Mein Vater, mein Vater, jetzt fasst er mich an! Erlkönig hat mir ein Leids getan “-Dem Vater grauset`s; er reitet geschwind, Er hält in den Armen das ächzende Kind, Erreicht den Hof mit Mühe und Not; in seinen Armen das Kind war tot.

CAPÍTULO 19

I6RO105 – PRIMEIRO REGIMENTO DE OBUSES
CALIBRE 105

Revolução Legalidade

25/07 a 07 de setembro de 1961.

No ano de 1961 eu prestava Serviço Militar, no 1º do 6º Regimento de Obuses 105, que se deslocou com caminhões e jeeps, instalando-se em repartições do Exército em Lages, Santa Catarina, onde foram preparadas verdadeiras operações de guerra, com escavamento de trincheiras e nos telefonistas instalando a



comunicação no front da guarnição. Os soldados não tinham notícia alguma e nossos oficiais superiores, se sabiam dos acontecimentos, nada a nos era informado.

Em Lages, na época, chovia muito e a nossa roupa e coturnos estavam permanentemente molhados. As refeições eram feitas ao ar livre, com porções servidas em marmitas e a água em cantis.

A Rádio Guaíba era a emissora oficial da Revolução Legalidade e por ela os oficiais recebiam as últimas notícias. Em 28 de agosto de 1961 veio a ordem para atacar o Palácio do Governo, onde Brizola estava entrincheirado, mas o General Machado Lopes, figura determinante na Revolução, não atende a ordem e comunica que apoiaria a posse de Jango Goulart.

Jango estava retornando de viagem oficial à China e havia notícias de que as frotas aéreas dos Estados Unidos, iriam derrubar o avião, em que Jango estaria, para evitar a

instalação de Regime equivalente à Cuba, também no Brasil.

Em 29 de agosto o governo dos militares chegou a programar um ataque aéreo ao Palácio Piratini. A ordem era matar Brizola e os que estivessem com ele. O ataque, porém, foi sabotado pelas próprias Forças Armadas.

O Exército então invadiu a base aérea de Canoas e destituiu o brigadeiro Aureliano Passos. O Governador de Goiás Mauro Teixeira, se aliou a Brizola no movimento, pela posse de Jango, o que foi considerado importante pela proximidade de Goiás à Brasília, no Distrito Federal. O ato do Governador de Goiás criou um atrito com as Forças Armadas, que ameaçou bombardear o Palácio das Esmeraldas.

A Revolução Legalidade foi se dissipando, quando Tancredo Neves apresentou emenda constitucional, aprovando o parlamentarismo no País. Com esta alteração os militares aceitam a posse de Jango à Presidência da República. Em 5 de setembro, Jango retorna ao Brasil e toma posse como Presidente da República, em 7 de setembro de 1961.

Em 1963 numa votação extraordinária, o povo escolheu novamente o presidencialismo com 10 milhões de votos, contra 2 milhões.

O governo de Jango encerrou-se com o Golpe Militar em 31 de março de 1964, pois as forças que tentaram impedir a posse de Jango em 1961, ainda estavam ativas.

Terminou assim a Revolução Legalidade e a nossa guarnição retornavam a Porto Alegre com o espírito de dever cumprido e todos estavam aliviados com o fim das condições insalubres e tensas por que todos havíamos passado.

O ano tumultuado de 1961 chega aos poucos ao fim. Dever cumprido como soldado do Exército Brasileiro, com muita honra. E por incrível que pareça consegui reunir forças e concluí aprovado para o 2º ano do Científico. Foi realmente um ano excepcional e de grande vitória pessoal. Em todos os lugares onde cruzava era recepcionado, quase como herói.

O dezembro de 1961 chegou ao fim e com ele o término do Serviço Militar e férias totais. Tirei todo o mês de janeiro de férias junto a meus pais e meu irmão Henélio e minha irmã de criação Josefina. Em janeiro decidi que iria me instalar e tentar a sorte na capital do Estado, Porto Alegre.

Conhecia Porto Alegre somente porque quando tinha oito anos uma parente próxima teve problema psiquiátrico e foi ser submetida a tratamento no Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Eu era muito jovem, mas as coisas que me lembro da época eram as faíscas, que saíam dos cascos dos cavalos, pois nesta época rodavam automóveis antigos americanos e uma grande frota de charretes, puxadas a cavalo, fazia o transporte da capital. Os ferros dos cascos ferrados, em contato com os paralelepípedos, davam aquele espetáculo lindo, tipo labaredas, como se fogo se desprendesse dos cascos dos animais.

Lembro-me também que doentes psiquiátricos caminhavam sem parar de uma ponta a outra, em uma galeria em que estavam internados. Chamou-me atenção que vendedores ambulantes vendiam barras, tipo mando late, coloridos, que eram extremamente gostosos. O caminho de ida e volta de Porto Alegre à Roca Sales, realizamos com um automóvel Dodge, com taxista de Roca Sales e amigo da família.

Lembro-me das estradas de areião, que enfrentamos de Estrela, passando por Taquari, chegando a São Leopoldo e a seguir a Porto Alegre.

CAPÍTULO 20

UM SOLDADO TELEFONISTA NO MOVIMENTO
(REVOLUÇÃO) DA LEGALIDADE:

Eu era um soldado telefonista, atuando no front do Movimento Revolucionário (da “Revolução”), cujas tropas do I6RO105 se deslocaram à cidade de Lages, em Santa Catarina, enquanto em



Porto Alegre Leonel de Moura Brizola estava entrincheirado no Palácio Piratini. As tropas do I6RO105 e 19RI de São Leopoldo se deslocavam em dezenas de jeeps e caminhões ao centro do País, para fazer frente `as tropas que estariam se deslocando ao Sul, para se enfrentarem mutuamente.”

Eu estava cursando o Instituto Pré-Teológico, Seminário Protestante, localizado no Morro do Espelho, na cidade de São Leopoldo, RS, concluindo o quinto ano na Instituição. Faltava-me um ano para abraçar os estudos na Faculdade de Teologia, localizada igualmente nos arredores do Instituto. Eu havia ingressado na Instituição aos 12 anos e se porventura não segue na vida religiosa, na Instituição, agora com 18 anos, deveria me apresentar à Guarnição do Exército mais próxima, para prestar o Serviço Militar obrigatório. Minha consciência travava uma luta, pois desde tenra idade, sonhava em seguir nos estudos, para exercer a Medicina, como objetivo na minha vida. Filho de agricultores do interior do RS, sabia perfeitamente dos caminhos árduos e espinhosos, que teria pela frente. A primeira batalha eu

já havia vencido, ao ter sido contemplado, com bolsa integral de estudos, por interferência do pastor Brakemeier, da nossa comunidade, para iniciar meus estudos no Seminário Protestante, da nossa Igreja, único em toda a América, em São Leopoldo RS. As matérias na escola, eram todas lecionadas na língua germânica, o que me proporcionou incriveis oportunidades, na minha vida, após a especialização, em trabalhar na Europa, na Cirurgia Plástica, nos países em que se fala a língua alemã, nas cidades de Berlim, Augsburg e Frankfurt na Alemanha e Viena na Áustria. Mas voltando a falar sobre minha saída do Seminário, pois no final do mês de outubro do ano de 1960, após cursar cinco anos na Instituição, fiz uma reunião, com o responsável, o pastor Heinrich Höhn, informando-lhe que estaria de saída do Seminário, por já estar alistado no Exército Brasileiro, para servir nas tropas, no I6RO105, como soldado raso, a partir de março de 1961. Ao comunicar ao pastor Höhn, de que iria servir ao Exército Brasileiro, no próximo ano em curso, senti pela sua atitude e brilho no olhar, que ficou feliz com minha decisão, pois era ele quem tratava, com os órgãos oficiais, da liberação do Exército, aos que optavam por seguir os estudos na vida religiosa, na Faculdade Superior de Teologia, localizada igualmente na cidade de São Leopoldo, no Morro do Espelho. Comunicada a decisão da minha saída do Seminário, fui à minha casa em Roca Sales, esperar o dia primeiro de março de 1961, para ingressar no Exército no I6RO105, em São Leopoldo, onde fiquei lotado na Segunda Bateria, na função de soldado telefonista. A Guarnição era comandada pelo capitão Ventura e tinha como auxiliar

imediatamente, o primeiro tenente Geyer. Fiz igualmente minha matrícula no primeiro científico, no Colégio Estadual Pedro Schneider, no turno da noite, na cidade de São Leopoldo, antes, porém tive que fazer prova de suficiência na língua francesa, na qual fui aprovado e que fazia parte do curriculum do ginásio nas Escolas do Estado e não era lecionada no Instituto. Como já havia dito, no Exército tive como superiores na Segunda Bateria, o capitão Ventura e o primeiro tenente Geyer e para me deslocar do Quartel, para estudar no centro da cidade de São Leopoldo, em geral usava veículos do próprio Exército, pois a maioria dos oficiais moravam na cidade e aproveitava a carona. A guarda na sentinela, quando escalado, eu a fazia a cada 10 dias, sempre nos fins de semana, para não faltar às aulas. O ano corria solto, servindo ao Exército e frequentando às aulas no Colégio Estadual Pedro Schneider, quando um evento inesperado ocorreu no País e foi um acontecimento que alterou toda minha rotina, pois tive que abandonar os estudos no primeiro científico e me dedicar agora, integralmente ao Exército, como aliás toda a Guarnição, soldados, sargentos, suboficiais, oficiais, capitães, maiores, tenente-coronéis e coronéis. Dias antes da data de 25 de agosto de 1961, já não nos era permitido abandonar as dependências do nosso quartel e como soldados, não tínhamos informações maiores sobre a Revolução, que estava prestes a eclodir. Somente no dia 24 de agosto, pela manhã, foi-nos informado, de que na tarde do mesmo dia, toda a tropa iria se deslocar à cidade de Lages, em Santa Catarina, pois o Sul estaria sendo atacado por tropas vindas do Centro do País. Nosso comboio contava com mais de meia centena de jeeps e caminhões do Exército, pois dois

quartéis estavam se deslocando simultaneamente, o I6RO105 e o 19RI, também de São Leopoldo e durante nosso deslocamento, aviões vindos do centro do País, davam rasantes intimidatórias sobre as tropas, que estavam se dirigindo ao vizinho Estado de Santa Catarina, à cidade de Lages. O Movimento da Legalidade ocorreu no Rio Grande do Sul e iniciou no dia 25 de agosto de 1961, até o dia 07 de setembro, do ano em curso. O governador Leonel de Moura Brizola, ao tomar ciência da renúncia de Jânio Quadros à Presidência do Brasil, resistiu com brios, para que seu cunhado, o vice-presidente eleito, João Goulart, que estava em viagem oficial à China, tomasse o assento na Presidência da República. Brizola manteve-se firme na chamada “Cadeia da Legalidade”, de dentro do Palácio Piratini e uma multidão se manteve em vigília na Praça da Matriz, sendo que a Assembléia Legislativa se manteve em sessão permanente, durante todo desenrolar dos acontecimentos. Muitos livros foram escritos por escritores conhecidos, mas nenhum tomou parte ativa no movimento e não sabe dos acontecimentos, nos bastidores da Revolução, como quem está escrevendo este artigo, pois fui soldado do I6RO105, na função de telefonista e incumbido de cavar trincheiras nos avanços das tropas, no front da Guarnição, nos campos que margeavam o interior do município de Lages, alcançados pelos soldados, usando jeeps ou deslocando-se a pé. A água cada soldado carregava num cantil, preso à cintura e as refeições ao ar livre, eram servidas em potes prontos, marmitas, que uma das viaturas transportava consigo. Das atribuições no Exército durante o acampamento, as dos telefonistas, como era meu

caso, eram as mais árduas, pois mesmo não ocorrendo o desfecho dos acontecimentos de Guerra anunciados, mesmo assim a comunicação no front teve que ser instalada e para isto carregávamos enormes bobinas, enroladas com milhares de metros de fios de telefone e estes conduzidos pelo chão, a três quilômetros em frente às tropas. No local estabelecido para a instalação da estrutura telefônica, por um oficial telefonista, que nos acompanhava, cavávamos trincheiras de vários metros de extensão, por um metro e cinquenta de altura, para nelas instalarmos nossos fuzis. Na época do acampamento, nos arredores e na cidade de Lages, chovia muito e nossos coturnos e meias estavam permanentes úmidos e molhados. À tardinha do dia 7 de setembro de 1961, recebemos a ordem de que levantaríamos acampamento no dia seguinte e foi assim que aconteceu e chegamos ao nosso quartel à noite do dia 8 de setembro. Todos os soldados receberam 14 dias de folga e fui à minha casa em Roca Sales, por três dias, retornando de imediato para São Leopoldo, pois minha intenção era recuperar as aulas perdidas, durante o evento devocionário. No Colégio Pedro Schneider fui recebido por alunos e professores e foi-me solicitado que fizesse uma apresentação, relatando os acontecimentos no evento do Movimento da Legalidade na Instituição. Apesar de todos os contratempos e aulas perdidas, no final do ano letivo fui aprovado e passei para o segundo científico, obtendo matrícula no período noturno, no Colégio Emílio Meyer, em Porto Alegre, no qual concluí o Ensino Secundário. A minha história em Porto Alegre se inicia residindo inicialmente em repúblicas de estudantes e trabalhando como

Montador de Bicicletas na Mesbla e após exercer as funções de datilógrafo no Sulbanco, Banrisul , Secretarias da Agricultura e Saúde do RS e finalmente ingressando na Assembléia Legislativa, tudo através de concurso público e a seguir obter classificação no difícil vestibular na Medicina e colando grau como médico, na Reitoria da UFRGS ,em 4 de dezembro no ano de 1970.

CURRICULUM VITAE DE: LEONEL DE MOURA BRIZOLA

“A morte é melhor do que a vida sem honra, sem dignidade e sem glória”. (Leonel Brizola).

Nasceu em 22 de janeiro de 1922 no interior de Carazinho, distrito de Passo Fundo. Seu pai José Brizola, alistara-se `as tropas da Aliança Libertadora, que tinha como objetivo derrubar a ditadura de Borges de Medeiros. Foi sequestrado de sua casa e nunca mais se teve notícias do mesmo, presumindo-se que teria sido degolado pelos inimigos. Com a ausência do pai, a mãe assumiu a tarefa de educar os filhos, com muita dificuldade. Alguns anos mais tarde a irmã assumiu o menor Leonel Brizola e deu-lhe também a devida educação. Aos dez anos vamos acompanhá-lo morando no sótão de uma casa em Passo Fundo, promovendo o próprio sustento, engraxando sapatos e vendendo jornais nas esquinas da cidade de Passo Fundo. Poderíamos dizer que aos 14 anos escapou da cidade de Passo Fundo e com somente o dinheiro da passagem de ônibus, veio `a grande Porto Alegre e estudou numa escola de Viamão, trabalhando como operário e a seguir ingressando na Faculdade de Engenharia. Jovem, filiou-se ao PTB e elegeu-se deputado `a

Assembléia Legislativa do RS em 1947 e obtendo 4000 votos. Seu colega de bancada era João Goulart e com a amizade dos dois, conheceu Neusa, Irmã de Goulart e vieram se casar e com estes laços, os dois políticos construíram uma amizade, que perduraria para toda a vida. Em 1950 Brizola novamente se mandataria `a Assembléia Legislativa, tendo sido campeão de votos na eleição. Numa eleição em 1951 para a prefeitura de Porto Alegre, sofreria sua primeira derrota política, ao perder a eleição para Ildo Meneguetti, mas por uma margem ínfima de votos. Sua redenção na política viria na eleição de 1955, quando teve uma eleição soberba, derrotando fragorosamente todos os seus oponentes, sendo que os próprios adversários lhe teciam elogios, pela maneira eficiente como tratou dos problemas da cidade, promovendo uma administração ágil e eficiente, sendo por esta razão guindado por eleição ímpar, ao Governo do Estado, tomando assento no Palácio Piratini. Num de seus governos criou a Caixa Econômica Estadual, encampou a Light e as transformou em CEEE e CRT, despertando a atenção em Washington, onde passaram a ter desconfiança do mesmo. A educação passou a ser a espinha dorsal do seu governo, construindo escolas nos municípios e distritos mais longínquos e abandonados, sendo que esta bandeira o consagrou como um dos melhores governantes, que deixaram suas raízes no nosso Estado. Além das marcas no ensino que Brizola deixou, talvez por influência de sua mãe professora, também iniciou um projeto de reforma agrária, no Banhado do Colégio, colocando o Estado do Rio Grande do Sul na dianteira deste processo. Todas estas ações credenciavam Brizola a tomar a dianteira no processo do

Movimento da Legalidade e por esta razão o povo gaúcho atendeu a seu chamamento.

DISCURSOS QUE MARCARAM A CAMPANHA DA LEGALIDADE:

Discurso de Leonel Brizola pelas emissoras da Cadeia da Legalidade, às 11 h do dia 28 de agosto de 1961, nos porões do Palácio Piratini:

Peço a vossa atenção para as comunicações que vou fazer. Atenção povo de Porto Alegre! Muita atenção. Atenção, povo de Porto Alegre! Atenção Rio Grande do Sul! Atenção Brasil! Atenção meus patrícios, democratas e independentes, atenção para essas minhas palavras!

Em primeiro lugar, nenhuma escola deve funcionar em Porto Alegre tudo em ordem. Tudo em calma. Tudo com serenidade e frieza, mas mandem as crianças para casa.

Quanto ao trabalho, é uma iniciativa que cada um deve tomar, de acordo com o que julgar conveniente. Quanto às repartições públicas estaduais, nada há de anormal. Os serviços públicos terão o seu início normal e os funcionários devem comparecer como habitualmente, muito embora o Estado tolerará qualquer falta que, por ventura, se verificar no dia de hoje.

Hoje, nesta minha alocução, tenho os fatos mais graves a revelar. O Palácio Piratini, meus patrícios, está aqui transformado numa cidadela da liberdade, dos direitos humanos, uma cidadela de civilização, da ordem jurídica, uma cidadela contra a violência, contra o absolutismo, contra os atos dos senhores, dos prepotentes. No Palácio Piratini, além da minha família e de alguns servidores civis e militares do meu Gabinete, há um

número muito apreciável de servidores, mas apenas daqueles que nos julgamos indispensáveis ao funcionamento dos serviços da sede do Governo. Mas todos os que aqui se encontram, estão de livre e espontânea vontade, como também, grande número de amigos que aqui passou a noite conosco e retirou-se hoje, por nossa imposição.

Aqui se encontram os contingentes que julgamos necessários, da gloriosa Brigada Militar “Regimento Bento Gonçalves e outras forças. Reunimos aqui o armamento de que dispúnhamos.

Não é muito, mas também não é pouco para aqui ficarmos preocupados frente aos acontecimentos. Queria que os meus patrícios do Rio Grande e toda a população de Porto Alegre, todos os meus conterrâneos do Brasil e todos os soldados da minha terra querida pudessem ver com seus olhos o espetáculo que se oferece. Aqui nos encontramos e falamos por esta estação de rádio que foi requisitada para o serviço de comunicação, afim de manter a população informada e, com isso, auxiliar à paz e à manutenção da ordem. Falamos aqui do serviço de imprensa. Estamos rodeados por jornalistas que teimam, também, em não se retirar, pedindo armas e elementos necessários para que cada um tenha oportunidade de ser também voluntário, em defesa da Legalidade.

Esta é a situação! Fatos os mais sérios quero levar ao conhecimento dos meus patrícios de todo o País, da América Latina e de todo o mundo. Primeiro: ao me sentar aqui, vindo diretamente da residência onde me encontrava com minha família, acabava de receber a comunicação de que o ilustre

general Machado Lopes, soldado do qual tenho a melhor impressão, me solicitou audiência para um entendimento. Já transmiti, aqui mesmo, antes de iniciar minha palestra, que logo a seguir receberei S. Exa. Com muito prazer, porque o exame e discussão dos problemas é o meio que os homens civilizados utilizam para solucionar os problemas e as crises. Mas, pode ser que esta palestra não signifique uma simples visita de amigos. Que esta palestra não seja uma aliança entre Poder Militar e o Poder Civil, mas a defesa da ordem constitucional, do direito e da paz como se impõe neste momento, como defesa do povo, dos que trabalham e dos que produzem, dos estudantes e dos professores, dos juizes e dos agricultores, da família. Todos, até nossas crianças desejam que o poder Militar e o Poder Civil se identifiquem nesta hora para vivermos a Legalidade. Pode significar, também, uma comunicação ao governo do Estado da sua deposição. Quero vos dizer que será possível que eu não tenha oportunidade de falar-vos mais, que eu, deste serviço, nem posso me dirigir mais, comunicando esclarecimentos à população. Porque é natural que, se ocorrer a eventualidade do ultimato, ocorrerão, também, consequências muito sérias. Porque não nos submeteremos a nenhum golpe. A nenhuma resolução arbitrária. Não pretendemos nos submeter. Que nos esmaguem! Que nos destruam! Que nos chacinem, neste Palácio. Chacinado estará o Brasil com a imposição de uma ditadura contra a vontade de seu povo. Esta rádio será silenciada tanto aqui como nos transmissores. O certo, porém, é que não será silenciada sem balas. Tanto aqui como nos transmissores estamos guardados por fortes contingentes da Brigada Militar.

Destruição: Assim, meus amigos, meus conterrâneos e patrícios ficarão sabendo porque esta rádio silenciou. Foi porque ela foi atingida pela destruição e porque isso ocorreu contra a nossa vontade. E quero vos dizer porque penso que chegamos a viver horas decisivas. Muita atenção, meus conterrâneos para essa comunicação. Ontem à noite o sr. ministro da Guerra, marechal Odilio Denys, soldado no fim de sua carreira, com mais de 70 anos de idade e que está adotando decisões as mais graves, as mais desatinadas, declarou através do Repórter Esso que não concorda com a posse do sr. Joao Goulart, que não concorda com que o presidente constitucional do Brasil exerça suas funções legais! Porque, diz ele numa argumentação pueril e inaceitável, isto significa uma opção entre comunismo ou não. Isto é pueril, meus patrícios! Não nos encontramos neste dilema. Que vão essas ou aquelas doutrinas para onde quiserem. Não nos encontramos entre uma submissão à União Soviética ou aos Estados Unidos. Tenho uma posição inequívoca quanto a isto. Mas tenho aquilo que falta a muitos anticomunistas exaltados deste País, que é a coragem de dizer que os Estados Unidos da América, protegendo seus monopólios e trustes, vão espoliando e explorando esta Nação sofrida e miserabilidade. Penso com independência. Não penso ao lado dos russos ou dos americanos. Penso pelo Brasil e pela República. Queremos um Brasil forte e independente. Não um Brasil escravo dos militaristas e dos trustes e monopólios norte-americanos. Nada temos com os russos. Mas nada temos também com os americanos, que espoliam e mantêm nossa pátria na pobreza, no analfabetismo e na miséria.

Estes que muito

elogiam a estratégia norte-americana querem submeter nosso povo a esse processo de esmagamento. Mas isso foi dito pelo ministro da Guerra. Isto quer dizer que S. Exa. tomara' todas as medidas contra o Rio Grande. Estou informado que todos os aeroportos do Brasil, onde pousam aviões internacionais de grande porte, estão guarnecidos e com ordem de prender o sr. Joao Goulart, no momento da descida. Há pouco falei, pelo telefone, com o sr. Joao Goulart, em Paris, e disse a ele que todas as nossas palestras de ontem foram censuradas. Tenho provas. Censuradas não nos seus efeitos, mas a rigor. A companhia norte-americana dos telefones deve ter gravado e transmitido os termos das nossas conversas para essas forças de segurança. Hoje eu disse ao sr. João Goulart: decide com o que julgares conveniente. Ou deves voar, como eu aconselho para Brasília, ou para um ponto qualquer da América Latina. A decisão é tua! Deves vir diretamente `a Brasília correr o risco e pagar pra ver. Vem. Toma um de dos teus filhos nos braços. Desce sem revólver na cintura, como um homem civilizado. Vem como para um país culto e civilizado como é o Brasil e não como se viesse a uma republiqueta, onde dominem os caudilhos, as oligarquias que se consideram todo-poderosas. Voa para o Uruguai, então. Esta cidadela da Liberdade, aqui pertinho de nós, e aqui traça os teus planos, como julgares conveniente.

Vejam, meus conterrâneos, se não é loucura a decisão do ministro da Guerra. Vejam, soldados do Brasil, soldados do III Exército! Comandante, general Machado Lopes! Oficiais, sargentos e praças do III Exército, guardiões da ordem da nossa Pátria. Vejam se não é loucura. Este homem está doente! Este

homem está sofrendo de arteriosclerose, ou outra coisa. A atitude do marechal Odílio Denys é uma atitude contra o sentimento da Nação. Contra os estudantes e intelectuais, contra o povo, contra os trabalhadores, contra os professores, juizes, contra a Igreja. Ainda há pouco, conversando com S. Exa. Reverendíssima Arcebispo Dom Vicente Scherer, recebi a comunicação de que todos os cardeais do Brasil haviam decidido lançar proclamação pela paz, pela ordem legal. Não é 'a ordem do cemitério ou a ordem dos bandidos. Queremos ordem civilizada, ordem jurídica, a ordem do respeito humano. É isso. Desatino e Loucura

Vejam se não é desatino. Vejam se não é loucura o que vão fazer. Podem nos esmagar, num dado momento. Jogarão o país no caos. Ninguém os respeitara'. Ninguém terá confiança nessa autoridade que será imposta, delegada de uma ditadura. Ninguém impedirá que este país, por todos os meios, se levante lutando pelo poder. Nas cidades do interior surgirão as guerrilhas para a defesa da honra e da dignidade, contra o que um louco e desatinado está querendo impor à família brasileira. Mas, confio, ainda, que um homem como o general Machado Lopes, que é soldado, um homem que vive de seus deveres, como centenas, milhares de oficiais do Exército, como está sargenteada humilde, sabe que isso é uma loucura e um desatino e que cumpre salvar nossa Pátria. Tenho motivos para vos falar desta forma, vivendo a emoção deste momento, que talvez seja, para mim, a última oportunidade de me dirigir aos meus conterrâneos. Não aceitarei qualquer imposição.

Ordem só interessa a Brizola

Desde ontem, organizamos um serviço de captação de notícias por todo o território nacional. É uma rede de radioamadores, num serviço organizado. Passamos a captar, aqui, as mensagens trocadas, mesmo em código e por teletipos, entre o III Exército e o Ministério da Guerra. As mais graves revelações que quero vos transmitir. Ontem, por exemplo “vou ler rapidamente porque talvez isto provoque a destruição desta rádio “o ministro da Guerra considerava que a preservação da ordem “só interessa ao governador Brizola “Então, o Exército e ‘agente da desordem, soldados do Brasil?! E’ outra prova da loucura! “E ‘necessário a firmeza do III Exército para que não cresça a força do inimigo em potencial”.

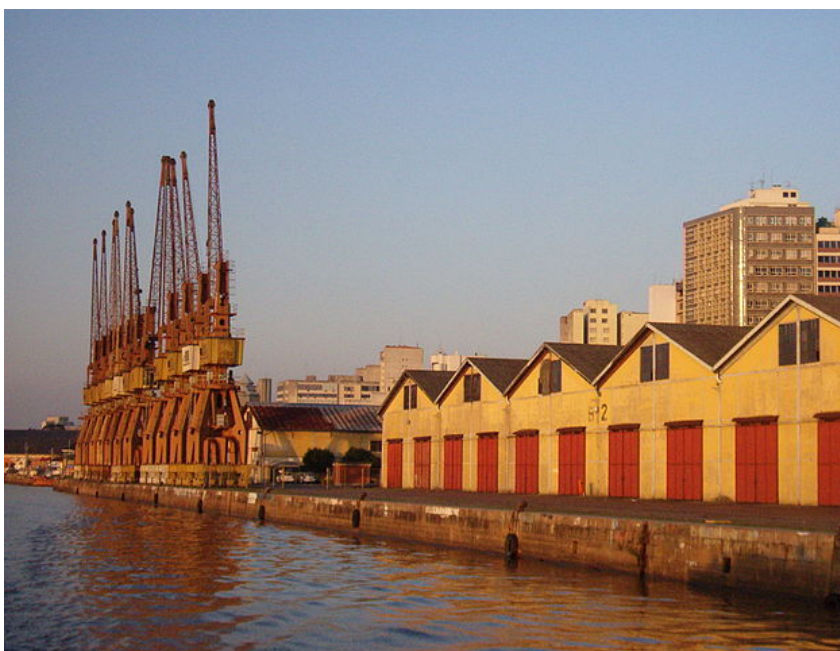
Dr. Nelson Heller

CAPÍTULO 21

DESCOBRINDO PORTO ALEGRE- RS.

“São Leopoldo ficava para trás em dezembro de 1961. Havia terminado o Serviço Militar no I6RO105 e resolvi tirar férias de dezembro de 1961 a fevereiro de 1962”

A Porto Alegre que conheci aos 8 anos, com as faíscas dos cascos de cavalos expelidas sobre os paralelepípedos das ruas da cidade, havia evoluído em 10 anos. A capital era agora bem mais



urbana e o transporte realizado pelos equinos, estava lentamente sendo substituído pelo automóvel, caminhonete e caminhões.

Foi num sábado, na primeira semana de fevereiro de 1962, minha despedida da Linha Júlio de Castilhos, distrito de Roca Sales, residência do pai Herrmann e da mãe Leontina. A maior incentivadora para que eu desbravasse Porto Alegre, foi minha mãe. Ela era a pessoa que aplicava injeções tanto intramuscular como endovenosa, palpitava sobre doenças normais da infância, parteira da Júlio de Castilhos, líder da Igreja Evangélica, também aqui teve a certeza de que eu não trabalharia na roça, enfrentando sol, chuva, o inverno rigoroso que fazia na época, pois seria de pouco futuro para seu filho Nelson. Eu tinha o irmão Henélio, dois anos mais velho, que morava com os pais e seguidamente necessitava de acompanhamento médico.

Naquele sábado de fevereiro a despedida da família foi emocionante, pois sabiam pela minha determinação que certamente não mais iria trabalhar na roça, nos 14 hectares da nossa propriedade.

Peguei acompanhado de minha mala, calças, camisas, casacos e todo material necessário para me instalar em qualquer aposento em uma rua de Porto Alegre. Peguei o ônibus que me levou à rodoviária de Roca Sales, o trajeto era feito em 30 minuto. Na rodoviária comprei a passagem para Porto Alegre. O nome da empresa era o Expresso Azul, um ônibus de linha que pegava passageiros também pelo caminho. Saímos de Roca Sales às 7 horas e chegamos às 12 horas em Porto Alegre. Paramos na rodoviária em Estrela onde no restaurante comi um pastel de carne e uma xícara de café com leite. Minha mãe também preparou sanduiche para minha chegada à Porto Alegre.

No trajeto à Porto Alegre, sentado no ônibus na terceira fila na janela, pude contemplar a paisagem das terras de Taquari e me pus a contar por vezes as porteiras das propriedades, com arame farpado, para manter o gado nas propriedades.

Estávamos cada vez mais perto da Capital e às 11:45, cheguei a Porto Alegre. Meu pai sugeriu que procurasse uma pensão, que ficaria na avenida Independência. no número 480. Munido de minha mala, com meu rádio de pilha e um relógio de pulso da marca Heloisa, cheguei à pensão. O dono era um sujeito alto, com cara de português, chamado sr. Luiz. Muito simpático, me encaminhou a um

aposento no segundo andar e por sorte ficava de frente para a avenida. A rua era bastante movimentada e após acomodar roupas, material higiênico e os sapatos no quarto, fui logo conhecer as redondezas.

Ao passar pela portaria da pensão, expliquei ao sr. Luiz que logo na segunda-feira iria procurar emprego e daria como garantia o meu relógio e o meu rádio de pilha. Falei também que já estava matriculado no Colégio Emílio Meyer, que ficava no Bairro da Glória, no 2º Científico. Sabendo das intenções dos meus estudos, o sr. Luiz me dizia que achava que não teria dificuldade em arrumar emprego, visto que havia feito curso de datilografia e batia máquina com razoável rapidez.

Ao passear pela Independência, na subida da avenida, deparei com a sede da Ospa, Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e logo me imaginei sentado assistindo a uma peça da Orquestra. O gosto pela música clássica adquiri no Instituto Pré-Teológico em São Leopoldo, pois era rotina as apresentações de música erudita, nas noites de sábado, no Auditório do Colégio Sinodal.

Na manhã da primeira segunda-feira na Cidade fiz uma relação das empresas nas quais iria me apresentar para um emprego. Bati na porta da Importadora Mesbla que ficava a duas quadras da minha residência. No departamento pessoal da Empresa me apresentei, juntamente com meu Curriculum. Falei que gostaria de trabalhar no departamento pessoal pela experiência que teria em redação e curso de datilografia. O gerente após me entrevistar, me falou da necessidade da empresa de ter um

Montador de Bicicletas, visto a Mesbla ser uma grande importadora de bicicletas da marca Monarck, da França.

Como tinha experiência em bicicleta, pois possuía uma em Roca Sales, da mesma marca, fui selecionado para ser Montador de Bicicletas da Mesbla.

Na mesma segunda-feira me apresentei no setor, onde encontrei o grego, um sujeito baixinho, gordo e com as mãos sujas de graxa. Quis cumprimentá-lo com a mão direita, mas no momento me esticou o braço, visto que a mão estava suja. De cara o grego gostou de mim, pois viu a vontade que eu tinha de trabalhar. Claro, primeiro emprego não se joga fora por nada. Os dias de fevereiro estavam chegando ao fim e no dia 1º de março, à noite, às 19:30 iniciava o 2º Científico no Emilio Meyer, no bairro Glória, em Porto Alegre.

O expediente encerrava às 18 horas e o tempo de uma hora e meia era suficiente para um banho, lavar as mãos com benzina e sabão e me dirigir ao bairro Glória, local do Colégio.

Naqueles tempos, em 1962, Porto Alegre era uma cidade bucólica, cruzada em todos os bairros pelos bondes, que faziam o transporte de passageiros da capital, pois toda a Independência, Centro, João Pessoa, IAPI e tantos outros bairros eram excelentemente servidos por bondes. Seria a Porto Alegre hoje comparada à cidade de São Francisco, nos Estados Unidos. Pegava o bonde na Independência e o mesmo me deixava na esquina da Borges de Medeiros com a Riachuelo, do Centro cruzando a avenida João

Pessoa logo atingia o bairro Glória, em frente ao Colégio Emilio Meyer.

CAPÍTULO 22

MONTADOR DE BICICLETAS NA MESBLA
MORADIAS EM PORTO ALEGRE

Na rua Sarmiento Leite 1082, foi o local da primeira residência que tive na nossa capital.. Quando cheguei a Porto Alegre, consegui colocação na Mesbla, como Montador de Bicicletas. Ao fazer um teste para a admissão, recebi um enorme carinho no Departamento Pessoal. Eu havia feito um curso de datilografia no Curso Duque de



Caxias, na rua General Câmara, mas ainda não estava apto a prestar a prova na máquina, pois exigiam na época, um número muito expressivo de batidas, com o mínimo de erros. Eu nem me apresentei para a prova. Queria trabalhar em qualquer setor. Fui selecionado para o departamento de montagem de bicicletas, da marca Monarck, da França. No setor trabalhava um senhor baixo, atarracado, forte, o grego, que era o chefe no setor de montagem. Fui muito bem recebido por ele e logo dei início ao serviço de montador de bicicletas. As mãos ao final do dia ficavam todas pretas, sujas de graxa. Havia necessidade de usar benzina, para limpá-las adequadamente, ao final do dia. Frequentava as aulas do Colégio Emílio, que ficava no bairro Glória, na época em que toda a cidade era cruzada por bondes. Havia bondes para o bairro Menino Deus, João Pessoa, Glória, Partenon, Independência, Assis Brasil e também outros bairros. Eu pegava o bonde da avenida Independência, me dirigia até a rua Riachuelo, esquina com a avenida Borges de Medeiros. Da Riachuelo pegava o

bonde, cruzava a avenida João Pessoa, rua Azenha em frente ao Olímpico, ao bairro Glória, onde se localizava o Colégio Emilio Meyer. Na Instituição cursei o 2º e o 3º científico. Fiquei no 2º científico ano de 1962 até outubro morando na Independência, 480. Da Independência fui morar numa República na Sarmiento Leite, 1082 local onde moravam bolivianos, que estudavam Medicina na Casa de seu Luíz. Eram aproximadamente 10 acadêmicos, eles vinham na cota para estrangeiros, que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul oferecia. Era um total de 10% dado a estrangeiros.

Na pensão encontrei o Valdo Arrazoa e o Cambita que eram da Bolívia. O Valdo era de La Paz e o Cambita de Cochabamba. Mais tarde fui saber que os habitantes de Cochabamba eram chamados de Cambitas.

O Cambita estava no 2º ano de Medicina. Tinha TOC, Transtorno Obsessivo Compulsivo, pois tinha mania de lavar as mãos. Ficava por horas lavando as mãos na pia, usando sabonetes. Nestes momentos preferia ficar sozinho e em silêncio e não gostava que ninguém o observasse.

O Valdo havia cursado o 1º, 2º ano de Odontologia, mas mudou de curso e já estava quase em vias de se formar em Medicina. Havia nele um problema de saúde sério, que não sabíamos do que se tratava. Eliminava frequentemente solução esverdeada pelo nariz e exalava um cheiro horrível, como se fosse algo podre. Por isto era evitado pelos colegas. Mais tarde, quando voltou à Bolívia, me escreveu uma carta, quando já estava em Lapas, dizendo que a doença se tratava de Ozena. A doença é causada porque

a área respiratória fica muito alargada e para diminuir o espaço é necessário incluir lâminas de silicone em ambos os lados do septo nasal. Respondi a carta, dando o tipo de tratamento, mas faz mais de 30 anos que não tenho resposta.

No 3º Científico passei a trabalhar no Sul banco, pois havia melhorado muito minha destreza na máquina de datilografia. O Sul banco ficava na avenida Farrapos esquina com rua Barros Casal. Trabalhava no segundo andar e meu chefe era o Guido. Eu era encarregado de bater as matrizes do banco e a tinta usada, quando impregnada nas mãos, era difícil de remover. Na metade do científico sai do Sul banco e fiz concurso para o Banrisul, como Auxiliar Administrativo. Fui logo nomeado, pois o Banco iria inaugurar a nova sede, recém construída na Praça da Alfandega. É um prédio majestoso, luxuoso, no qual eu iria trabalhar na Carteira Agrícola do Banco, que ficava no 4º andar do novo prédio. Fazia expediente à tarde, no período das 12 às 18 horas. Este horário me possibilitava de frequentar o Curso Pé -Vestibular Mauá, que ficava na rua dr. Flores. À noite cursava o 3º Científico a partir das 19:30 horas no Colégio Emílio Meyer, no bairro Glória. Meu chefe na Carteira Agrícola do Banrisul era o seu Cleber. Um sujeito típico gaúcho, fazendeiro do Alegrete. Fumava palheiro dentro de sua sala, pois na época não havia a proibição de fumar em ambientes fechados. Foi uma temporada linda no Banrisul. Trabalhei somente um ano, pois passei no vestibular para o curso de Odontologia, da UFRGS, que ficava localizada na rua General Vitorino, próximo a Santa Casa.

Fiz vestibular para Medicina e Odontologia da UFRGS e passei em Odontologia. Tive que pedir demissão do Banrisul, pois o horário do banco não era compatível com o horário das aulas. Descobri que podia trabalhar com vendas. Inicialmente trabalhei com produtos de limpeza de São Paulo, fazia entrevistas com pessoas das mais diferentes profissões, sobre índice de satisfação dos produtos. Quando meu círculo de conhecidos chegou ao fim, descobri que havia um amigo que vendia relógios despertadores vindo do Paraguai. Eram lindos e banhados a ouro, baratos e deixavam uma margem de lucro razoável. No mês de agosto, cursando o 1º ano na Odontologia, resolvi me preparar novamente para o vestibular de Medicina. Estudei nas horas em que a Faculdade me permitia. Fiz a inscrição na Medicina da UFRGS e Faculdade Católica de Medicina. Logrei classificação nas duas, com o lugar 39º na UFRGS e 15º na Faculdade Católica de Medicina.

Antes em 1964, fiz o vestibular para a Odontologia. Em janeiro fiz minha matrícula e em março iniciava o curso. Minha grande dificuldade passaria ser o meu sustento a partir de então, pois tive que pedir demissão do Banrisul, uma vez que o horário que trabalhava não era compatível com o curso de Odontologia. No vestibular logrei classificação dezenove e um grande amigo do curso era o Quarentinha, de São Leopoldo, nome dado porque havia logrado classificação como último vestibulando. Tinha colegas como o Rui Meira, o Xicrinha, Dr. No e havia várias mulheres no curso. Professores que eram os meus na época, como o Waldemar Meira, dr. Louro, tornaram-se

profissionais de referência na nossa cidade. Uma das mulheres do curso era Jane, que se tornou destaque na Odontologia. Uma das matérias que mais gostava era Materiais Dentários. Cada aluno era obrigado a esculpir determinado dente humano com todos os detalhes. A mim coube esculpir um dente pré-molar. As proporções, ranhuras, saliências e borda da mordedura tinham de ser perfeitas. A escultura era feita em blocos de cera amarelo claro.

Também aqui recebi um apelido, de Galo. Pois tinha um redemoinho na vasta cabeleira comprida que usava na época. A Faculdade funcionava na rua General Vitorino. Havia um colega que se destacava na turma, o Limonge, que mais tarde tornava-se professor na ULBRA, em Endodontia e acabou sendo professor do meu filho, Odontológico dr. Günther Heller. O colega Wilde jogava basquete no time de São Leopoldo. Minha vontade de seguir na área da Medicina veio de bem longe. Aos 5 anos fui submetido a uma cirurgia de hérnia inguinal, no Hospital Roque Gonzales, em Roca Sales. Fui operado pelo competente cirurgião o dr. Conceição. Fez a anestesia a Irmã Érica, que aplicava uma máscara éter.

Durante o ano em que estudava Odontologia e agora no primeiro ano de Medicina, me virava financeiramente como podia: Comprava relógios despertadores, folhados a ouro, lindos e os vendia de porta em porta. Explicava ao comprador a minha condição de estudante de Medicina e normalmente não havia dificuldades em concluir a venda.

Na época o professor Francisco Marques Pereira era o diretor da Faculdade de Medicina, Secretário de Saúde do Estado e dono do Laboratório e Banco de Sangue Marques Pereira. O professor Marques Pereira, professor Galba e o professor João Pedro Marques Pereira, eram meus professores de Histologia e Microbiologia e eram ao mesmo tempo donos do Laboratório Marques Pereira. A eles fui pedir uma oportunidade de trabalhar no laboratório. Na época os doentes terminais e os que sofriam de anemia grave, eram tratados em casa, com transfusão de sangue.

O laboratório era chamado a domicílio e o médico punccionava uma veia e eu continuava a ficar na casa do paciente e controlava os pingos de sangue que o especialista determinava que deveriam ser infundidos, por minuto, no braço do paciente. Por vezes ficava até as 4 horas observando a infusão. Próximo ao término, uma ambulância me pegava e em geral havia outra transfusão para que eu a acompanhasse.

Lembro-me de uma transfusão que realizei na rua Vilagran Cabrita, em que o dr. Galba recomendou um papa de glóbulos, pois o paciente estava muito caquético e só podiam ser transfundidos 15 gotas por minuto. Lembro-me que fiquei quatro horas e meia na residência, passando a madrugada no local.

Ao fim do 2º ano de Medicina, fui nomeado no Concurso que fiz e logrei classificação, na Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Ao tempo era governador do Estado do RS, o Governador Ildo Meneghetti e este expediu uma ordem, que todo o acadêmico de Faculdade, poderia

se ausentar do trabalho quando tivesse em aula. Eu fiquei lotado na Secretaria da Agricultura do Estado do RS.

A Secretaria da Agricultura ficava localizada em uma rua, próxima hoje à Rodoviária da Cidade onde fiz grandes amigos, como seu Eno, Raul e Dona Maria, além da Terezinha.

Mesmo tendo permissão para sair e assistir às aulas, gostava de permanecer na Secretaria pelo relacionamento que tínhamos entre nós. Todos ficavam curiosos com meus estudos e me perguntavam como tinham sido as aulas. Meu chefe Kleber, foi um sujeito formidável, amigo e um bom vivante.

O terceiro ano de Medicina se aproximava e consegui transferência para o Serviço de Doenças Venéreas do Estado, que ficava na Av. João Pessoa, hoje denominada DST, Doenças Sexualmente Transmissíveis onde

tive a oportunidade de trabalhar com o professor dr. Raul Müller, dermatologista, também na disciplina de Dermatologia da UFRGS.

As prostitutas da cidade, principalmente as que trabalhavam em bordéis oficiais de Porto Alegre, como por exemplo a Maipú, a 113, e a Dorinha, assim chamadas, tinham que ter carteirinha de saúde, pois somente liberadas por nós, poderiam oficialmente trabalhar.

Na época ainda não havia a AIDS, sendo que as patologias transmissíveis principais eram a gonorreia, crista de cavalo, também denominado Condiloma Acuminado, causado pelo Papiloma vírus humano HPV, existindo atualmente mais de

100 tipos de HPV e alguns podem causar câncer, principalmente do colo uterino e ânus e a sífilis, doença altamente transmissível, mas facilmente tratável.

Examinávamos em torno de 30 mulheres na proporção de 10 homens ao dia. O material era colhido e o tratamento ministrado. Para a sífilis eram administradas 10 ampolas de Penicilina Benzatina, na dosagem 1.200.000 mg e a cura é 100% curável. O problema era, porém, a reinfeção e por isso as personagens do sexo tinham que se apresentar a cada 3 meses, para terem regulamentadas suas carteiras de saúde. Na época o controle era muito sério, mas que caiu totalmente no esquecimento dos gestores públicos atuais, levando isto a uma contaminação das DST no nosso meio, acrescentando agora a AIDS, que até o momento não tem cura, somente controlada através de coquetéis, cada vez mais agressivos.

O estágio no Serviço de Doenças Venéreas chegava ao fim, pois havia feito concurso para a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, para o cargo de Auxiliar de Portaria. O dr. Singelo era o diretor geral da Assembléia Legislativa e a srta. Loiva era sua secretária. Me perguntou, sabedor que eu era quartoanista da Faculdade de Medicina da UFRGS, se não teria problema em ser lotado na Portaria da Casa e teria como função servir cafezinho em diferentes setores. Sabia eu que o tempo estava a meu favor e certamente não demoraria muito a ser transferido para melhor Diretoria. O chefe da Portaria era seu Matos, sujeito bonachão e muito amigo. Logo me designou para trabalhar no Plenário da Casa. Isto me deu a oportunidade de

conhecer os parlamentares da casa e tornar-me conhecido e amigo deles. Isto surtiu logo efeito nos primeiros meses, quando fui transferido para o Serviço de Saúde da Assembleia Legislativa, onde

encontrei meu chefe: O dr. Ângelo Arthur Gianotti, o dr. Luiz Handler sujeitos muito queridos. Havia também o dr. Gilberto Brasil e o dr. Elmes Andreis e o dr. Vinicius Horta de Castro muito amigos meus. Na enfermagem trabalhava o lendário enfermeiro Mário Macalão, que antes havia trabalhado no Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre. Sujeito muito capaz e fazia as injeções e curativos como poucos. Era auxiliado pelo enfermeiro Luís Estima e pela enfermeira Fátima que infelizmente veio a falecer muito jovem, de um AVC, pois era hipertensa grave. No Serviço de Administração salientou-se a Zaída, dona Vilma, Mimi e a Vera, excelentes funcionárias e amigas.

Na Diretoria de Saúde havia também o Serviço de Odontologia, onde trabalhavam os odontólogos dr. Oto Domenico Grings, chefe do Serviço de Odontologia, dr. Fachel, dr. Antônio Souto, dr. Cláudio Koch, dr. Adil Oliveira, dra. Vera e dra. Maria de Lourdes Madeira e por curto tempo o dr. Nelson Baldur Poy

Maria da Graça Lenusa era auxiliar na Odontologia e dona Maria era casada com o sr. Nei, um sujeito muito querido e amigo meu. Com dona Maria tinha até pouco tempo uma amizade muito próxima e nos telefonávamos regularmente, mas faleceu recentemente.

No Serviço Médico quando ainda acadêmico na Medicina, logo consegui uma função que me agradava muito. Fui

designado pelo dr. Ângelo Gianoti a fazer as visitas a domicílio. Tanta confiança tinha em mim, que me designava a fazer diagnósticos e na dúvida, trazer o paciente à presença dos médicos da casa.

Na época, durante o ano, a Assembléia Legislativa funcionava muito à noite e nos fins de semana. Eu completava meu horário nestes expedientes e também em comissões da casa.

A Assembléia Legislativa tinha um Centro de Funcionários, CEFAL, que está localizado em Belém Novo, onde nos fins de semana jogávamos futebol de salão. Tínhamos um time que era integrado por mim, centroavante, Trajano Gusmão goleiro, Ivo Sartori, ex-governador do Estado, dr. Ângelo A. Gianotti, Ângelo Segato, jornalista, dr. Oto Domenico Grings e o deputado Caetano Peruchin. Jogávamos em geral nos sábados pela manhã e almoçávamos no CEFAL. Recentemente tive o prazer de levar nossa foto do time de futebol, emoldurada, entregando-a ao ex-governador José Ivo Sartori.

Nosso técnico do time de futebol de salão era o Pena, que me apelidou de Homem Borracha, pelo fato de cair durante o jogo e nunca me machucar.

Havia motoristas da Casa que nos levavam às visitas domiciliares. Ainda durante o curso de Medicina fiz concurso para auxiliar bolsista do Hospital de Pronto Socorro. Só havia 7 vagas para as duas Faculdades de Medicina e eu tive o prazer de obter classificação em segundo lugar. Foi um ano muito importante para minha formação como médico, pois todas patologias e acidentes

graves do RS, SC e mesmo do Paraná, chegavam para procurar tratamento no HPS, como é chamado o Hospital ainda hoje.

Me lembro de um acidente em Gravataí em que o paciente chegou sem a orelha e a mandamos buscar no local do acidente e implantamos a cartilagem na região retro auricular, para em tempo posterior ajudar na reconstrução do órgão.

Paralelamente a todo este trabalho que realizava ainda era ajudante cirúrgico na Enfermaria 13 da Santa Casa.

Era uma enfermaria de cirurgias ginecológicas onde o cirurgião e amigo dr. Aldo Giudice Ciâncio fazia clínica e cirurgias ginecológicas. No quinto e sexto ano da Medicina eu já realizava, principalmente as perineoplastias anteriores e posteriores, sempre bem assistido pelos mestres. Outro departamento que funcionava na Enfermaria era a Cirurgia Torácica que tinha como chefe o professor Rodolfo Merkseits e também o dr. Percy Schreck e o dr. Rubem Weiss, cirurgiões para todas as obras. O dr. Rodolfo fazia principalmente cirurgias por câncer de esôfago e esofagocoloplastias em pacientes que haviam tentado suicídio, ingerido soda cáustica, mas em geral não morriam pela ingestão da soda, mas eram acometidos de uma estenose do esôfago o que as impossibilitavam de ingerir alimentos sólidos e nos casos mais graves nem água passava pelo esôfago e os pacientes para se recuperarem, peso e saúde, eram alimentados no pré-operatório com alimentação parenteral. A enfermaria 13 foi muito importante para a minha formação cirúrgica. Ao lado da

enfermaria funcionava a enfermaria de patologias oculares, onde atuava o cirurgião plástico dr. Auri Hilário. Acompanhava-o nas cirurgias plásticas de pálpebras e na cirurgia de ptose palpebral. Foi um dos primeiros contatos que tive com a Cirurgia Plástica.

Um fato que mereceu destaque no 6º foi o convite que recebi do dr. Marafon que me pediu para substituí-lo nas férias de fevereiro, no ano de 1970 na cidade de Quilombo, Santa Catarina. Foi um mês de intenso trabalho onde atendi a toda clínica do município, pequenas cirurgias, partos e cesarianas. Lembro-me que o primeiro parto que fiz foi da esposa do delegado do município. Nasceu um lindo bebê e toda enfermagem estava eufórica com o nascimento do primogênito da esposa do delegado municipal.

O trajeto de Porto Alegre a Quilombo fiz com meu Fusca marrom, 1200, comprado ainda no ano anterior. O mês chegou ao fim e eu havia ganho 8.900 mil. Foi uma grande importância, que correspondia a um ano de trabalho na Assembleia do Estado do RS.

O meu primeiro Fusca 1200 marrom, comprei do dr. Danúbio, odontólogo, um sujeito muito querido que havia até instalado um termômetro no carro. Se emocionou ao me entregar as chaves do carro.

CEUACA – Casa Do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida, na rua Riachuelo 1355 em Porto Alegre RS.

Realmente é um nome longo. Foi dado o nome de CEUACA, porque são as iniciais do filho do dono do edifício, que morreu numa emboscada comunista, ala da qual o

jovem pertencia. Em vista disto os pais resolveram doar o prédio que ficava na rua Riachuelo nº 1355, no Centro, para que ele servisse de abrigo aos jovens universitários pobres que chegavam à capital para estudar.

Havia nela uma diretoria com todos os cargos, presidente, secretário, tesoureiro e um colegiado de 10 estudantes anualmente eleitos. Morava em 1964 na casa e seguidamente o DOPS fazia ingerência na casa, pois diziam que ali moravam estudantes comunistas. Um fato relevante que aconteceu em 1964, foi a invasão da casa com a polícia montada a cavalo. Lembro-me de ficar escondido debaixo da minha cama por ocasião de uma incursão do DOPS dentro da casa. Muitos colegas lá moravam, mas vou citar somente com os quais convivi mais de perto: Sérgio Caparelli, Danilo Merljak, Roberto Bellora, Fernando dos Santos, Nelso Tomazelli, Paulo Greganich e Gilberto Von Kossel que veio a falecer recentemente em um acidente de automóvel.

A vida na casa era interessante. Nós mesmo realizávamos toda a administração. Desde a decisão de quem iria morar na casa. Na casa funcionava um restaurante que servia 100 refeições por dia, também para estudantes que não moravam na casa e eram chamados de comensais e recebiam uma carteira especial.

A cada 15 dias, dois estudantes eram encarregados de fazer as compras no mercado: carne, salada, arroz, feijão e toda mercadoria para o funcionamento do restaurante. A casa também tinha um ambiente, onde aos sábados à noite, eram realizados os bailes semanais. Recordo que

destes bailes, muitos casamentos se realizavam. Toda a organização do baile, portaria, secretaria, segurança, era feita pelos moradores.

Porto Alegre era uma cidade bucólica. As charretes puxadas por cavalos foram substituídas, aos poucos, pelo transporte a bondes, carros e caminhonetes. Todos os bairros da cidade eram entrecruzados por trilhos de bondes.

No horário do meio dia e à tardinha, saíamos da rua Riachuelo, descíamos a avenida Borges de Medeiros, cruzávamos o Cinema Vitória e íamos tomar um café no Restaurante Ryan, que ficava na rua da Praia quase esquina com a General Auto.

Antes de retornarmos à Casa do Estudante, fazíamos um tempo em frente à Casa Masson que ficava próxima a esquina da Av. Borges de Medeiros, com a Rua da Praia onde também se localizava a lendária Casa Sloper.

CAPÍTULO 23

CURSO DE MEDICINA
UFRGS - PORTO ALEGRE - RS

Iniciamos o Curso Médico, tendo como o primeiro ato, a conferência magistral de início do ano letivo, proferida pelo Diretor da



Faculdade de Medicina da UFRGS, o ilustre professor Francisco Marques Pereira, no lindo Auditório da Faculdade de Medicina, localizado no segundo andar, na avenida Sarmiento Leite. O acesso ao local dá-se por duas lindas escadas, ladeadas por belos balaústres, que sobem a cada lado no interior do majestoso prédio. Até um sol, no dia, deslumbrante, iluminava o interior do casarão. Ao término da Conferência Magna, a Turma Médica, de 1965, recém empossada no primeiro ano letivo, foi encaminhada ao recinto do prédio da Anatomia Humana, localizada no porão da Faculdade, cuja Disciplina iria nos acompanhar por todo o ano letivo. No recinto havia umas 25 estruturas de aço, sobre as quais repousavam os cadáveres, previamente preparados para as dissecções, pelo professor Paolo, um italiano que escolheu o Brasil para exercer suas atividades acadêmicas, juntamente com mais outros professores da Disciplina de Anatomia, os professores, Nicanor Letti, Taufik Saadi e Basilicia de Souza Catharina. Nosso cadáver era do sexo feminino, excelentemente preparado para os

estudos anatômicos. Em cada cadáver estudavam aproximadamente sete a oito acadêmicos e os meus colegas eram: Ivonei Moreira Guedes, Altemir Gralha, José Guimarães, Augusto Guazzelli, Jorge Luís Gross, Setsuko Hirata e Vitor Jakobson e eu Nelson Heller. No segundo ano letivo, o pavor era a Disciplina de Bioquímica, cujo catedrático era o professor Twiskon Dick, em cuja matéria muitos colegas repetiam o ano e Walquiria, Lenita e Clovis Wannmacher. Na Cadeira de Anatomia Patológica havia o professor Graudens, como principal figura acadêmica e pela Disciplina de Histologia respondiam os professores Galba e professor Joao Pedro Marques Pereira, este filho do Diretor professor Francisco Marques Pereira, em cujo Laboratório e Banco de Sangue eu trabalharia a partir do segundo ano acadêmico.

Durante o curso de Medicina, trabalhava na Enfermaria 13 da Santa Casa. A partir do 2º ano de Medicina era permitido ao acadêmico, depois de passar por um treinamento, fazer o Serviço de Anestesia da Enfermaria, que antes era realizado pelas irmãs (Schwesters) da Santa Casa. Eu fazia anestesia para o dr. Rodolfo Merkseits, dr. Aldo Giudice Ciâncio, dr. Percy Schreck e dr. Rubem Weiss e também era esporadicamente chamado pelo dr. Luiz Osório, catedrático da Disciplina de Oftalmologia da UFRGS, para as cirurgias de catarata que o mesmo realizava. Eu havia comprado um aparelho de anestesia, moderno para a época, chamado TAKAOKA, que fazia a anestesia normal, automática, cadenciada com a respiração pulmonar. Também possuía uma caixa para anestesia, no qual eu carregava os anestésicos, Éter, Brietal Sódico, Taquicurim

e Thionembutal. Pela capacidade que possuía na anestesia, eu era muito solicitado pelos cirurgiões da Enfermaria 13 e na Cadeira de Oftalmologia. Comecei também a ser solicitado a fazer anestésias no interior do Estado, principalmente nas cidades de Santa Cruz e Monte Alverne, onde a família de Rubem Weiss possuía um hospital.

Quando cheguei na metade do 4º ano do curso de Medicina, eu já havia dado a minha colaboração como anestesista e com a supervisão dos mestres da Enfermaria 13, principalmente o dr. Rodolfo Merkseits e o dr. Aldo Giudice Ciâncio, iniciei com procedimentos cirúrgicos. Iniciávamos com a cirurgia do períneo feminino, realizando a perineoplastia posterior e anterior. Somente no sexto ano, com a supervisão de um dos cirurgiões da Enfermaria, entrávamos nas cirurgias de tireoidectômica e esofagocoloplastia, realizada pelos cirurgiões da Enfermaria. Da enfermaria 13, eram solicitados, quando os acadêmicos estavam no 6º ano, a substituir médicos do interior, principalmente nos meses de janeiro e fevereiro, quando os mesmos tiravam suas férias.

Foi o meu caso, que substituí o dr. Marafon, em Quilombo, Santa Catarina no mês de fevereiro do ano de 1970, quando estava no 6º ano da Medicina.

A viagem a Quilombo durou aproximadamente 7 horas. No hospital trabalhavam Irmãs católicas, que faziam todo o Serviço de Enfermagem. Quando cheguei, o dr. Marafon me apresentou a todo o corpo de funcionários, o delegado do Município e o prefeito da cidade, dizendo a todos que

deixaria o Hospital e a cidade em boas mãos, pois havia feito uma pesquisa nos formandos do 6º ano das duas Faculdades de Medicina de Porto Alegre e havia optado por mim, pelas experiências cirúrgicas que apresentava, por haver trabalhado no HPS e também na Enfermaria de Cirurgia 13 da Santa Casa e na enfermaria 37 de clínica médica e cardiologia. Eu realmente me sentia apto, pois já havia operado inúmeros pacientes, realizado 18 partos no meu estagio na obstetrícia e realizado inúmeros procedimentos ginecológicos e outros da cirurgia geral. No primeiro fim de semana em que trabalhei em Quilombo, chegou na madrugada do sábado, a mulher do delegado, grávida de 9 meses e estava em trabalho de parto. Com segurança e determinação, examinei a mulher do delegado e pelo exame do colo do útero, cheguei à conclusão de que o nascimento estava próximo e não deu outra, pois ao cabo de duas horas, nasceu um lindo bebê menino e vejam esta criança hoje está com 50 anos e realmente estou curioso e gostaria de um dia voltar à Quilombo, somente para conhecer a pessoa do meu primeiro parto na cidade de Quilombo, realizado no mês de fevereiro de 1970, ano da minha formatura, mas como após uns dias após o parto me afastei da cidade e não soube nem o nome dado à criança que ajudei a chegar ao mundo.

CAPÍTULO 24

FORMATURA NA MEDICINA DA UFRGS
E RESIDÊNCIA MÉDICA

Me formei na UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Medicina, em 1970. À formatura acorreram amigos da CEUACA, Casa do Estudante Aparício Cora de Almeida, situado na



rua Riachuelo 1355, no centro de Porto Alegre e compareceram várias famílias de Cerro Grande do Sul, Tapes, Camaquã, Porto Alegre, funcionários da Assembleia Legislativa do RS, de Roca Sales, Novo Hamburgo e outras cidades. Pessoas chegaram de ônibus e carros. Meus pais e irmãos já moravam em Canoas e estavam apreensivos com o momento.

Foi dezembro, dia 04 de 1970. Cedo da tarde já deixamos preparados nossos bonés pretos enfeitados, com uma pena branca e um avental preto longo, completava a vestimenta. Ao subir no palco, deu para sentir a vibração dos meus convidados. Recebi o diploma do Diretor da Faculdade, professor Francisco Marques Pereira, que me proferiu lindas palavras, pois eu trabalhava no seu laboratório de Análises Clínicas na rua Marechal Floriano, em Porto Alegre. Disse-me o professor, ao pé do ouvido: Dr. Nelson, serás um grande médico. Estas palavras, ditas numa hora tão importante da minha vida, me encheram de orgulho ainda mais neste momento magico da minha vida.

A festa da formatura foi em Canoas, na Casa dos meus pais. Quando estava formado, não tinha decidido por qual área da Medicina iria me dedicar. Me inscrevi no Curso de Otorrinolaringologia da UFRGS, sendo o catedrático o professor Ivo Kuhl, seus assistentes eram os professores Nicanor Letti, Tito Livio Giordani, Israel Schermann, Dalva de Oliveira, Oswaldo Bruno Muller, Simão Pilcher, Arnaldo Linden, Nathan Goldenberg e Ênio Ribeiro.

Ao final do Curso fui a São Paulo, assistir a um evento de Cirurgia de Cabeça e do Pescoço no Hospital A. C. Camargo, Centro de Cirurgia do Câncer em nosso País. Participando do Curso e ministrando aulas, estava o professor Nilton Tabajara Herter, do Hospital Santa Rita de Porto Alegre. Acontece que o professor Nilton Herter havia perdido o seu anel de casado e o estava procurando e eu por uma sorte incrível o localizei.

Nos conhecemos nesta ocasião e dali fomos a um restaurante jantar. Neste ambiente traçamos o funcionamento do 1º Serviço de Cirurgia de Cabeça e do Pescoço, no Hospital Santa Rita, de Porto Alegre. O professor Nilton Herter era professor da Faculdade Católica da Medicina, do qual seu sogro, o professor Edgar Diefenthaler era Diretor e o dr. Nédio Steffen era especialista em patologias da laringe.

Logo obtivemos uma sala no Hospital Santa Rita para instalarmos nosso Serviço.

Nossa Clínica foi um sucesso total. Eu já havia feito um Curso de Cirurgia Plástica com o professor Ernesto Marques Silveira Neto, na Santa Casa de Porto Alegre, iria,

portanto, desenvolver a Cirurgia Plástica Reparadora no Serviço. O professor Nédio Steffen dedicava-se à laringologia e seus tumores correspondentes e o professor Nilton Herter dedicava-se à Cirurgia de Cabeça e Pescoço em si, era especialista também em Cirurgia Geral.

Trabalhamos assim durante vários anos, quando decidi reiniciar a minha formação em Cirurgia Plástica no Hospital Cristo Redentor, com os professores José Francisco Wechsler e professor Pedro Dejanir Escobar Martins. Logo, porém fui acompanhar por um longo período o professor Ivo Helcius Pitanguy, em sua clínica na rua Dona Mariana e na 37 Enfermaria na Santa Casa do Rio de Janeiro.

No Hospital Cristo Redentor acompanhava todo um leque da Cirurgia Plástica Reparadora, Queimaduras, Câncer da Face, Tronco e Membros, Reconstrução Mamária e outros procedimentos da Cirurgia Plástica Reparadora. O professor Pedro D. E. Martins também se dedicava à cirurgia estética e os procedimentos eram realizados em vários Hospitais da Cidade.

Terminada a Residência em Cirurgia Plástica, fui prestar exame para Titular Especialista da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, SBCP e fui aprovado. Mas minhas aspirações em alicerçar ainda mais meus conhecimentos na Cirurgia Plástica, me fizeram submeter a exames no Instituto Goethe de Porto Alegre, de Suficiência na Língua Alemã, pois já havia sido selecionado para estudar Cirurgia Plástica na consagrada Universidade Alemã, a Technischen Universität München, no Serviço de Cirurgia Plástica, cuja catedrática era uma mulher, primeira a

ocupar cargo tão importante na Universidade. Tratava-se da professora Ursula Schmidt Tintemann e seus assistentes eram os professores assistentes (em alemão Oberärzte), professores Wolfgang Mühlbauer, Edgar Biemer e Duspiva.

Antes de iniciar o curso em Munique, por três meses, frequentei em Düsseldorf, na Alemanha, no Kaiserswerth Hospital Anstalten, o Serviço de Cirurgia Plástica do professor Claus Walter. O profissional foi me recomendado pelo Consulado Alemão, que conhecia a fama do mesmo. Em Düsseldorf, o Hospital pertence à Rede Internacional Luterana, do qual também faz parte o Hospital Moinhos de Vento de Porto Alegre. Estagiava também no mesmo Hospital, um médico da África do Sul, o dr. Walton.

Fato interessante era um jovem paciente da África do Sul, que havia sido atacado por um cachorro e tinha deformidades graves do nariz e da face, o qual o professor Claus Walter estava tratando. O paciente por três semanas teve o braço engessado junto a face, para transferir tecidos ao nariz, seriamente danificado. Após quatro procedimentos, o jovem teve alta e saiu feliz com seu novo nariz reconstruído. O jovem teve uma linda festa de despedida, onde apareceram médicos que haviam participado do seu tratamento e também o staff da Enfermagem do Hospital de Dusseldorf.

Em Munique permaneci por um ano, acompanhando a professora Ursula Schmidt Tintemann, os assistentes, (Oberaertzte) Wolfgang Muhlbauer, Edgar Biemer e Duspiva e a seguir fui acompanhar o professor Rodolphe

Meyer, em Lausanne na Suíça, professor Jaime Planas em Barcelona, Espanha, professor Mc Gregor e Yan Jackson no Canniesburn Hospital em Glasgow, na Escócia, professor Hans Anderl e professor Wilflingseder em Innsbruck, na Áustria.